



MEIO AMBIENTE

Observatório vai monitorar condições da Caatinga na PB

Pesquisadores terão acesso a dados como temperatura, desmatamento e quantidade de água. **Página 19**

Foto: Marcos Russo



História e cultura vandalizadas nas ruas de JP

Os constantes ataques a obras de arte e homenagens a personalidades da história prejudicam a memória da capital paraibana. **Página 5**



Pensar

Especialistas discutem o conceito de *gaslighting*, palavra utilizada para designar um tipo de abuso psicológico.

Páginas 29 a 32

Foto: Evandro Pereira



Personagens que viraram "patrimônio" da cidade

Nas feiras livres de João Pessoa, comerciantes, clientes e "curiosos" ganham fama e dão "graça" ao local.

Página 7

■ "Pode-se dizer, sem medo de errar, que os ritmos e o hinário da Umbanda, da Jurema e do Candomblé são mais bonitos de que os das religiões ocidentais".

Sitônio Pinto

Página 2

■ "Infelizmente, há dirigentes que veem profissionais de comunicação como simples divulgadores ou organizadores de eventos".

Angélica Lúcio

Página 26

Paraibano voou antes de Santos Dumont

Natural de Mamanguape, Marcos Barbosa é considerado o inventor da asa delta e protagonista do primeiro acidente aéreo do mundo, segundo narra o monge Domingos do Loreto. **Página 25**



Foto: Arquivo Pessoal

Violência contra crianças precisa ser denunciada, diz especialista

Jamil Richene afirma que lutar pela garantia dos direitos das crianças é responsabilidade de governos e da sociedade.

Página 4

Atividades ligadas ao mar incrementam PIB do estado

A chamada "economia azul", que envolve desde a pesca e o transporte marítimo até o turismo, movimentou bilhões de reais.

Página 17

Gestores aderem ao orçamento democrático participativo

Municípios investem em audiências públicas para definir prioridades em obras e serviços, atendendo os anseios da população.

Página 13

Cine-Teatro São José: palco do Festival de Música da PB

Símbolo de resistência cultural de Campina Grande, equipamento, fundado em 1945, sediará primeira etapa do evento.

Página 9

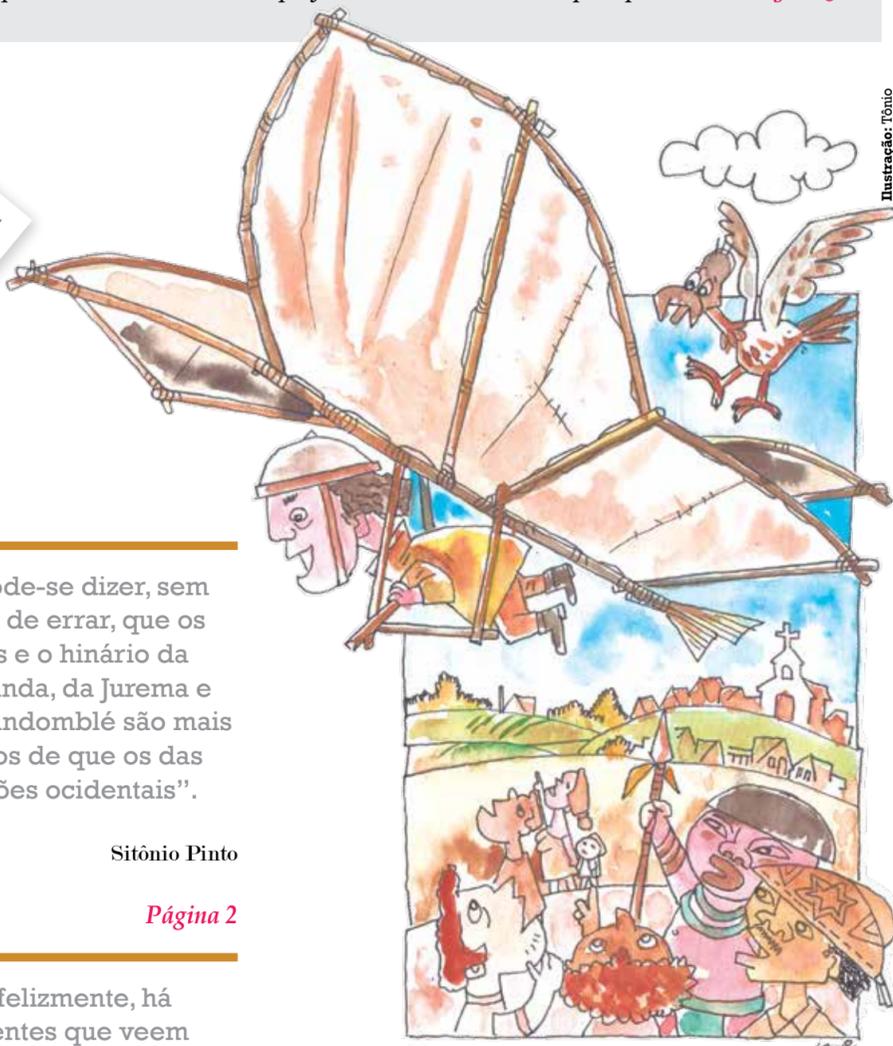


Ilustração: Tônio

Editorial

O selo da Seap

Quem teve a oportunidade de conhecer de perto a realidade de um sistema prisional sabe bem da importância das políticas públicas que têm por alvo a ressocialização de apenados. O poder público e a sociedade civil organizada devem se manter em luta permanente contra a disseminação da violência, única maneira de lograrem diminuir a população carcerária.

Associadas ao combate às diversas modalidades de injustiças, é fundamental que se inaugurem perspectivas concretas de ressocialização para pessoas privadas de liberdade, que cumprem alternativas penais ou aquelas egressas do sistema penitenciário, como faz o Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária (Seap).

Justifica-se, portanto, a celebração referente à concessão à Seap, pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública, do Selo Nacional de Responsabilidade Social pelo Trabalho no Sistema Prisional – Resgata, ação promovida pelo Departamento Penitenciário Nacional (Depen) em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud).

Destaque-se, novamente, pela relevância, o fato de ser esta a primeira vez que a Seap recebe premiação dessa magnitude, projetando - inclusive no exterior - as estratégias de ação social do órgão estadual, no sentido de incentivar e reconhecer o papel social do trabalho para as pessoas que já quitaram ou que estão quitando débitos contraídos com a Justiça.

Em vista disso, a Paraíba volta a inscrever seu nome no quadro nacional de estados com políticas públicas inovadoras, portanto, de largo alcance social, desta feita por conseguir, com o auxílio de instituições e empresas parceiras, aumentar o número de pessoas privadas de liberdade ou egressas do sistema prisional que passam a ocupar postos de trabalho.

É salutar, para a transformação social, a reinserção de pessoas oriundas do sistema prisional ao convívio na sociedade. A redução da reincidência criminal está em sintonia direta com a inversão dos índices de violência. O prêmio recebido pela Seap mostra que o sonho de uma coletividade pacífica não é impossível de se concretizar. Basta trabalhar para isso.

Artigo

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

As sarças de Canudos

“Cabocla, seu penacho é verde, seu penacho é verde... é da cor do mar... É a cor da cabocla Jurema...”

Como a sombra que cai n'água e não se molha, a sarça mosaica arde e não se queima. É um pé de acácia, escolhida por Javé como árvore de seu povo. O Google traz a sarça como arbusto, “seneh”, que deu “sinai”, ou “shittim”, da família fabácea. No Brasil, a popular jurema, que substitui o carvão no fabrico artesanal da pólvora, e foi assim empregado na Guerra do Brasil contra Canudos pelo povo sagrado do Conselheiro. Parasitada pela Loranthus acaciae, dá, ao longe, a impressão de arder. Digo assim, Guerra do Brasil, porque esta Nação enviou tropas de todos os estados contra o reduto sertanejo, deliberadamente, para caracterizar a intervenção militar como de caráter nacional.

E assim o pato, que não se molha ao mergulhar na água, o cisne, o ganso, o mergulhão, as aves aquáticas em geral. O atirador “sniper” tem esse nome dado a sua função, na Guerra da Independência Norte-Americana, de matar oficiais ingleses – estes vestidos com roupas berrantes – e parecidos, assim, com os “snipes” (galinhas d'água), um tipo de ave aquática endêmica do norte da Europa e dos Estados Unidos. Daí a denominação de “sniper” para o caçador de “snipe”.

Canudos ardeu e queimou, diferentemente do episódio em que Javé apareceu a Moisés, convocando o patriarca judeu a liderar e liberar os hebreus do jugo no Egito. Javé teria falado a Moisés de dentro da sarça (ou da jurema), e dado a ordem para ele libertar seu povo. Ordem que Moisés cumpriu. No Brasil, a Jurema é um os ramos da Umbanda, tida como a linha nacional dessa religião: “Sou de Umbanda, linha de Jurema”. É a linha de jurema cultivada pelos índios brasileiros. Hoje, mais do que nunca, mais do que sempre, a miscigenação religiosa, cultural e racial se faz presente na Umbanda, e mormente na Jurema, principalmente nas orações (Pai Nosso e Ave Maria, mas do que nos cânticos):

“Cabocla seu penacho é verde, Seu penacho é verde... é da cor do mar... É a cor da cabocla Jurema, É a cor da Cabocla jurema, É a cor da cabocla Jurema, Juremá É a cor da cabocla Jurema, É a cor da cabocla Jurema...”

Não fossem tão distantes no espaço e no tempo, poderíamos dizer que os pontos de Jurema e do Sinai seriam miscigenados entre si. Pelo menos, seus povos cantores seriam tão discriminados quanto, ambos cativos, um deles foi conduzido ao cativado nos navios negreiros. Uma semelhança que se faz sentir até no instrumental, entre adufes e atabaques, e nos toques – de Elu, de Ogan etc. (Bethania, A Cabocla Jurema).

Pode-se dizer, sem medo de errar, que os ritmos e o hinário da Umbanda, da Jurema e do Candomblé são mais bonitos de que os das religiões ocidentais. Tanto que deram origem ao blues e ao spiritual dos negros norte-americanos. Seja exemplo o ritual dos funerais de Nova Orleans, em que a música tocada na ida do sepultamento é uma, nostálgica, e a música executada na volta, é outra, em ritmo de carnaval – porque um irmão libertou-se da escravidão. (Queira ver os funerais de Nova Orleans, no YouTube), na ida para o cemitério e na volta, a exemplo de “Oh, when the saints go marching in / Oh, when the saints go marching in / Oh, Lord I want to be in that number / When the Saints go marching in...).

Não foi à toa que Louis Armstrong “Satchmouth” fez desse funeral sua característica musical, executada em todas as suas apresentações. A melodia da ida não podia ser mais melancólica, e a da volta, mais eufórica.

Ouçá Armstrong, hoje e sempre. Faz bem à alma e ao espírito.

“

A melodia da ida não podia ser mais melancólica, e a da volta, mais eufórica

Sitônio Pinto

Foto Legenda

Evandro Pereira



Embelezando a paisagem!

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com | Colaborador

Os “Borboletas Azuis”

A imprensa nacional voltou os olhos para Campina Grande naquele dia 13 de maio de 1980. Grande número de jornalistas e curiosos se postou em frente ao Templo Jesus do Horto, no bairro do Quarenta. Naquele local concentravam-se os membros da seita “Borboletas Azuis”, liderada por Roldão Mangueira, um empresário algodoeiro, que pregava o resgate do Cristianismo primitivo, combatendo a transformação da Igreja Católica promovida pelo Concílio Vaticano II. Andavam de pés descalços e vestiam batas azuis, com as mulheres colocando véus brancos na cabeça.

O movimento messiânico era uma mistura de Catolicismo e Espiritismo, pois diziam receber, através de alguns dos seus seguidores, mensagens que estabeleciam a vontade de Deus de como deveriam se comportar e faziam profecias de acontecimentos. Dentre essas visões de futuro, proclamavam que uma garota de dezesseis anos, de nome Luciene Fernandes, incorporando o próprio Jesus Cristo, teria recebido a informação de que o mundo acabaria em 1980.

“Uma enorme bola de fogo cruzará o céu, o Sol girará por três vezes consecutivas, um ensurdecedor trovão ecoará por toda a Serra da Borborema. Em seguida, choverá ininterruptamente por cento e vinte dias”.

O grupo inicialmente reunia em torno de duzentas pessoas nos seus encontros, realizados no templo. Porém, em 1977, quando da divulgação da profecia e da determinação de que seus seguidores deveriam, a partir de então, exercer abstinência sexual, abandonando hábitos, como o fumo e o álcool, esse movimento ficou reduzido a 56 pessoas.

A menina responsável pela profecia apaixonou-se por um rapaz que também pertencia à seita e resolveu se desligar do movimento, contrariando a vontade de sua mãe e do líder Roldão Mangueira. Entretanto, a crença no fim do mundo continuou, e passaram a se preparar para viverem o dia do fim do mundo. O

anúncio ganhou repercussão nacional a partir de uma matéria a respeito na Rede Globo de Televisão.

Na véspera do dia definido como o do “fim do mundo”, o movimento era intenso no local onde funcionava o Templo Horto de Jesus. Os seguidores de Roldão Mangueira, se preparavam para viver os próximos cento e vinte dias recolhidos naquela Casa, durante o dilúvio que marcaria o fim da humanidade.

Enfim, o dia treze de maio de 1980 havia chegado, e os fanáticos da seita estavam na expectativa dos fenômenos celestes profetizados. O líder Roldão Mangueira ficou recolhido à sua residência, por decisão de familiares e recomendação médica, pois não estava bem de saúde, nem física, nem mental. Foi substituído pelo vice-presidente da Casa, o ex-taxista José Alves. Às 11:00 hs, veio até o portão de entrada do Templo e aos gritos falou: “Passamos dois anos dizendo que o grande dia chegaria. O povo não acreditou na verdade. Faltam poucas horas. Não adianta arrependimentos. Tudo o que se podia fazer, já foi feito. A mensagem do grande mestre foi transmitida. O povo não deu valor”.

Passaram toda a tarde de olhos voltados para o céu, na espera do extraordinário acontecimento. Porém, o dia era de pleno sol, contrariando qualquer possibilidade de chuva. As horas passavam e nada acontecia. Percebia-se, com o seguir do tempo, a expressão de decepção dos “Borboletas Azuis”. Até que ao final da tarde, já convictos de que nada do que acreditavam ocorreria, começaram a abandonar o local.

O mundo não acabou, mas se iniciou o fim da existência da seita. Perderam a credibilidade no líder. Realmente aquele movimento se encerrou com a morte de Roldão Mangueira quarenta e cinco dias depois. O Diário de Pernambuco, numa manchete de ironia colocou: “Telegrama de Deus para Roldão Mangueira – DEFINIREI OUTRA DATA PARA O FIM DO MUNDO E LHE AVISAREI”.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

Foto: Roberto Cuedes



A Paraíba começou a imunizar a população contra a Covid-19 em 19 de fevereiro de 2021

NA PARAÍBA

78% dos mortos por Covid não tinham sido vacinados

Desde o início da imunização, estado perdeu 6.306 vidas para a doença

Ana Flávia Nóbrega
 anaflavianobrega@gmail.com

Em março de 2020, toda a população mundial passou a conhecer o novo coronavírus. Entre muitas dúvidas a respeito do próprio vírus e da doença causada por ele, a população precisou se proteger e ainda lidar com uma onda de negacionismo dos que se posicionaram contrários às medidas de segurança contra o adoecimento e propagação do vírus.

Foi também em março de 2020 que a Paraíba teve a confirmação dos primeiros casos e primeiro óbito em decorrência do agravamento da Covid-19. Até chegar em 19 de fevereiro de 2021, quan-

do a Paraíba iniciou a vacinação para imunizar contra a Covid-19, o Estado já registrava 3.912 vítimas fatais da doença. Agora, após mais de 485 dias desde a primeira dose aplicada, o estado acumula 10.218 óbitos.

Do total, 6.306 falecimentos aconteceram desde a primeira dose aplicada até o dia 19 de maio de 2022. Destes, a maior concentração de mortos foi entre a população não vacinada, diretamente afetada pela onda de negacionismo contra a eficácia da vacina, com o montante de 67,71%, que equivalem a 4.270 mortes pelo agravo da Covid-19. Considerando ainda os números totais, desde março de 2020, 78,65% das

mortes pela doença atingiram a parcela da população paraibana não vacinada.

Nessa faixa, há uma grande concentração de doenças associadas, consideradas comorbidades. Foram observadas a presença de cardiopatia (3.069 pessoas), diabetes mellitus (2.506), hipertensão (2.343), obesidade (929), doença neurológica (574), doença respiratória (511), doença renal (473), tabagismo (342); imunossupressão, doença hematológica, neoplasia, doença hepática, etilismo e transtorno mental também foram observados em outros 850 pacientes, no total.

Entre as faixas etárias, a maior concentração de fale-

cimentos foi entre a faixa acima de 80 (1.795), acima de 70 (1.646), acima de 60 (1.511), acima de 50 (1.390) e acima de 40 anos (961), com grande volume.

Perdas

Até sexta-feira, um total de 10.218 pessoas morreram no estado, vítimas da doença. Primeiro óbito foi em março de 2020

Comorbidades associadas ao adoecimento

Desde o início da vacinação na Paraíba, 16,86% das mortes aconteceram entre a população vacinada com primeira e segunda dose ou dose única, ciclo primário completo, equivalente a 1.063 vítimas. Na amostragem total do número de falecimentos, desde março de 2020, o número representa 10,40%.

Neste recorte, as vítimas apresentaram uma grande concentração de comorbidades associadas ao adoecimento da Covid-19, o que deixa a população mais suscetível ao desenvolvimento de casos graves e óbitos. Foram registradas as patologias de cardiopatia (504 registros), diabetes mellitus (386), hiper-

tensão (303), obesidade (108), doença neurológica (105), doença respiratória (84), tabagismo (64), doença renal (59), neoplasia (36), etilismo (25), imunossupressão (23), doença hematológica (20), doença hepática (7) e transtorno mental (4).

Entre os vacinados com esquema completo, o maior nú-

mero de vítimas foi entre a população acima de 80 anos, com 458 vítimas; em seguida, 323 pessoas entre 70 e 79 anos; 191 pessoas entre 60 e 69; já entre 50 e 59 anos, foram vítimas 49 pessoas; entre a população acima de 40 anos, há o registro de 18 vítimas; de 30 a 39 foram 17 pessoas; de 18 a 29 anos, há o registro de sete mortes.

973 óbitos aconteceram após primeira dose

Outro recorte é a população que veio a óbito após ter recebido apenas uma dose dos imunizantes contra a doença, totalizando 973 vítimas, o que representa 15,43% do total das vítimas por Covid-19 desde o início da imunização na Paraíba.

Os maiores acometidos também estão entre as faixas etárias acima dos 50 anos e maior incidência entre a população acima de 80 anos. Comorbidades como cardiopatia (402), diabetes melli-

tus (326), hipertensão (323) e obesidade (128) estão entre as doenças associadas à Covid-19 que mais fizeram vítimas entre a população com esquema incompleto.

Os menores números são observados entre a população vacinada com duas doses e com o recebimento de dose de reforço. Vale lembrar que o reforço da imunização foi iniciado ainda em dezembro de 2021 e, mesmo com o pico de novos casos, internações e óbitos causa-

dos pela chegada da variante Ômicron, foram registrados 144 falecimentos entre a população que recebeu o reforço, representando 2,28% do total. Sendo, portanto, a menor população atingida pelo desenvolvimento de quadros graves e óbitos desde o início da vacinação.

Entre as vítimas foi observada a incidência de cardiopatia, observada em 54 pacientes, diabetes mellitus (47), hipertensão (34), doença neurológica, doença res-

piratória, doença renal, obesidade, tabagismo, neoplasia, imunossupressão, doença hematológica, doença hepática e etilismo somam 54 quadros observados. As vítimas se concentram, com maior incidência, entre a população acima de 80 anos (75), acima de 70 (48) e acima de 60 (14). Fora dessas faixas etárias, ocorreram sete mortes, sendo uma entre a população de 18 a 29 anos; uma de 40 a 49 anos; e cinco de 50 a 59 anos.

Último mês

■ De 19 de abril a 19 de maio, período de amostragem observado pelo levantamento do Jornal A União, a Paraíba registrou 14 mortes por Covid-19. Entre estes, quatro foram pessoas não vacinadas; quatro vacinados com esquema primário completo; e as demais, somando seis vítimas, ocorreu entre a população com esquema completo e o recebimento de dose de reforço.

■ As seis vítimas que receberam duas doses ou dose única e o reforço possuíam mais de 70 anos e apresentaram comorbidades como diabetes, hipertensão, cardiopatia, tabagismo, doença

renal e doença neurológica. A apresentação de comorbidades associadas à Covid-19 é um dos fatores que colaboram para o desenvolvimento de quadros mais graves da doença.

■ Até a última sexta-feira, a Paraíba registrou 88,26% da população paraibana acima de 5 anos vacinada com duas doses ou dose única, encerrando o ciclo primário contra a Covid-19, o equivalente a 3.310.856 pessoas vacinadas, sendo 85.726 pessoas que receberam imunizantes de dose única. Um total de 3.507.387 pessoas receberam a primeira dose das vacinas e 354.537 ainda não retornaram às

salas de vacinação para fechar o ciclo primário de vacinação.

■ Entre as doses de reforço, 1.864.246 da população apta foi vacinada com a primeira dose de reforço, representando 49,70% da população estimada, e 44.034 já receberam a segunda dose de reforço, sendo 7,85% da população apta para o recebimento. Outras 49.126 doses adicionais foram aplicadas na população apta para receber doses aplicadas. Também são registrados, a aplicação de 8.775.656 doses totais de 9.792.045 imunizantes recebidos pelo Governo do Estado.

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

“ESTAMOS CAMINHANDO EM DIREÇÃO A UMA GRANDE ALIANÇA DO PSD COM O GOVERNADOR, AFIRMA EVA GOUVEIA

Foto: Reprodução/Facebook



No dia 4 de março, após participar de Congresso do PSD em Fortaleza (CE), com a presença do presidente nacional do partido, Gilberto Kassab, a secretária executiva de Articulação Política da Paraíba, Eva Gouveia (foto), postou em suas redes sociais que “há muitas coisas boas por vir”. À época, ela ainda trava-

va disputa interna com o então presidente estadual da legenda, Romero Rodrigues, para levar o PSD à base governista. Por ter excelente relação com Kassab, entendeu-se que ela tinha algum conhecimento do que estavam por vir. E veio mesmo. No dia 29 de março, a direção nacional do partido retirou Romero da presidência e, logo após, a senadora Daniella Ribeiro, que estava no PP, passou a comandar o PSD. Pois bem. Agora, depois que Kassab elogiou a postura do governador que, em suas palavras, “tem fortalecido o PSD”, Eva Gouveia declarou que a aliança entre PSB, PSD e PP está revigorada. “Estamos caminhando em direção a uma grande aliança do PSD com o governador João Azevêdo e tenho muita alegria de ter sido ponte para isso. Como Kassab disse, a relação com João é ótima, a Paraíba ganhará muito com João, Aguinaldo e Daniella”. É bom anotar o que diz a vice-presidente do PSD.

ARTICULOU ADESÃO DE ALIADOS

Ao dizer que tem “muita alegria de ter sido ponte para isso”, referindo-se à aliança do PSD com o PSB, Eva Gouveia está sendo coerente com a sua atuação no processo. Foi por mediação dela que aliados de Romero Rodrigues declararam apoio ao governador João Azevêdo. Na lista estão o vereador Pimentel Filho (PSD), os suplentes Teles Albuquerque (PSD) e Ivan Batista (PSD) e Felipe Reul, ex-secretário de Saúde de Campina Grande.

UNIÃO BRASIL: CHAPA PURO-SANGUE

Após se afastar das negociações com PSDB, MDB e Cidadania, que deverão oficializar a pré-candidatura a presidente de Simone Tebet (MDB), na próxima terça-feira, o União Brasil irá apresentar uma chapa puro-sangue, tendo como cabeça o presidente nacional do partido, Luciano Bivar. A legenda já estabeleceu data para o lançamento oficial: será no próximo dia 31, em Brasília. Sérgio Moro foi escanteado pela cúpula partidária? Em parte, sim.

“CACIQUE PARTIDÁRIO SEM VOTO”

No União Brasil, está sacramentada a decisão de não lançar Sérgio Moro como candidato a presidente, que era o que ele almejava. Mas, ao menos, encontraram função para ele: irá integrar a equipe responsável pela elaboração do programa de governo de Bivar. O pessoal de o Antagonista não perdoou: “Quando anunciou a filiação à União Brasil, o ex-juiz disse que seria um “soldado da democracia”. Pelo visto, virou assessor de cacique partidário sem voto”.

CÍCERO ASSUMIRÁ O PDT?

É grande a expectativa no meio político para saber se o prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena, irá ter nos próximos dias um partido para ‘chamar de seu’, no sentido de assumir o comando do PDT da Paraíba. Ao contrário do que alguns imaginam, a possível saída dele do PP não implicaria em uma ruptura com a família Ribeiro. Seria um movimento para fortalecer, politicamente falando, o seu grupo. É aquela história: quem comanda, tem mais poder de decisão.

CIÊNCIA SEM RECURSOS

“Em 2014, no governo Dilma, o CNPq teve R\$ 2,5 bilhões investidos. Já no ano passado, essa verba que é duramente castigada no governo Bolsonaro, caiu para R\$ 839 milhões”. Do deputado Frei Anastácio (PT), referindo-se ao fato de que a verba para ciência, pesquisa e tecnologia no Brasil foi a menor do século 21. “A situação é tão preocupante que nos últimos dois anos mais de 3 mil pesquisadores deixaram o Brasil por falta de incentivo do governo”.

MAIORIA DOS BRASILEIROS É CONTRA A PRIVATIZAÇÃO DA PETROBRAS

Em meio à escalada de privatizações de estatais estratégicas do Brasil pela gestão Bolsonaro – a da Eletrobras já está em curso – o instituto de pesquisa Ipspe aferiu a opinião da população no tocante à ideia do novo ministro de Minas e Energia, Adolfo Sacshida, de privatizar a Petrobras. 49% se disseram contra; 38% declararam ser favoráveis e 13% não souberam ou não responderam.

Jamil Richene,
Presidente do CEDCA

“Vários governos não têm priorizado as políticas públicas para a infância”



Observação comportamental é de fundamental importância para identificar sinais de violência, alerta especialista

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

As violências física, sexual e emocional, bem como a negligência contra crianças e adolescentes são consideradas crimes, com base no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Porém, nem sempre os direitos de crianças e adolescentes são respeitados. Ao contrário, elas têm sido vítimas da violência praticada, na maioria das vezes, por pessoas próximas, nas quais confiam e sobre as quais jamais haveria suspeita. Pais, padrastos, tios, vizinhos aparecem como os agressores que torturam física e psicologicamente, ameaçam, estupram, matam, destroem famílias, acabam com uma vida.

O presidente do Conselho Estadual da Criança e do Adolescente (CEDCA), Jamil Richene, especialista em Garantia dos Direitos e Política de Cuidados à Criança e ao Adolescente, afirma que para prevenir e solucionar essas violências o Estado precisa de políticas públicas efetivas voltadas para crianças, adolescentes e seus familiares, de forma contínua, através de serviços e programas governamentais nas diversas áreas. “A violência contra criança e adolescente está presente na relação de poder e suas diversas visões de causas, porém, sabemos que é possível superá-las, sendo um dever não apenas do poder público, mas de toda a sociedade civil para assegurar a garantia dos direitos de nossas crianças e adolescentes”, diz ele.

O relatório ‘Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil’, divulgado em 2021 pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) aponta que, em 2020, 142 crianças e adolescentes foram mortos na Paraíba de forma violenta e intencional. A maioria - 130 - tinha entre 15 e 19 anos. Outras 90 foram estupradas, das quais sete com idade entre zero e quatro anos; 15 entre cinco e nove anos; 44 de 10 a 14 anos; e 24 entre 15 e 19 anos.

Entrevista

■ *Quais são as principais causas da violência infantil?*

Existem várias causas das violências contra a criança e o adolescente, porém não podemos apontar essas causas de forma isolada. É necessário entender caso a caso. Também não podemos esquecer que as causas de violências no nosso país vêm dos sérios problemas sociais de vários governos que não têm priorizado as políticas públicas para a infância conforme preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Violências física, sexual e emocional, bem como a negligência contra crianças e adolescentes são crimes e, conforme o artigo 226 do ECA, aplicam-se aos crimes as normas da parte geral do Código Penal.

■ *Quais os principais tipos de violência contra crianças e adolescentes? Como identificar sinais de violência?*

Nos aspectos jurídicos, temos várias características que representam violências contra crianças e adolescentes, porém quero aqui destacar algumas que são mais recorrentes, como xingamento, castigo físico, discriminação, maus-tratos, bullying, dentre outras.

Em relação aos sinais, a observação do comportamento é fundamental para identificar sinais de violência. Geralmente, ocorrem mudanças repentinas de comportamento e de

humor. Essas mudanças já são sinais de alerta e necessitam de conversas, ouvindo atentamente a criança e o adolescente. Se achar que algo não está bem, busque ajuda.

■ *Qual a punição para os pais que agredem os filhos? É possível perder a guarda do filho caso seja comprovada a agressão, seja física, sexual ou psicológica?*

Os pais que agredem seus filhos podem responder criminalmente pelas violências cometidas contra eles. Eles também podem perder o poder familiar, antes chamado de pátrio poder. A perda da guarda será a última alternativa a ser tomada, depois de esgotadas todas as possibilidades de manutenção da criança ou do adolescente junto à família natural, através de medidas de fortalecimento de vínculos.

■ *Que providências são tomadas após uma criança que foi violentada ser resgatada do ambiente no qual vivia? Como é o desenrolar desse processo?*

Neste caso, a primeira providência a ser tomada é buscar a família extensa para receber essa criança e/ou adolescente. Se não conseguir, a criança ou adolescente pode ser colocada em família substituta e, em último caso, ela pode ser encaminhada ao serviço de acolhimen-

Punição

Os pais que agredem seus filhos podem responder criminalmente pelas violências cometidas contra eles

to familiar ou institucional.

■ *Como solucionar o problema da violência contra crianças e adolescentes?*

A violência é considerada um fato histórico, que sempre esteve presente em nossa sociedade. Contra as crianças e adolescentes não é diferente, e esse tipo de violência é compreendido como toda violação de direitos, sendo eles civis, políticos, sociais, econômicos e culturais, no âmbito familiar, comunitário e público (Estado). Para prevenir e solucionar essas violências o Estado precisa de políticas públicas efetivas voltadas para crianças, adolescentes e seus familiares, de forma contínua, através de serviços e programas governamentais nas diversas áreas. A violência contra criança e adolescente está presente na relação de poder e suas diversas visões de causas, porém sabemos que é possível superá-las, sendo um dever não apenas do poder público, mas de toda a sociedade civil assegurar a garantia dos direitos de nossas crianças e adolescentes.

■ *Quais os sinais e como identificar que uma criança sofre maus-tratos e violência sexual ou psicológica?*

O principal sinal é a mudança repentina de comportamento, principalmente se a mudança não estiver relacionada a um diagnóstico específico, como uma doença ou um sintoma de saúde. Existem também sinais físicos, como marcas na pele, que podem caracterizar violência física, e os psicológicos, como irritabilidade aumentada, dificuldade para dormir, choro frequente, perda do interesse em brincar, medo de certas pessoas, por exemplo. Esses também são sinais que precisam sempre ser investigados, pois podem ser reflexos de

alguma violência sofrida.

■ *Caso alguém fique sabendo de algum caso de violência e abuso com crianças, como proceder? Quais os canais de denúncia? É preciso se identificar?*

Deve denunciar. Qualquer pessoa que tenha conhecimento ou presencie ação ou omissão que constitua violência contra criança ou adolescente tem por obrigação comunicar o fato ao conselho tutelar ou à polícia. Mesmo que o fato tenha acontecido em local público ou privado, essa comunicação deve ser realizada. As denúncias podem ser realizadas através do disque 100, um serviço de denúncias em nível nacional que funciona 24 horas, todos os dias da semana. Na Paraíba, temos o Disque 123, que funciona todos os dias, inclusive aos finais de semana e feriados, no horário das 7h às 22h. As ligações são gratuitas e não precisa se identificar. Além desses canais, a população pode também procurar os Conselhos Tutelares de seu município.

■ *Qual o papel do Estatuto da Criança e do Adolescente?*

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sancionado pela Lei nº 8.069/1990, tem o papel de definir a doutrina da proteção integral, prevista originalmente na Organização das Nações Unidas, e adotada no artigo nº 227 da Constituição Federal de 1988. Elenco três princípios fundamentais desta proteção integral: 1 - Crianças e adolescentes são sujeitos de direito e deixam de ser passivos, tornando-se ativos, ou seja, titulares dos direitos. 2 -

Eles têm absoluta prioridade; 3 - Crianças e adolescentes estão em condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. O ECA traz um conjunto de diretrizes no âmbito da família, sociedade e Estado, com caráter preventivo, coibindo a violação de direitos fundamentais, assegurando o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. O artigo 5º determina que “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.”

■ *Como tem sido o trabalho no caso de crianças mortas ou agressidas aqui no Estado?*

Infelizmente, tem crescido bastante os casos de violência contra crianças e adolescentes, não só na Paraíba, mas em todo o Brasil. Na Paraíba, temos buscado a efetivação do trabalho em rede para garantir a efetivação dos direitos das crianças e adolescentes do nosso Estado. Neste sentido das violações, destaco o trabalho essencial dos Conselhos Tutelares, da Segurança Pública, da Saúde, da Educação e da Assistência Social. Juntos podemos salvar muitas vidas, quando trabalhamos de forma integrada, cada um nas suas respectivas atribuições.

■ *Há números dos casos de violência contra crianças registradas em 2022?*

Com certeza, a Paraíba tem registros de violência contra crianças e adolescentes, em sua maioria nos Conselhos Tutelares, que são considerados a porta de entrada das denúncias sobre as violações de direitos. Porém, temos uma grande dificuldade de acesso rápido a esses dados na Paraíba, por falta da utilização do Sistema de Informação para a Infância e Adolescência (Sipia). Pouquíssimos municípios paraibanos utilizam e alimentam o sistema. O Sipia é um sistema de registro e tratamento de informações, com abrangência nacional, sobre a garantia e defesa dos direitos fundamentais preconizados no ECA. Os dados são agregados em nível municipal, estadual e nacional. O sistema se constitui em uma base única nacional para formulação de políticas públicas no setor.

“

O ECA, sancionado pela Lei nº 8.069/1990, tem o papel de definir a doutrina da proteção integral, prevista originalmente na ONU, e adotada no artigo nº 227 da Constituição Federal de 1988

Jamil Richene



Busto danificado do poeta Augusto dos Anjos; a estátua do compositor Livardo Alves vandalizada; Jackson do Pandeiro ficou sem a mão e o instrumento musical, e Caixa D'Água, cuja "maleta-símbolo" foi roubada

NA CAPITAL

A história e a cultura vandalizadas

Bustos, estátuas e outras homenagens a nomes importantes da Paraíba são alvos constantes de vândalos e ladrões

Ítalo Arruda
Especial para A União

Na cidade

João Pessoa tem cerca de 60 esculturas entre estátuas, bustos, efígies e outras tipologias feitas em cobre, aço, pedra e outros materiais

Estátuas, bustos e monumentos que ilustram personagens importantes da história e da cultura da Paraíba encontram-se em estado de deterioração e abandono. Além da conservação, as esculturas são alvo constante de criminosos, que depredam estes patrimônios e, inclusive, furtam algumas peças, causando prejuízos à população e aos cofres públicos.

Na última semana, por exemplo, a estátua de Jackson do Pandeiro, localizada na Praça Rio Branco, no Centro Histórico de João Pessoa, teve uma das mãos e o pandeiro – marca registrada do cantor e compositor – furtados. A obra, assinada pelo artista plástico Jurandir Maciel, já foi alvo de vandalismo há alguns anos e, no fim do mês passado, havia sido revitalizada e reinstalada pela Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope). Em setembro de 2022, a escultura

toda feita em bronze completará 10 anos.

Esta cena, no entanto, não é a única naquelas imediações da região central. Infelizmente, a poucos metros de onde encontra-se a estátua do instrumentista, outras obras também sucumbem ao descaço, à negligência e à falta de manutenção, como é o caso da escultura do compositor pessoense Livardo Alves, instalada no Ponto de Cem Réis. Por diversas vezes, a escultura que homenageia o compo-

sitor há mais de 12 anos sofreu ações criminosas. Entre os casos registrados estão o furto dos óculos e a destruição de uma parte do banco no qual a imagem em bronze está fincada. Quem passa pelo local, percebe a situação de abandono e descuido com o monumento.

De acordo com o escritor e historiador paraibano José Octávio de Arruda Mello, as estátuas, além de representarem personalidades e momentos que fizeram parte da história

do município de João Pessoa, são elementos que ajudam na reconstituição e na rememoração desses acontecimentos.

“São indicações e pistas que possibilitam a reconstrução da nossa história. Quando se comete este tipo de crime, como a depredação, não é só a obra que é afetada, mas o que está por trás dela”, ressalta José Octávio, destacando que a desvalorização desses bens é um problema que dá vazão “a um processo de descaracterização da cidade”.

Figuras ilustres, mas esquecidas

Próximo da escultura que retrata Livardo – um dos frequentadores mais assíduos que o Ponto de Cem Réis já teve –, também está fixado o busto de Duque de Caxias, rodeado pela ferrugem e pelo excesso de cartazes publicitários, e de André Vidal de Negreiros, que, embora esteja mais conservado, também possui marcas de vandalismo.

Ainda no entorno da Rua Duque de Caxias, o busto do poeta Augusto dos Anjos ilustra a entrada da galeria que leva o seu nome. Erguido sobre uma pedra,

o monumento em homenagem ao patrono da cadeira nº 1 da Academia Paraibana de Letras (APL) foi recuado, há seis anos, do portão principal para o final do corredor que dá acesso às lojas instaladas na galeria.

Apesar da revitalização promovida pela Prefeitura de João Pessoa, em 2016, o busto de Augusto dos Anjos está bastante deteriorado, com danificações em uma das orelhas, além de outros desgastes na pintura, que refletem a falta de cuidado e atenção não só dos órgãos públicos mas também

de uma parte da população, que acaba provocando a depredação destas peças.

Segundo José Octávio, por estarem localizadas em locais públicos e de fácil acesso, as esculturas viram alvo fácil dos vândalos. “O que está faltando é educação e consciência das pessoas que picham e depredam esses monumentos”, frisa o historiador, acrescentando que os ataques não se resumem às estatuetas e aos bustos espalhados entre praças e avenidas, “mas a outros monumentos históricos que resistem às ruínas”.

Inventário dos monumentos em JP

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) está realizando um inventário com a catalogação das artes públicas da capital.

A restauradora do órgão, Piedade Farias, que faz a curadoria e o levantamento das peças, afirma que o estudo aponta, também, o estado de conservação de cada uma delas, e que, em breve, o material estará disponível à população.

Preservação

João Pessoa tem, aproximadamente, 60 esculturas entre estátuas, bustos, efígies e outras tipologias esculpidos em cobre, aço, pedra, além de outros materiais, em homenagem a figuras humanas que têm alguma ligação com a história da Paraíba. A informação é da Coordenadoria do Patrimônio Cultural do município (Copac-JP), que atua na preservação desses equipamentos.

Em nota, o órgão diz que, constantemente, uma equipe faz a fiscalização desses bens, “promovendo a conscientização e a educação patrimonial”, a fim de mostrar à sociedade “que o que está sendo degradado é a nossa história”. Além disso, de acordo com a Copac-JP, os casos de vandalismo são comunicados e encaminhados à Secretaria de Segurança Urbana e Cidadania (Semusb) da capital para as devidas providências.

A maleta de Caixa D'Água sumiu

“Eu tinha nas minhas mãos somente sonhos”. Este é um dos versos escritos pelo poeta Caixa D'Água, como era conhecido o paraibano Manoel José de Lima, no poema “Caminhos perdidos”. Entretanto, na estátua que está fincada na Praça Aristi-

des Lobo, no Centro Histórico de João Pessoa, além dos sonhos, o poeta popular carregava uma maleta – furtada por vândalos há seis anos.

Além da mala, fiel companheira de Caixa D'Água, a placa de bronze com a identificação da obra e in-

formações sobre a vida do paraibano também foi, posteriormente, arrancada do local. A reportagem solicitou à Copac-JP informações sobre a reparação do monumento danificado, mas até o fechamento desta edição não obteve respostas.

#SE LIGA NO ENEM

De terça a sexta
A partir das 18h
na Tabajara AM 1.110

Os professores mais experientes da rede estadual paraibana passam a limpo todo conteúdo para os nossos estudantes gabaritarem o Exame Nacional do Ensino Médio. Até as vésperas da prova, é sintonizar para passar.

Áreas de Conhecimento:

- Linguagens, Códigos e suas Tecnologias
- Matemática e suas Tecnologias
- Ciências da Natureza e suas Tecnologias
- Ciências Humanas e suas Tecnologias
- Abordagens Interdisciplinares

APONTE SUA CÂMERA AQUI E OUÇA:

Uma parceria da Empresa Paraibana de Comunicação com a Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia



Foto: Secom-PB

REABILITAÇÃO DE PACIENTES

Dor crônica é tratada na capital

Centro Municipal de Reabilitação e Tratamento recebe em média 1,5 mil pessoas por mês em todas as especialidades

Juliana Cavaleanti
julianacavaleanti@epc.pb.gov.br

O atendimento e a reabilitação dos pacientes com dores crônicas ou após cirurgias ortopédicas podem ser realizados de forma gratuita pelo Centro Municipal de Reabilitação e Tratamento da Dor (Cendor), em João Pessoa. O espaço funciona no Complexo Hospitalar de Mangabeira Governador Tarcísio de Miranda Burity (Ortotrauma), na capital paraibana, e recebe em média 1,5 mil pessoas por mês em todas as especialidades. De acordo com a diretora de cuidados do Ortotrauma, Rosa Cristina, a maioria dos pacientes

realiza tratamentos na fisioterapia.

Ela lembra que o Cendor é referência em reabilitação e oferece um serviço aos pacientes no pós-operatório das cirurgias ortopédicas realizadas no próprio hospital, além daqueles que sofrem com as síndromes dolorosas crônicas.

“A maioria dos pacientes que fizeram cirurgia após acidentes e são encaminhados para reabilitação é do sexo masculino. É um grupo mais jovem. Porém, os pacientes com dores crônicas são um público mais idoso”, descreve a gestora.

O foco é nos pacientes a partir dos 18 anos que podem ter acesso por meio de duas formas: a primeira

é após as cirurgias ortopédicas realizadas no Ortotrauma. Esses usuários são operados no setor de ortopedia e quando é necessário são encaminhados pelos médicos para realizarem a reabilitação pós-operatória com os fisioterapeutas. Após a triagem, fazem a terapia mais indicada para cada caso.

“A maior parte dos acidentes recebidos no Cendor é de trânsito, embora também existam as vítimas de quedas ou acidentes de trabalho, pois é bem diversificado o fluxo de atendimento”, informa Rosa Cristina.

A segunda opção são os casos de pacientes com dores crônicas. Esses

usuários externos para serem incluídos devem passar pela Atenção Básica nas Unidades de Saúde da Família (presentes nos bairros), além da regulação municipal. Com isso, são direcionados ao médico do Cendor e às especialidades do serviço.

Após essas etapas, a triagem interna define o tipo de tratamento adequado. “A maior parte é de pessoas encaminhadas após as cirurgias, pois o Cendor entra para concluir o tratamento realizado na operação. É um anexo do hospital destinado a isso. E em menor quantidade são os atendimentos via regulação municipal”, acrescenta a diretora.

O Centro Municipal de Reabilitação e Tratamento da Dor atende de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h, no Ortotrauma. Rosa Cristina ressalta que o Cendor ajuda a promover a qualidade de vida aos pacientes, permitindo que eles possam desenvolver as atividades diárias de forma saudável.

“É um centro de reabilitação que auxilia não apenas nos casos de acidentes de trânsito, mas em outros problemas, pois temos várias especialidades médicas ligadas ao tratamento da dor. É um tratamento a mais para que os usuários possam ter mais saúde”, finalizou a diretora de cuidados da unidade de saúde.

Fisioterapia, acupuntura e outros serviços convencionais

As especialidades atendidas no Centro de Tratamento são direcionadas à medicina da dor, reumatologia, neurologia, psiquiatria e dermatologia. A fisioterapia realizada envolve os ser-

viços convencionais, ou seja, a analgesia e cinesioterapia, além de hidroterapia, osteopatia, RPG e pilates.

Outras modalidades oferecidas são a acupuntura, psicoter-

apia e procedimentos de infiltração para outros casos específicos.

Os profissionais que compõem a equipe multidisciplinar são médicos, fisioterapeutas, psicólogos, enfermeiros, técnicos de enfer-

magem, colaboradores e funcionários do setor administrativo. “O atendimento multidisciplinar inicia com um acolhimento pelo psicólogo e, durante o tratamento, esse acompanhamento também

pode ocorrer. Nesse último caso, o acompanhamento psicológico acontece para que o paciente aceite a alta médica e torne esse momento mais seguro aos usuários”, observa a gestora de cuidados.

Consultas médicas e tratamentos que acompanham medicação

Irenita Feitosa, tem 62 anos, mora em Mangabeira e desde 2013 é atendida pelo Cendor. Ela conta que começou com os tratamentos de coluna e agora faz reabilitação no joelho com o fisioterapeuta. “É um tratamento excelente e todos os profissionais me tratam bem. Precisei dar uma pausa no tratamento por causa do falecimento do meu marido, mas já recomecei e sigo nos exercícios”, comenta.

Irenilta tem osteoporose e faz fisioterapia no joelho. Após essa etapa, pretende retornar aos tratamentos da coluna. Ela também foi encaminhada para a psicóloga por quem é acompanhada até hoje. “Em 2013, entrei devido a um problema de coluna depois de uma queda. Depois já senti uma melhora, mas precisei voltar por causa do joelho, após uma nova queda, a osteoporose no joelho direito e os problemas no menisco”, relata.

Ela sempre vai às consultas médicas e segue à risca o tratamento com a medicação. No entanto, o mais importante para ela são os exercícios com a fisioterapia. “Fiz acupuntura, acompanhamento com reumatologista e dermatologista, mas considero a fisioterapia uma etapa super importante, que cuida de forma eficiente de várias partes do corpo”, elogia.

A idosa frequenta o espaço às terças e quintas-feiras à tarde e já tem um fluxo determinado para esse atendimento: primeiro a psicóloga e depois a fisioterapia. O objetivo, segundo Irenilta é aproveitar tudo da melhor forma possível. “Faço tudo o que for preciso para me cuidar. Após a morte do meu esposo, esse acompanhamento é fundamental. Me sinto outra pessoa, claro que existem alguns dias mais difíceis, mas sempre procurei a minha melhora”, conclui.



Foto: Evandro Pereira

O Centro Municipal de Reabilitação e Tratamento da Dor, em Mangabeira, atende de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h

PATRIMÔNIO HUMANO

Décadas de uma labuta incansável

São diferentes histórias de vida, experiências únicas de uma gente que faz do ambiente onde trabalha um segundo lar

Alexsandra Tavares
 lekajp@hotmail.com

Nos mercados públicos e feiras livres de João Pessoa, a diversidade não está apenas nos produtos oferecidos ao público. O patrimônio humano desses locais, nos trazem diferentes histórias de vida, experiências únicas de uma gente que faz do ambiente, onde tiram o sustento, um segundo lar.

Práticas antigas como a caderneta com os nomes de clientes que compram fiado bem como a freguesia fiel que há anos compra no mesmo estabelecimento são apenas algumas peculiaridades vistas neste universo cheio de riqueza de mercadorias e calor humano.

Dificuldades, como a falta de infraestrutura no local de trabalho, falta de segurança e de limpeza nos lugares comuns como pátios e banheiros, estão na pauta desses comerciantes que contam, por meio de suas trajetórias,

Fidelidade

Práticas antigas, como a caderneta com os nomes de clientes que compram fiado, permanecem, bem como a freguesia fiel que há anos compra no mesmo estabelecimento

o próprio desenvolvimento do lugar. A equipe de reportagem de A União foi a alguns dos mercados públicos da capital e conheceu um pouco da realidade de trabalho e o dia a dia desses profissionais.



Fotos: Evandro Pereira

Nos mercados públicos e feiras livres de João Pessoa, a diversidade não está apenas nos produtos oferecidos ao público

De turista do Polo Norte a prefeitos e até ex-governador

No box de João Severino da Silva, 57 anos, conhecido como Joãozinho Estrela, o que não faltam são fregueses diferenciados. De turista do Polo Norte a prefeitos e até ex-governador da Paraíba, ele, que já cozinhou para estabelecimentos tradicionais de João Pessoa, como o Elite Bar, está no Mercado Central há 35 anos.

Bode, fava, picado, galinha à cabidela são alguns pratos servidos nas panelas de barro do estabelecimento que, aliás, tem um nome curioso: Estrela Central. “Dei esse nome porque estamos no centro da cidade, no centro de tudo, então acho que a palavra combina”, explicou. Mas, pelo perfil de clientes, que já recebeu no ponto comercial, além da notoriedade que o empreendedor conquistou, ao longo dos anos, bem que esse título estelar poderia fazer jus a essas características. “Nos bons tempos, recebi aqui turistas de São Paulo, da Argentina, de Portugal e até vindas do Polo Norte. Os meus fregueses iam indicando o meu ponto e eles vinham consumir aqui”.

Em 2011, ele recebeu de um cliente, o diploma de reconhecimento pelo bom atendimento dispensado ao público, com o título Diploma de Consagração Pública - Destaque 2011/2012. “Um senhor que era cliente apareceu com o diploma e me fez essa surpresa”.

Com a pandemia, a demanda teve uma baixa e ele está recomendo a caminhada. Mas a lista de

figuras políticas que está no currículo de Joãozinho não é esquecida. Para saborear as refeições no local, não foi uma nem duas autoridades que sentaram à mesa do estabelecimento. O ex-governador José Maranhão, os ex-prefeitos Luciano Agra e Luciano Cartaxo e o atual prefeito Cícero Lucena são apenas alguns administradores públicos que ele cita ter passado por lá.

Pena que Joãozinho não fotografou nenhum desses momentos. “Não fotografei porque não gosto dessas coisas, para mim, ninguém é melhor do que ninguém”, disse ele, se despedindo rapidamente da reportagem para voltar a temperar suas panelas. Mas antes, faz uma ressalva: “Querida que esse lugar fosse mais organizado, seguro e limpo, para atrair mais turistas e valorizar nosso serviço”.

A equipe de reportagem tentou ouvir por telefone a administração do local para falar sobre as queixas do comerciante, mas as ligações não foram atendidas.

Quem é cliente fiel pode levar fiado?

“Cheguei aqui em 18 de abril de 1975. Criei minhas três filhas com o dinheiro desse comércio”, contou José Belarmino de Almeida, 83 anos, comerciante de cereais no Mercado Público da Torre, em João Pessoa, um dos mais antigos do local. Além de uma fonte de renda, estar no trabalho de domingo a domingo é uma oportunidade de

sentir produtivo, útil, em plena “melhor idade”.

“Passei três meses em casa com um problema no pé e foi muito ruim. Gosto de trabalhar, de falar com as pessoas. É melhor do que ficar dormindo”. O box de José Belarmino já é conhecido por uma freguesia fiel, que após tantos anos de conhecimento já merece a confiança de fazer as compras e pagar depois. A dívida é anotada na velha caderneta de fiado, uma prática que já foi abolida por muitos comerciantes, menos por ele. “Olha aqui minha caderneta. Tenho cliente que compra fiado há mais de 10, 20 anos, e paga quando puder”, confessou, mostrando o caderno de anotações.

Apesar de gostar do que faz, Belarmino tem algumas reivindicações. Uma delas é sobre a limpeza e a qualidade do piso do mercado público que, segundo ele, vive sujo. Basta uma olhadela no chão para ver o encardido do piso e confirmar o problema. “Já teve cliente meu que deixou de vir por conta disso”, frisou.

Seis décadas no Mercado da Torre

Dos 89 anos de idade de José Pedro da Silva, 61 foram dedicados ao comércio também no Mercado da Torre. “Vendo cereais como arroz, feijão, farinha e produtos de prateleira, como bebidas”, contou. Parte da experiência de Seu Zequinha, como é conhecido, se confunde com a própria história do mercado. “Vi muitas

mudanças acontecerem nesse local. Meu primeiro ponto comercial foi numa barraca de madeira”, relembra.

Atualmente, num box de alvenaria, com luz elétrica e espaço para distribuir sua mercadoria, ele falou que antes mesmo do local ser um mercado, existiam, no bairro da Torre, umas bancas de madeiras espalhadas pela rua, que durante dois dias da semana eram armadas e depois os comerciantes tinham que desmontar e guardar tudo. Isso foi por volta de 1970, quando Seu Zequinha era apenas consumidor.

Cerca de dois anos depois, parte do mercado foi erguida e ele foi trabalhar numa barraca de madeira dentro do local. O antigo mestre de obras decidiu deixar a profissão que exerceu por oito anos para seguir o comércio no mercado. “Sou do Rio Grande do Norte e trabalhei muito tempo como mestre de obras no Rio de Janeiro. Não queria mais aquele serviço pesado. Como já tinha irmãs na Paraíba, resolvi morar aqui também em 1968”.

Ser testemunha da evolução do Mercado Público da Torre trouxe alguns aborrecimentos para Seu Zequinha. “Teve uma reforma, em 1979, e outra, em 2011. Essa mudança, por causa da reforma, me perturbou muito porque a gente ficava de um lado para o outro, tinha que desarrumar e arrumar tudo e a mercadoria estragava”.

Muitos clientes do vendedor ve-

terano, inclusive, já faleceram. “Mas sempre vai chegando gente nova”. Apesar da evolução do local, ele conta que faltam algumas melhorias no local como a limpeza dos banheiros e também da segurança. “Aqui quem lava é a gente e não temos segurança. À noite, os vândalos entram nos banheiros e quebram tudo”.

Melhorias no mercado

O administrador do Mercado Público da Torre, Ricardo Ribeiro Monteiro, declarou que, na atual gestão da administração pública municipal, o local recebeu um estacionamento para carros e motos, bem como vagas para os caminhões carregar e descarregar mercadorias. Ao falar da queixa dos comerciantes por mais segurança, ele contou que já solicitou esse serviço e está aguardando a Prefeitura fazer a licitação.

“Mas dia sim, dia não, temos dois vigilantes passando pelo mercado”. Ricardo acrescentou que qualquer ocorrência no local, os comerciantes podem acionar a 2ª Companhia da Polícia Militar que, segundo ele, costuma visitar o mercado.

Com relação à falta de higiene do chão, o administrador afirmou que toda semana o piso é lavado. Já sobre os banheiros, explicou que os próprios comerciantes são responsáveis pela limpeza dos banheiros usados por eles. “Já os banheiros dos clientes, temos pessoas no mercado que limpam constantemente”, finalizou.



Nos bons tempos, recebi aqui turistas de São Paulo, da Argentina, de Portugal e até vindos do Polo Norte. Os meus fregueses iam indicando o meu ponto e eles vinham consumir aqui

João Severino da Silva



Cheguei aqui em 18 de abril de 1975. Criei minhas três filhas com o dinheiro desse comércio. Olha minha caderneta. Tenho cliente que compra fiado há mais de 10, 20 anos, e paga quando puder

José Belarmino de Almeida



Vendo cereais como arroz, feijão, farinha e produtos de prateleira, como bebidas. Vi muitas mudanças acontecerem nesse local. Meu primeiro ponto comercial foi numa barraca de madeira

José Pedro da Silva



Dia sim, dia não, temos dois vigilantes passando pelo mercado. Já os banheiros dos clientes, temos pessoas no mercado que limpam constantemente

Ricardo Ribeiro Monteiro



Fotos: Evandro Pereira

Cidade chama a atenção dos adeptos do turismo ecológico e religioso; a principal atração é a trilha em direção ao Alto da Base

LAGOA DE DENTRO

Artesanato e turismo geram emprego e renda

O município se destaca, também, por ter uma das maiores produções de abacaxi do Brejo

José Alves
zavieira2@gmail.com

O principal cartão postal do município de Lagoa de Dentro é sua bela lagoa que, inclusive, deu origem ao nome da cidade. Mas os destaques da cidade, que tem um povo acolhedor, são o artesanato, o turismo ecológico, o turismo religioso e a cultura do abacaxi. Esses três segmentos são as principais fontes de renda de centenas de famílias. Por outro lado, a produção do abacaxi, segundo informações do agricultor Antônio Vicente, continua sendo, há anos, uma das maiores do Brejo.

Festejos juninos

Lagoa de Dentro está inserida no projeto Arraiá do Interior, que, este ano, após dois anos de interrupção por causa da pandemia da Covid-19, promete agitar e levar muita diversão para as regiões do Vale do Mamanguape e Brejo da Paraíba, com bandas de forró nacionais e locais. Os festejos do Arraiá do Interior terão início no

dia 10 de junho e se estenderão até o dia 30 de julho, com festas todos os finais de semana em cinco municípios: além de Lagoa de Dentro, Duas Estradas, Pedro Régis, Serra da Raiz, Jacaraú. A estimativa é que o evento atraia cerca de 15 mil pessoas nos finais de semana em cada um dos municípios envolvidos no projeto.

De acordo com o prefeito de Lagoa de Dentro, José Pedro da Silva, mais conhecido como Zezinho da Rapadura, "o Arraiá do Interior é um projeto cultural grandioso, que promove a cultura nordestina, fortalecendo o turismo e a economia das regiões". Este ano, o projeto está retornando com muita alegria e foca num roteiro repleto de festivais de quadrilhas, feiras de gastronomia, apresentações culturais e artísticas com grupos locais e bandas de renome nacional.

Feirart

O artesanato produzido em Lagoa de Dentro também é uma fonte de renda que gera muitos empregos. O segmento

Feirart

Todos os meses, as crocheteiras e os artistas plásticos expõem e vendem suas peças feitas com muita dedicação

é tão forte que os expositores da cidade, todos os meses participam da 'Feirart', uma feira onde as crocheteiras e os artistas plásticos expõem e vendem suas peças feitas com muita dedicação.

Na cidade, o artesanato também é responsável pelo desenvolvimento do turismo local e tem sempre gerado emprego e renda para dezenas de moradores.

Recentemente, o prefeito Zezinho da Rapadura, juntamente com diversos secretários municipais, participou, de 5 a 7 deste mês, da maior Feira de Turismo da Paraíba, a

Expo Turismo PB, realizada em João Pessoa. Na oportunidade, o gestor fez uma exposição da culinária e a cultura produzidas na cidade: doces, licores, artesanato e do fruto mais plantado em Lagoa de Dentro, o abacaxi. Também foi feita uma exposição sobre o turismo religioso e ecológico que se destaca por atrair turistas de João Pessoa, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte.

Ainda segundo Zezinho da Rapadura, o objetivo da exposição, foi buscar novas parcerias, novos conhecimentos e fazer uma divulgação maior da cidade, a fim de alavancar ainda mais o segmento do turismo na região. "Também participaram do evento as artesãs do grupo 'Mãos que Fazem', que tanto atrai turistas para a cidade". Realizada anualmente, a Expo Turismo Paraíba tem o objetivo de promover, comercializar e fortalecer os destinos turísticos da Paraíba, proporcionando geração de negócios, troca de experiências inovadoras e conhecimentos no cenário econômico atual.

O município chama a atenção dos adeptos do turismo ecológico e religioso.

Para os amantes da natureza, a principal atração é a trilha em direção ao Alto da Base. Um percurso de, aproximadamente, um quilômetro, saindo do centro da cidade. Trata-se de um ambiente de beleza natural que, inclusive, serviu de base de comunicação em código morse para o exército durante a Segunda Guerra Mundial. Outro ponto forte para os amantes da natureza na cidade, é o turismo de trilhas exclusivo para ciclistas.

Já o turismo religioso também é bastante forte em Lagoa

■ O dia 20 de janeiro é feriado municipal em homenagem ao santo. Os festejos começam com a tradicional procissão

de Dentro e a cada ano ganha mais fiéis.

Nesse segmento, milhares de pessoas participam da tradicional procissão de São Sebastião, padroeiro do município, uma das maiores da Região do Brejo. No dia 20 de janeiro é feriado municipal, em homenagem ao santo. São realizadas diversas atividades religiosas que se iniciam com a tradicional procissão, seguida de shows no centro da cidade.

Lagoa de Dentro fica a 102 quilômetros de João Pessoa, tem uma população estimada pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021, de 7.754 habitantes e uma área de 84,505 km².

Quem nasce na cidade é considerado lagoa-dentense. Pelo calendário da prefeitura, os feriados municipais são: 20 de Janeiro, Dia de São Sebastião (padroeiro); 8 de Março, Dia Internacional da Mulher; Último sábado de Outubro, Dia do Evangélico e, 20 de dezembro, Dia de Emancipação Política do município, fundado no dia 20 de Dezembro de 1961.

Diversos investimentos do Estado

O Governo do Estado tem aplicado diversos investimentos em Lagoa de Dentro. Um dos mais importantes é a construção da adutora, que vai ligar Guarabira a Pirpirituba, e irá sanar o problema de abastecimento de água em cinco municípios do Brejo paraibano: Pirpirituba, Duas Estradas, Sertãozinho, Serra da Raiz e Lagoa de Dentro. A água será captada de duas barragens: a de Araçagi e a de Cuitegi, que convergem para o reservatório R-2 e de lá serão distribuídas para as cinco cidades. Ou-

tros investimentos da gestão João Azevêdo, no município, são a restauração de rodovias, manutenção e conservação de estradas, travessias urbanas e asfaltamento de ruas, além da construção de um novo ginásio de esportes e da escola Ivan Bichara Sobreira.

Além desses investimentos, o Governo do Estado vem beneficiando os agricultores de Duas Estradas, com a distribuição de sementes selecionadas. As sementes de milho e feijão são distribuídas pela Secretaria de Agricultura, através de parceria com

a Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer).

Em abril, as entregas de elementos aconteceram na Escola Municipal do sítio Maria da Cruz. Compromisso com o agricultor e respeito ao homem e a mulher do campo são marcas da gestão do prefeito Zezinho da Rapadura, em parceria com o Governo do Estado, que vem trabalhando na Zona Rural com perfuração de poços, recuperação de açudes e barragens, corte de terra e melhorias de estradas e rodagens.

Ponto obrigatório para os viajantes

Pouco se sabe das verdadeiras origens do município de Lagoa de Dentro. Mas, segundo historiadores, por volta de 1880, já existiam, no local onde se situa a sede municipal, umas 10 ou 12 casas. Algumas delas pertenciam a José Cardoso e José Batista (primeiros comerciantes da localidade).

O local era ponto obrigatório de passagem dos viajantes que transitavam entre Guarabira e Jacaraú. Na época, o comerciante Antônio Fernandes fez a doação de um lote de terras para a construção de uma cape-



A primeira missa, após a obra, foi rezada por Frei Damião

la em homenagem a São Sebastião. Em 1954, foram iniciadas algumas modifi-

cações e, desde então, a capela foi transformada na igreja matriz da cidade. A primeira missa, depois de concluída a reforma, foi rezada em 20 de outubro de 1958 por Frei Damião.

O distrito de Lagoa de Dentro era subordinado ao município de Caçara, mas com o passar dos anos foi elevado à categoria de município com a denominação de Lagoa de Dentro, pela lei estadual assinada em 1961. Então, desmembrado de Caçara, o distrito de Lagoa de Dentro, foi constituído e emancipado no dia 20 de janeiro de 1961.

PATRIMÔNIO

Cine-Teatro São José: história de resistência e simbolismo

Equipamento cultural histórico de Campina Grande vai sediar a primeira etapa do 5º Festival de Música da Paraíba, nesta semana

Giovannia Brito
gibritosilva@hotmail.com

Um dos primeiros espaços dedicados à arte em Campina Grande é o histórico Cine São José. Fundado em 1945, o local, assim como outros equipamentos do mesmo segmento, integra uma lista dos famosos cinemas de bairro da cidade, que, já no início dos anos de 1900, encantava a sociedade campinense com a exibição de filmes. A sua história é de resistência e simbolismo: hoje, ele está requalificado e passou a ser Cine-Teatro São José, acolhendo múltiplas formas de arte, como o 5º Festival de Música da Paraíba, que acontecerá nos próximos dias 27 e 28. Ele será palco para as eliminatórias da competição, marcando uma de suas primeiras atividades após dois anos fechado por conta da pandemia. A grande homenageada do evento, Marinês (1935-2007), chegou a se apresentar diversas vezes no palco do equipamento.

O São José, edificado no estilo *art déco*, foi construído pela família Wanderley, que possuía diversas salas cinematográficas na Paraíba e em outras cidades do Nordeste. Diferentemente dos demais cinemas dos seus proprietários, ele foi criado para atender o público das classes B e C, e, assim, proporcionar à sua popularização ingressos mais baratos. Além disso, quando foi planejado, os donos o ergueram em uma área estratégica para atender a audiência do público-alvo. Construído no bairro São José, o cinema se avizinha aos bairros da Liberdade, Prata, Cruzeiro e também ao centro da cidade. Com essa estratégia, o Cine São José foi inaugurado em 10 de novembro de 1945. “Sua primeira sessão foi com o filme *Sempre no Meu Coração*. Depois, assim como em outras salas de exibição, ele passou a ser palco para shows musicais e espetáculos cênicos”, explicou o professor e coordenador do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Hipólito Lucena.

Uma destacada característica da programação do São José eram

as sessões de matinês dominicais. “Com a exibição de filmes populares de produções romanas, dos estúdios americanos de Hollywood, chanchadas brasileiras e os dramalhões mexicanos, que não tinham muito espaço nos cinemas da elite campinense”, destacou Hipólito.

Anos depois, o São José também passou a exibir seriados norte-americanos e noticiários, valendo-se do fato de, nos anos 1950 e 60, a televisão não ser tão popular, sendo artigo de luxo nas residências. Mas foi justamente pela popularização da TV, vivenciado nos anos 1970, que o cinema do bairro de São José, começou a ver seu brilho ofuscado, entrando em processo de decadência, ao ter seu público reduzido aos poucos. A direção ainda tentou colocar em prática uma estratégia: priorizar a exibição de roteiros de baixa qualidade ou de apelo popular. “Porno chanchadas brasileiras, comédias dos Trapalhães e os filmes de lutas marciais, sendo inclusive um filme de kung-fu a última exibição, uma plateia de pouco mais de 50 espectadores assistiram”, lembrou Hipólito. Essa última exibição ocorreu em 1983, em seguida suas portas foram fechadas e assim permaneceram por quase 30 anos.

Entretanto, nesse meio tempo, a família proprietária decidiu se desfazer do prédio, vendendo para uma igreja. “A classe artística da cidade tomou conhecimento do fato e se rebelou, não admitindo que o local que deu história a um dos primeiros cinemas de Campina Grande fosse apagado. Os artistas procuraram a professora e ativista cultural Eneida Agra Maracajá e juntos foram até a prefeitura falar com o então prefeito Ronaldo Cunha Lima, para que ele impedisse que o negócio fosse concretizado”, disse a atual diretora do Cine-Teatro São José, Moema Vilar. A iniciativa teve êxito, mas o local permaneceu fechado. Em 1990, passou para as mãos do Governo do Estado, porém, nenhuma iniciativa de reabrir-lo foi colocada em prática.

Ato de ocupação

Em 2010, revoltados com o descaso do poder público que abandonou o

Foto: Fabiana Veloso



Fotos: Fabiana Veloso



prédio, fazendo com que o local fosse abrigo para usuários de drogas e moradores de rua, o São José foi inspiração para uma revolução encabeçada por estudantes e artistas.

Após perceber que a situação de um dos patrimônios da cidade poderia ter como fim a ruína, estudantes se movimentaram para ocupá-lo

■ Cine-Teatro São José foi edificado no estilo ‘art déco’, sendo inaugurado em 10 de novembro de 1945, passando pela ‘Era de Ouro’ dos cinemas de bairro, a decadência do abandono até a revitalização, para ser um dos equipamentos culturais vitais de CG atualmente

e promover seu reavivamento cultural. “Decidimos ocupar e fazer alguma coisa por aquele espaço, que é tão representativo para toda sociedade. Foi durante debates no Comunicur-tas, festival audiovisual promovido pela UEPB, que vimos a necessidade de ocupar e tornar o São José um espaço para música, cinema, teatro e

artes plásticas”, disse Moema Vilar, que na época era estudante. “Lembro bem que após tomarmos o espaço, comprei um cadeado e fui responsável por colocá-lo no portão. A partir desse ato, o Cine-Teatro passou a ser novamente das pessoas que realmente passaram a cuidar e usá-lo em favor da arte”, frisou a diretora do equipamento.

Após a ocupação foi feita uma escala de apresentações dando palco a artistas locais e regionais que haviam encontrado um espaço para sua arte. O São José ficou um ano sendo administrado de forma coletiva. Em 2011, em uma iniciativa do Governo do Estado, o local passou por uma requalificação, sendo transformado de cinema para cine-teatro. Também foi promovida uma reforma. Em 2014 ocorreu a reinauguração e a partir disso, ele passou a ser administrado pela Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc).

O São José faz parte de uma estratégia da Funesc de interiorizar da cultura. “Ele passa por um processo de reocupação nesse cenário pós-pandêmico. Nesse primeiro semestre, o equipamento recebeu parte da programação do ‘Mês das Mulheres’, realizado pelo Governo do Estado, além de oficinas de formação promovidas pela Funesc”, destacou o presidente da Fundação, Pedro Santos.

Marinês e Campina Grande: “Elas foram uma só alma”

Giovannia Brito
gibritosilva@hotmail.com

Este ano, o Festival de Música da Paraíba vai homenagear a cantora Marinês, pela grandeza de sua obra e representatividade no cenário artístico de todo o Nordeste. Durante a eliminatória, nos dias 27 e 28, ocorrerá uma exposição no hall do cine-teatro, com diversos objetos pertencentes à Rainha do Xaxado.

O filho de Marinês, Celso Othon, se disse emocionado com a homenagem e

ao mesmo tempo, agradeceu pelo reconhecimento a sua mãe. “Ela amava a música autêntica nordestina e precisamos de mais iniciativas como essa para que nossa cultura não morra. Expor peças e roupas da minha mãe em um local de tamanha importância para a arte, onde ela chegou a fazer apresentações, e ainda por cima, durante um festival musical, é motivo de muito orgulho para nossa família”, destacou ele.

A artista não é natural de Campina Grande, mas

se considerava nascida na Rainha da Borborema. Ela nasceu em São Vicente Ferrer (PE), e aos 4 anos de idade veio com os seus pais. “Eu nunca vi ninguém amar tanta uma cidade como minha mãe amou Campina. Elas foram uma só alma. Aqui ela lutou por seus sonhos, gritou por seus ideais e passou por cima de preconceitos”, considerou Celso Othon.

Realizado pela Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), por meio da Rádio Tabajara, juntamente com a Secretaria de Estado da Comu-

nicação (Secom-PB) e Funesc, o 5º Festival de Música da Paraíba terá a grande final em 4 de junho, no Teatro Paulo Pontes, em João Pessoa. As eliminatórias serão transmitidas pela Rádio Tabajara FM (105,5) e pelo site oficial da emissora (radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/).

Celso Othon, filho de Marinês, com o exemplar de abril do ‘Correio das Artes’ dedicado à Rainha do Xaxado: peças da artista serão expostas para o público no hall do São José

Foto: Fabiana Veloso



Artigo

'Gangsta rap', Noel e Wilson Batista

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

O *gangsta rap* teve origem nos EUA, nos anos de 1980. Pode ser visto como o casamento do hip-hop com a cultura das gangues de rua que gerou um tipo de música com letras que enaltecem o crime, a misoginia, o uso de armas, a violência, a ostentação, o sexo e as drogas. Um subgênero muito polêmico, que se tornaria bastante popular entre os apreciadores do hip-hop.

Alguns de seus principais artistas estiveram encarcerados com a justiça. Tupac Shakur, provavelmente o mais importante deles, tem uma longa história de problemas legais. Ele chegou a ser preso por abuso sexual, e, certa vez, levou cinco tiros quando estava num estúdio de gravação.

Foi um artista que colecionou inimigos perigosos durante a carreira, entre eles outros *gangsta rappers* da costa oeste dos EUA. Em 1996, porém, sem a mesma sorte, acabaria novamente baleado. A sua morte chocaria o *show business* e o mundo do rap.

O assassinato aconteceu horas depois que o cantor saiu de uma luta de Mike Tyson, no MGM Grand Las Vegas. O seu carro foi fortemente baleado. Tupac chegou ainda com vida ao hospital, mostrando uma capacidade formidável de resistência, mas sucumbiu. Muitos acusaram o *rapper* The Notorious B.I.G. de ter encomendado o assassinato. O que se justificaria pelo fato de serem rivais, no entanto a acusação

nunca foi provada pela polícia. O certo é que a rivalidade entre as gangues da costa leste e o oeste dos EUA são o pano de fundo desse crime. A rivalidade que inicialmente estava no campo musical e estético saltou para o lado de fora, transformando-se literalmente numa briga entre gangues.

É bastante comum que em algumas composições do *gangsta rap* os letristas desafiem ou provoquem outros artistas, o que pode gerar réplicas e trélicas. Costuma-se valorizar o próprio estilo de vidas, a gangue a qual pertence, e aviltar quem se deseja atingir.

Compor músicas como uma forma de atingir alguém não é uma criação dos *rappers* estadunidenses. Para quem não sabe, no Brasil dos anos de 1930 houve uma grande disputa musical entre Noel Rosa e Wilson Batista. O primeiro era um jovem de classe média; o segundo, um garoto pobre e morador de uma favela. A rivalidade rendeu vários sambas. Na música 'Mocinho da Vila', por exemplo, Wilson Batista critica Noel questionando a sua condição de malandro: "Você que é mocinho da Vila / Fala muito em violão, barracão e outros fricotes mais / Se não quiser perder o nome / Cuide do seu microfone e deixe / Quem é malandro em paz".

A resposta a esse samba veio com 'Feitiço da Vila', que se tornaria um clássico do cancionário nacional, gravado por algumas das nossas melhores vo-

zes: "Quem nasce lá na Vila / Nem sequer vacila / Ao abraçar o samba / Que faz dançar os galhos / Do arvoredado e faz a lua / Nascer mais cedo".

Em outros versos da canção, lemos num tom classista e racista: "A Vila tem um feitiço sem farofa / Sem vela e sem vintém / Que nos faz bem / Tendo nome de princesa / Transformou o samba / Num feitiço decente / Que prende a gente".

Caetano Veloso disse que 'Feitiço da Vila', que ele amava, o deixou, desde cedo, com uma pulga atrás da orelha. Segundo Veloso, trata-se "basicamente de uma canção racista" com um viés de classe acentuado. Uma forma de afirmação dos valores e da vida da classe média letrada, em oposição aos sambas do morro que estavam próximos ao candomblé.

Origem

'Gangsta rap' nasceu nos EUA, nos anos de 1980 como o casamento do hip-hop com a cultura das gangues de rua

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética e Existência

Fraternidade e arte como origem de nação

A ideia de nação surgiu ao final da Idade Média e se intensificou durante a Revolução Francesa, entre 1789 a 1799. O período da Idade Média iniciou com a queda do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C., e se encerrou com a tomada capital do Império Bizantino, Constantinopla, pelos turcos-otomanos, em 1453. Naquela época, no final do século 18, de forma mais intensa e com muito violência, uma construção de um estado-nação deu-se com as revoluções Francesa e Industriais. Um dos princípios dos filósofos, durante a revolução, foi priorizar uma fraternidade, que fundamentou a ideia de pertencimento a um Estado, que impôs a todos cidadãos a necessidade de falar o próprio idioma de forma correta, e de defender a sua cultura, também de preservar as tradições e o sentimento de comunidade e unidade. A Revolução Francesa realizou essa unificação e valorizou o idioma nacional.

O historiador egípcio e naturalizado britânico Eric John Ernest Hobsbawm (1917-2012) escreveu *A Questão do Nacionalismo* (1944). Nesse livro, percebe-se que seus interesses foi apresentar o desenvolvimento das "tradições" que criaram o estado-nação. E uma de suas teses apresenta que "os costumes" são inventados por elites nacionais para justificar a importância de uma nação, e o idioma deve ser usado para afirmar uma forte identidade nacionalista. Por exemplo, segundo Hobsbawm, em 1789, o idioma francês era falado somente pela metade dos franceses e apenas 12% o falavam corretamente. Noutro exemplo, na Itália, no momento da sua unificação em 1860, apenas 2,5% da população usava o italiano nas atividades cotidianas. Por isso priorizou-se a importância do ensino primário público e da imprensa para fixar uma língua e uma cultura oficial, a fim de massificar o ideal de pertencimento de nação. Entretanto, naquele período do início do século 19, as revoluções industriais destruíram povoados que produziam uma agricultura artesanal, que constituíam os projetos de vida de uma comunidade. Aquela pro-



Historiador Eric John Ernest Hobsbawm

dução industrial, especificamente na Inglaterra, expandiu a condição econômico-social do cidadão. E aumentou as relações de produção e de troca tanto no comércio quanto no consumo. Isso estruturou uma comercialização competitiva, que apresentou um grande fluxo de mercadoria e contribuiu para organizar uma identidade nacional. Nesse contexto, as revoluções industriais e sociais impulsionaram nas nações e nos países a necessidade de supervalorizar um sentimento patriótico. A ideia de nação e o nacionalismo adquiriram uma grande massificação popular que geraram movimentos separatistas, entre esses, ocorreram na Hungria, na Polônia e na Grécia. Noutro caso, existiram conflitos que fortaleceram a unificação de alguns países, de forma mais explosiva ocorreu na Alemanha, e na Itália. Nos estados Unidos deu-se a expansão territorial. No Japão, na Era Meiji, deu-se uma modernização, que o transformou em uma potência mundial.

A arte sempre apresenta as expressões de um nacionalismo, de forma intensa, através da música. No Brasil, os seus compositores eruditos valorizam os ritmos, o folclore, o regionalismo e os íco-

nes. A origem desse nacionalismo pode ter surgido antes do século 17. Apesar disso, sabe-se que vários documentos estão perdidos e precisam de pesquisas para documentar essas identidades. De forma fragmentada, o sítio oficial *Música Brasileira* considera esse início a partir de 1819, através do pianista e austríaco Sigismund von Neukomm (1778-1858) com a fantasia 'L'Amoureux' para piano e flauta. No ano de 1857, tem-se a peça 'A Cayumba', do compositor campineiro Antônio Carlos Gomes (1836-1896), na qual utiliza um ritmo originário de danças negras. Em 1869, foi publicada 'A Sertaneja', do compositor paraense Brasília Itiberê da Cunha (1846-1913). No ano de 1887, na cidade do Rio de Janeiro, o cearense Alberto Nepomuceno (1864-1920) compõe a 'Série Brasileira', no ano de 1894, ele compõe 'Quatro Peças Líricas opus 13': 'I. Anhele'; 'II. Valsa'; 'III. Diálogo'; 'IV. Galhofeira'. No de 1890, o paulista Alexandre Levy (1864-1892) compõe o 'Tango Brasileiro' e a 'Suíte Brasileira'. No ano de 1905, o fluminense Francisco Braga (1868-1945) compõe 'Variações Sobre Um Tema Brasileiro', para orquestra. Em 1924, o fluminense Lorenzo Fernandez (1897-1948), compõe o 'Trio Brasileiro'. No ano seguinte, apresenta sua Suíte Sinfônica. Em 1926, o fluminense Luciano Gallet (1893-1931), compõe a 'Suíte Turuna'. No ano de 1928, o paulista Camargo Guarnieri (1907-1993) compõe a 'Dança Brasileira' e 'Canção Sertaneja'. Em 1929, o paulista Francisco Mignone (1897-1986) compõe sua primeira 'Fantasia Brasileira', para piano e orquestra. Entre 1920 a 1929, o fluminense Heitor Villa-Lobos (1887-1959), compõe a série de 14 choros. Em 1930, ele inicia a série das nove 'Bachianas Brasileiras'. No ano de 1931, Guarnieri compõe a 'Sonata n.º 1', para violoncelo e piano.

Sinta-se convidado à audição do 370º Domingo Sinfônico, deste dia 22, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Nesta audição irei apresentar compositores eruditos brasileiros.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Um afeto,
um bofete

Nos anos 1990, nós tínhamos um cachorro vira-lata chamado Jojó. No final eu conto. Era uma alegria danada: um animal feliz, que teve vida mínima. Esquece.

Pelas promessas, não atendo mais telefone dirigindo, nem olho o Zap, concentrado, como quem amanhece e anoitece pensando em alguém. Aliás, gostaria muito de ir a Teerã encontrar com Glenn Close lutando contra os aiatolás. Ela está linda na segunda temporada da série *Teerã*, mas não quero escrever sobre séries.

Talvez sobre o mundo e sua incompletude, que já sentimos a quebra de certezas, a desarticulação dos valores, por isto o mundo não cabe mais na bola ilusória de Chaplin. A coisa está pegando, já pegou.

O desencanto é tanto que, para explorar, sem medo, a elasticidade do novo, que pula da gaveta do velho, é nada perto da realidade. Se o cara vota no candidato Tao e o outro no candidato Y, os bombardeios verbais estão nos caldeirões sociais.

Aliás, como andam as lagostas denunciadas no século passado por Dona P? Faz tempo, né? Deixa quieto. Seria P a nossa Madame Bovary? Ah, Flaubert. O dilema do cinema, o treponema, não nos diz nada sobre a desilusão e o deslumbre que atravessa o desamor do antigo discurso de Roland Barthes. Cê viu cabeçaço por aí?

A curtição social disparou, assim como as Catarinas, Carolinas, Simones, Raimundas e Lucenas, mas a gente ainda quer ter voz ativa em nosso destino mandar. Levanta a maromba, se agacha, faz abdominal, e ainda deixa o bumbum duro.

Lá atrás, em 2011 começou um assombro de dimensão afetiva. Ou seja, laços destruídos apareceram levando em conta a força do desencanto. Este é um dado novo? Não.

Desde o início, as sociedades capitalistas mantêm o direito de acreditar que elas são as tais. Sério? Fomos ensinados a ver, no desencanto, uma coisa exclusivamente ligada aos fracassados e ressentidos.

Uma novata das redes sociais me olhou pela janela do carro e disse "Sr. K, suave é a noite, vamos dar um rolê?". Mas que nada, o sol ainda bate na moleira. Depois lembrei. *Suave é a Noite* é um livro de Scott Fitzgerald, cujas personagens falam pelos cotovelos. Normal, né?

Nunca mais vi Marcos Pires, que está enfrentando a via sacra de Santiago, um santo que andou com Jesus, apóstolo discípulo primeiro. Volta Marcos, vem viver outra vez o *Universo em Desencanto*, do finado Tim Maia.

As novas personagens da cena política mundial a partir do caos da pandemia ou bem antes, parecem zumbis. E tem aqueles que usaram a pandemia para tirar proveitos. Na esquina 300 eu vi uma pichação: "Não acreditamos mais em vocês". Não acreditamos mais em suas promessas de desenvolvimento social, escambau.

Na cara do mundo, a revolução dos bichos, a resolução de conflitos, a revolução da seca tirana, a revolução da 'Asa Branca', a procissão dos sertanejos e o belo *Limite*, de Mário Pedrosa, de 1931.

Agora sabemos o que queremos ou você vai ouvir aquilo que merece?

Ah! O cachorro Jojó, levava bilhetes na boca, aliás desenhos amorosos, eróticos e entregava a Dona F.

PoisZé, esse samba é pra você, ô meu amor.

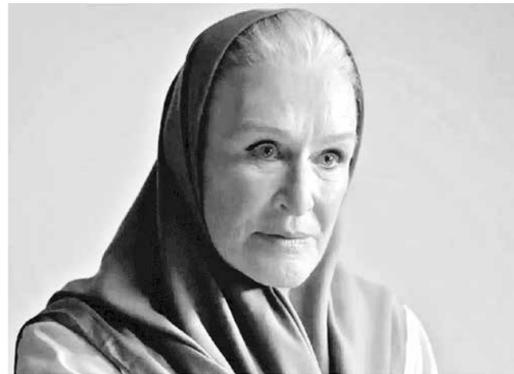
Kapetadas

1 - Uma dúvida: quem não é artista pode se posicionar?

2 - Eu tapo o sol com a peneira sim, vou tapar a peneira com o sol agora.

3 - O problema é que quando o Brasil nasceu a Lua estava em corrupção na Casa 1 e o Sol nascia quadrado na Casa 2.

Foto: Apple TV Plus/Divulgação



Glenn Close na nova temporada da série de espionagem 'Teerã'

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Xadrezista no cinema e na vida de talentosa criança

Dentre muitas que se conhece, temos como certeza a percepção de que, “A arte imita a vida; a vida imita a arte”. Isso, levando-se em conta a existência humana na sua mais simples ou complexa realidade.

Esse é um aforismo que nos traz algumas reflexões sobre uma factual e notória dualidade: vida e arte. O que nos faz acreditar numa verdadeira irrefutável sobre o tal essencial fenômeno.

Assistindo mais uma vez a *O Gambito da Rainha* (*The Queen's Gambit*), seriado em sete capítulos veiculado pelo *streaming*, inclusive premiado na categoria de Melhor Atriz, para Anya Taylor-Joy, notei na história do filme algumas boas coincidências pessoais, que me são realmente bem familiares e prazerosas. Resolvi então registrar uma delas, no meu dia a dia de escriba e jornalista colaborador de **A União**.

Dirigido pelo norte-americano Scott Frank, *O Gambito da Rainha* é uma produção multipremiada, sendo baseada no romance *The Queen's Gambit*, de Walter Tevis. A série estreou no Brasil em outubro de 2020, pela Netflix, quando a assisti, oportunamente. Ela narra a história de uma criança de 9 anos de idade, que é orientada pelo seu avô a jogar xadrez, visando melhor desenvolver a mente da pequena Beth. Quando mocinha, ela vai se destacar como uma enxadrista campeã. É um drama simples, de uma narrativa trivial, contudo, uma obra bastante premia-



Fotos: Divulgação

Arte ‘versus’ realidade: exemplos de xadrezistas no cinema (E) e na vida real de um garoto (D)

da e também elogiada pela crítica, não só nos EUA. Foi ganhadora do Prêmio Emmy de 2021.

Pois bem, esta semana algo me fez rever *O Gambito da Rainha*, agora com um motivo a mais de curiosidade sobre a criança. A verdade é que, como se já não bastassem as informações sobre as boas notas que consegue na escola em que estuda, o netinho Arthur veio com mais essa: “Vô, tenho uma surpresa pra você”. Disse isso de forma bem enfática, acrescentando: “Agora estou aprendendo xadrez na escolinha. Tenho ganho muitas partidas, jogando com meus coleguinhas. Não é Legal!?” E concluiu: “Xadrez é muito divertido...”

Diante da complexidade que bem representa o jogo de xadrez, não soube o real sentido do “muito divertido” para o meu neto. Contudo, diria que mais esta notícia sobre o seu

novo fascínio, agora xadrezista, só me trouxe muita alegria. Aliás, essa dentre outras razões de suas recentes curiosidades. Além das animações e joguinhos que costumava curtir na televisão, são seus ensaios na orquestrinha da escola e aulas de piano, que também vem desenvolvendo até mesmo em casa.

Arthur é, realmente, uma criança bastante ativa para os seus pouco mais de nove anos de idade. Tem iniciativas, sempre, naquilo que gosta de fazer e quer aprender, deixando surpresos até seus próprios professores. E mesmo que ainda não entenda completamente a narrativa de *O Gambito da Rainha*, tendo-o assistido, é possível que, no futuro, possa gozar dos louros de um enxadrista de sucesso. Queira o nosso Pai! – Mais “Coisas de Cinema”, acesse: www.alexantos.com.br.



APC felicita o FestCine Taperoá

O acadêmico Balduino Lélis, que ocupava a Cadeira 3 da Academia Paraibana de Cinema, recentemente falecido, recebeu homenagem em sua cidade, esta semana, na região do Cariri paraibano, com a primeira edição do FestCine Taperoá, que terminou ontem. Durante o evento, que é coordenado por sua filha, a *videomaker* Bebel Lélis, foram indicados alguns feitos do homenageado, sendo exibidos também filmes em que Balduino trabalhou como ator, entre eles, *Menino de Engenho* e *O Salário da Morte*. A APC se congratula com os realizadores do importante evento, desejando que o FestCine Taperoá seja mais um dos acontecimentos promocionais do cinema e do audiovisual paraibanos.

EM cartaz

ESTREIA

CHAMAS DA VINGANÇA (Firestarter. EUA. Dir. Keith Thomas. Suspense. 16 anos). Baseado em obra de Stephen King, casal com habilidades telecinéticas e telepáticas passa poderes para a filha. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 17h30 (dub.) - 22h20 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h (exceto seg.) - 19h10 (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 16h20 - 21h; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h20 - 21h.

DOG - A AVENTURA DE UMA VIDA (Dog. EUA. Dir. Channing Tatum e Reid Carolin. Comédia. 14 anos). Ex-soldado (Channing Tatum) recebe a missão de levar a pastor-belga do exército ao funeral do melhor amigo humano do cão. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 15h30 (dub.) - 19h50 (leg.); CINE SERCLA TAMBIA 3: 16h15 - 20h15; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 18h15; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h20; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 18h15.

PUREZA (Brasil. Dir. Renato Barbieri. Drama. 14 anos). Pureza (Dira Paes) é uma mãe solo que mora com seu filho (Matheus Abreu), em uma pobre região do Maranhão. O jovem resolve deixar o local para buscar emprego num garimpo, com a promessa de dar uma vida melhor. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 17h40 - 22h15.

QUATRO AMIGAS NUMA FRIA (Brasil. Dir. Roberto Santucci. Comédia. 12 anos). Amigas que se conhecem desde a infância, viajam a despedida de solteira de uma delas, mas no final, dá praticamente tudo errado. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 15h15 (exceto sáb. e dom.) - 19h45; CINE SERCLA TAMBIA 3: 16h15 - 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 5: 16h15 - 20h15.

PRÉ-ESTREIA

TOP GUN: MAVERICK (EUA. Dir. Joseph Kosinski. Aventura. 12 anos). Depois de mais de 30 anos servindo a marinha, Maverick (Tom Cruise) continua na ativa, treinando um grupo de pilotos para uma missão especial que nenhum “Top Gun” jamais participou. CENTERPLEX MAG 2:

15h30 (dub.) - 18h15 (leg.) - 21h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub., exceto qui., sex., seg. e ter.): 14h - 17h - 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE: 13h (dub., exceto qui., sex., seg. e ter.) - 16h (dub., exceto qui., sex., seg. e ter.) - 19h (dub., exceto qui. e sex.) - 22 (leg., exceto qui. e sex.); CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 13h30 (exceto qui., sex., seg. e ter.) - 16h30 (exceto qui., sex., seg. e ter.) - 19h30 (exceto qui. e sex.) - 22h30 (exceto qui. e sex.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 13h (exceto qui., sex., seg. e ter.) - 16h (exceto qui., sex., seg. e ter.) - 19h (exceto qui. e sex.) - 22h (exceto qui. e sex.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 15h25 (sáb., dom. e qua.) - 18h (exceto qui. e sex.) - 20h35 (exceto qui. e sex.); CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h25 (sáb., dom. e qua.) - 18h (exceto qui. e sex.) - 20h35 (exceto qui. e sex.).

CONTINUAÇÃO

DOCTOR ESTRANHO NO MULTIVERSO DA LOUCURA (Doctor Strange in the Multiverse of Madness. EUA. Dir. Sam Raimi. Aventura. 14 anos). Dr. Estranho (Benedict Cumberbatch) vai para uma jornada numo ao desconhecido. CENTERPLEX MAG 3: 16h (dub.) - 18h45 (leg.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 15h20 - 18h10 - 20h50; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (leg.): 11h30 (exceto sáb. e dom.) - 19h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (leg.): 15h45 - 18h30 - 21h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (leg.): 14h (qui., sex., seg. e ter.) - 17 (qui., sex., seg. e ter.) - 20h (qui. e sex.); CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub., 3D): 14h30 - 17h20 - 20h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE (dub., 3D): 16h (qui., sex., seg. e ter.) - 19h (qui. e sex.) - 22h (qui. e sex.); CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg., 3D): 15h (qui., sex., seg. e ter.) - 18h (qui. e sex.) - 21h (qui. e sex.); CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 13h (qui., sex., seg. e ter.) - 16h30 (qui., sex., seg. e ter.) - 19h30 (qui. e sex.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 13h30 (qui., sex., seg. e ter.) - 16h15 (qui., sex., seg. e ter.) - 19h15 (qui. e sex.) - 22h (qui. e sex.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 15h30 (exceto seg. e ter.) - 18h15 (exceto seg. e ter.) - 21h15 (exceto seg.

e ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub., 3D): 14h30 - 17h15 - 20h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 15h (qui., sex., seg. e ter.) - 17h45 (qui. e sex.) - 20h30 (qui. e sex.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 17h30 - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 15h45 - 18h15 (3D) - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h45 - 18h15 (3D) - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 17h30 - 20h.

O HOMEM DO NORTE (The Northman. EUA. Dir. Robert Eggers. Drama histórico. 18 anos). No ano de 914, o príncipe Amleth (Alexander Skarsgård) está prestes atingir maioridade e ocupar o espaço de seu pai (Ethan Hawke), que acaba sendo brutalmente assassinado. Amleth então jura vingança. CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (leg.): 16h20 - 21h50; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 18h20; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 18h20.

A MÉDIUM (The Medium. Coreia do Sul, Tailândia. Dir. Banjong Pisanthanakun. Terror. 16 anos). Na Tailândia, médium é possuído pelo espírito de uma divindade, mas o que pode estar possuindo o xamã pode não ser a deusa que eles dizem ser. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 16h10 (exceto seg.) - 21h30 (exceto seg.).

MEU AMIGÃOZÃO - O FILME (Brasil. Dir. Andrés Liebman. Animação. Livre). Yuri, Lili e Matt se preparam pra um dia especial. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h45 (sáb. e dom.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 13h30 (sáb. e dom.).

O PESO DO TALENTO (The Unbearable Weight Of Massive Talent. EUA. Dir. Tom Gormican. Comédia. 16 anos). Com a vida e prestes a pedir falência, Nicolas Cage chega no fundo do poço e se mete em uma aventura que ultrapassa os seus papéis feitos. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 13h15 (sáb. e dom.).

SONIC 2 (EUA. Dir. Jeff Fowler. Comédia. Livre). Em Green Hills, Sonic está pronto para mais liberdade e quer provar que tem o necessário para ser um herói de verdade. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 14h45 (sáb. e dom.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 15h10; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h10.

Letra
 Lúdica
 Hildeberto
 Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Haicai e o amor

De essências e medulas se faz a poesia, diz Ezra Pound na consecução de seu *paideuma* lírico. O minimalismo e seus desdobramentos formais abre largo campo de experiências para aqueles que se digladiam em torno da palavra poética. Diria que há uma febre do menos, não só pela referência credencial de um João Cabral de Melo Neto ou pela pressão das vanguardas (poesia concreta, poema práxis, poema processo, se me ateno aos movimentos mais visíveis), mas também pelo eco oriental do haicai, que, desde o século passado, aqui se aclimatou enquanto procedimento técnico-literário dos mais férteis e sugestivos.

Pode-se mesmo falar de um haicai à brasileira! Se mestres canônicos, como Bashō, Buson e Issa, servem de modelos para aqueles que cultivam a forma nipônica, dentro de seu espírito de síntese e densidade perceptivas, como que formulando uma visão guesáltica das coisas e dos fenômenos, parece ampliar-se, no entanto, o raio do olhar, das ideias, das sensações e do pensamento em contexto diverso, mas nem por isto indiferente à sua “metafísica instantânea” cheia de *insights* e de feitos poéticos.

É lendo a nova coletânea de haicais, *No compasso da maré* (Maceió, 2022), do alagoano Fernando Sérgio Lyra, organizada pelo poeta Sidney Wanderley, que me vêm reflexões como esta. Até porque Fernando Sérgio Lyra, a levamos em conta seus livros anteriores, parece ter optado por esta forma poética como a forma que se adequa melhor às suas inclinações estéticas e vivenciais no exercício da palavra. Leia-se, para conferir, *Hai-cactos* (1991), *Planos de gaiivota* (1996) e *Hai-quase* (2002), este em parceria com Sidney Wanderley e por mim prefaciado. A epígrafe, colhida em Victor Hugo (“A palavra, como se sabe, é um ser vivo”), já irradia sinais significativos no que concerne a motivos temáticos e a táticas retóricas. Lá, a variedade de tópicos, embora a presença dominante de ingredientes naturais, tão ao sabor dos paradigmas de origem, naquilo que eles contêm de essencial e medular, de revelação e espanto. Aqui, o manejo substantivo do vocábulo, a palavra-coisa, quase tátil, no ato de desvelar ou conceituar os acidentes da natureza.

Para o primeiro caso, veja-se este haicai: “Artesã holística / a aranha desentranha a teia / e enfeita o dia”. Para o segundo, em seu ludismo metalinguístico e intertextual, o exemplo da página 18: “Num iluminuto / corri atrás do haicai / e ele leminskivou-se”. Quadros da paisagem, os ciclos naturais, água, estrelas, bichos, insetos, tudo se organiza poeticamente no limite dessa forma singular. Mesmo situações metafísicas são tocadas pelo gume das palavras no seu rigor revitalizante, e, certas motivações, a exemplo da morte, são retomadas sob a luz de intenso lirismo, como demonstra o último haicai: “Em tua última noite / cisnes cantarão algures / a hora do teu pó”.

São pequeninas amostras do seu métier. O bastante, contudo, para se perceber que estamos em companhia de um mestre do gênero. Um mestre que cultiva, em silêncio e sem pressa, a terra renovável da melhor poesia, lá nos confins da praia de Maragogi, bafejado pelo adágio das ondas do mar e pela “verdade vazia e perfeita” do azul do céu.

A lírica amorosa é aproveitada, dentro de seus compassos de perdas e ausência, pela dicção de Astrid Cabral, em *Coração à solta* (RJ: Kade, 2021). Um coração que, enquanto órgão da recordação, enquanto instância essencial do lírico, traz o passado de volta e faz da ausência uma presença encantatória, muito embora, não raro, dolorida e dolorosa. Tema dos mais canônicos, dos mais comuns na tradição do lirismo universal, também dos mais difíceis, uma vez que se corre o risco de se cair no puro profissionalismo, com seus soluços e lágrimas, ou de se percorrer a abstração conceitual de teor filosófico, com seus truismos e axiomas nem sempre sustentáveis.

Penso que Astrid Cabral, já na altura de sua plena maturidade no trato do verso, escapa ao dualismo dessa armadilha e traça seu caminho, sua via-crúcis, sua “peregrinação”, como diz Alexei Bueno, em prefácio, em torno do amor, tentando captar sua experiência plural e multifária, suas modalidades diversas e paradoxais.

As maneiras de amar, os aspectos trágicos do amor, os desastres, o clímax, a união, a tristeza, a cegueira, a revelação e o desenlace, entre outras tonalidades e perspectivas da sua rica fenomenologia são exploradas em poemas construídos com disciplina e sensibilidade.

O erotismo, por exemplo, comparece em moldura bem medida, num texto como *Climax*, em que o toque físico se converte em dimensão cósmica, senão vejamos: “Ao lado do orgasmo / que são palmas e aplausos? / Da vida o espetáculo mor / dá-se mesmo na alcova / nunca em nenhum palco. / É quando em lance de luz / o vasto universo se reduz / e próximo nos transpassa”. *Corpo e alma, União e Milagre* reforçam, no mesmo timbre e na mesma cadência, a esfera da sagração no encontro raro de carne e espírito. A marca estilística é toda contensão. Se o tema pressupõe densidade, a materialidade dos versos se põe em perfeita sintonia com seus apelos semânticos, no seu dizer e revelar, sem excessos verbais nem artifícios retóricos.

Colunista colaborador

ARTES VISUAIS

Hermano José ganhará exposição

Pinacoteca da UFPB promoverá mostra em homenagem ao centenário de nascimento do artista paraibano, em julho

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

“Hermano José é muito importante, pois formou diversos artistas, deu uma contribuição que é reconhecida em âmbito nacional e também contribuiu para o engrandecimento da UFPB como um todo”, ressaltou a vice-coordenadora da Pinacoteca da Universidade Federal da Paraíba, Marisa Pires Rodrigues, referindo-se ao artista e ativista paraibano (1922-2015). No intuito de homenageá-lo, ela informou que a entidade realizará, em julho, mês em que ele nasceu, uma mostra com obras pertencentes à Sala Hermano José, da qual também é curadora, para marcar o centenário de nascimento.

Uma das obras do artista que integra o acervo da Sala é a *Circo Garcia - Interior*, de 1954, que atualmente está em cartaz na exposição *Raio-que-o-parta: ficções do Moderno no Brasil*, no Sesc 24 de Maio, em São Paulo. Segundo a museóloga Marisa Rodrigues, o retorno da obra se dará em agosto, quando ela fará a recondução da obra do Sesc-SP para a Sala Hermano José. A Pinacoteca também está com o catálogo com todo seu acervo disponibilizado no site do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA).

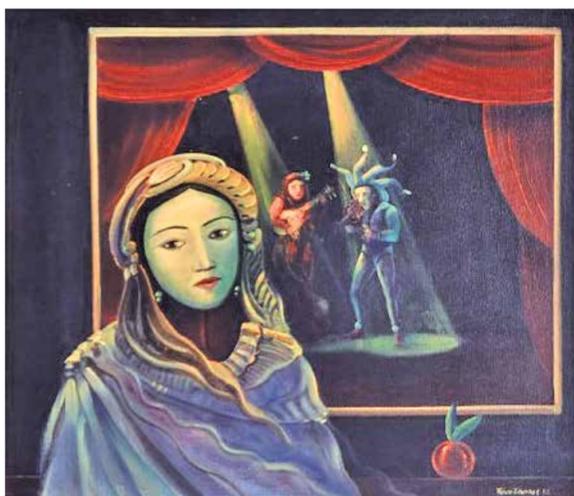
“As coleções Hermano José e Rossini Perez, que fa-

zem parte da Sala Hermano José, são o objeto de duas doações, feitas por seus autores, ambas em 2014, e que foram acondicionadas em sala adaptada para ser uma reserva técnica provisória na Biblioteca Central, inaugurada em 2015”, explicou Marisa Rodrigues. “Esses acervos estão sob minha curadoria, expresso no Processo de Doação, aguardando uma sede definitiva para sua transferência permanente e incorporação ao acervo da Pinacoteca, por decisão dos doadores”, afirmou a museóloga.

Marisa Rodrigues informou que “a doação de Hermano José engloba 33 obras de sua autoria, com exceção de uma tela de José Lyra, outra de Mariã Fortuny, e a outra doação, do gravador Rossini Perez, reúne 48 gravuras, de várias técnicas, todas de sua autoria. Essas duas coleções estão 100% catalogadas, acondicionadas e disponíveis para pesquisa”.

Flávio Tavares

Doze peças, entre pinturas e desenhos, integram a exposição inédita *Flávio Tavares no acervo da Pinacoteca da UFPB*, que marca a reabertura ao público da Galeria de Arte Lavadeira, equipamento cultural do Departamento de Artes Visuais do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA), e permanece-



Exposição com acervo de Flávio Tavares (acima) foi aberta na UFPB

rà à visitação até 13 de junho, em João Pessoa.

É a primeira vez que a Pinacoteca da UFPB apresenta um recorte das obras do pintor paraibano presentes no acervo da Universidade. O artista e aluno egresso do curso de Artes Visuais da UFPB, Maycon Albuquerque, é o curador da mostra, que pode ser apreciada de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h, de forma gratuita.

Além dessa mostra, está em cartaz no Hotel Globo, no Centro Histórico da capital, a exposição com um recorte do acervo da Pinacoteca da UFPB. São pinturas, esculturas e xilogravuras, que totalizam 23 peças, integram a coletiva, que tem nomes como o próprio Flávio Tavares, Mi-

guel dos Santos, Fred Svendsen, Clóvis Júnior, Rosilda Sá, dentre outros.

A coletiva, que é realizada pela Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), em parceria com a UFPB, se caracteriza por contemplar três décadas de artes visuais (1960, 1970 e 1980), além de prestar homenagem póstuma ao gravurista paraibano José Costa Leite (1927-2021). A mostra poderá ser vista gratuitamente, todos os dias da semana, sempre das 8h às 17h30, até o dia 30 deste mês.

O projeto foi idealizado pelo chefe da Divisão Hotel Globo, Willian Macêdo, em parceria com o curador da mostra, o professor e coordenador da Pinacoteca da UFPB, Gabriel Bechara Filho.

Fotos: Pinacoteca da UFPB/Divulgação



Acima, Sala Hermano José, que engloba 33 obras de autoria do artista, incluindo ‘Circo Garcia - Interior’ (abaixo), de 1954, que atualmente está na exposição ‘Raio-que-o-parta: ficções do Moderno no Brasil’, em São Paulo

A PREFEITURA DE JOÃO PESSOA VAI TE AJUDAR A COLOCAR AS CONTAS EM DIA.

Se você tem dívidas de:

IPTU | ITBI | ISS | TCR | Multas de Construção |

Semam (Secretaria de Meio Ambiente) ou Procon-JP.



Descontos de até:

100%
NOS JUROS

90%
NAS MULTAS

Aproveite para regularizar a sua situação

ATÉ

08
DE JUNHO





Foto: Divulgação/PMJP

Região Metropolitana

“se rende” e adere ao Orçamento Democrático

Municípios da Grande João Pessoa investem nas audiências para definir prioridades em obras e serviços

Pettronio Torres
pettroniotorres@yahoo.com.br

Um dos mais importantes instrumentos de elo entre os anseios da população e os governos municipais e estadual. Essa é a definição mais ouvida pela reportagem de **A União** dos gestores estaduais quando se fala de um instrumento no qual a população é convidada a participar das decisões das gestões sobre a melhor forma de aplicar o dinheiro público, seja em obras ou serviços. Aliás, a adesão a esta metodologia de gerir parte dos recursos das administrações públicas vem ganhando, ano após anos, mais adeptos no estado. Na Região Metropolitana de João Pessoa,

o sistema, com nomenclaturas diferentes, é adotado em todos os municípios.

Na cidade de Conde, por exemplo, durante este mês de maio, a prefeita Karla Pimentel voltou a ouvir os moradores do município para poder executar as obras elencadas por eles no próximo ano.

A prefeita e sua equipe participaram da primeira audiência pública do Orçamento Democrático Municipal, que foi realizada no Ginásio da Escola Anglicana, na Comunidade da Pousada. Na ocasião, participaram representantes da Câmara Municipal e o secretário do Orçamento Democrático Estadual, Júnior Caroé, representando o Governo do Estado.

No Conde, as plenárias têm como principal objetivo ouvir da população suas reclamações e reivindicações, além de elencar quais são as maiores necessidades de sua região. Em cada audiência, três prioridades são escolhidas para serem inseridas nos investimentos que irão compor a Lei Orçamentária Anual (LOA) de 2023.

“Estamos ouvindo críticas e sugestões. Teremos disponibilidade para o diálogo com a população, na intenção de solucionar o que for possível, é fundamental para uma gestão fluir esse diálogo”, explicou a prefeita Karla Pimentel.

Ainda em sua fala, a prefeita Karla disse que no ano passado não estava trabalhando

com um orçamento aprovado em sua gestão, mas este ano as coisas serão diferentes. “Com nossa LOA, estamos conseguindo ver as diferenças que seguem acontecendo no município”, explicou.

Em relação a uma das maiores demandas da população, o ginásio do bairro Pousada, que há mais de 20 anos espera pela sua conclusão, a prefeita informou que a obra está em licitação e até o final do ano o ginásio será construído. “Fruto da plenária do Orçamento Democrático Mu-

nicipal”, disse a prefeita. Entre as obras de infraestrutura e da demanda do OD passado, a gestora afirmou que estão em processo de licitação obras de pavimentação em Caxitu e Mituçu e também a desapropriação de terrenos para a construção de uma creche na Pousada.

O secretário estadual do Orçamento Democrático Estadual, Júnior Caroé, ressaltou que trazer a comunidade para um espaço de diálogo precisa ser louvado e a prefeita está de parabéns por este

momento, em que tanto críticas quanto elogios são fruto de um processo democrático. Para ele, estar disposto a participar da plenária e ouvir a população é uma atitude muito importante para o povo de Conde.

“O Governo do Estado segue ao lado da gestão do município de Conde para que, em parceria, possam trabalhar para beneficiar a população e, com certeza, a prefeita Karla vai seguir dialogando e desenvolvendo seu trabalho no município”, falou.

Em CG e JP, a nomenclatura muda

Nas duas maiores cidades paraibanas, João Pessoa e Campina Grande, esse instrumento leva o nome de Orçamento Participativo. A coordenadora do mecanismo na Rainhas da Borborema, Crizane Xavier de Paula, confirmou que as audiências começaram desde o final mês de março.

“As primeiras assembleias populares aconteceram no final de março. Nessas assembleias, explicamos à população do que se trata, pois muita gente desconhece o Orçamento Participativo. Fizemos também a escolha dos delegados e conselheiros”, explicou.

Já em João Pessoa, a população da capital, desde 2005, vem participando deste instrumento da democracia participativa, que promove o diálogo direto com o poder público municipal, sobre o melhor encaminhamento dos recursos públicos do orçamento municipal.

“O Orçamento Participativo empodera a sociedade e fortalece o poder local, fazendo o compartilhamento de poder entre gestão e população, que participa e fiscaliza as ações do governo, além de ajudar na elaboração e implementação das peças orçamentárias: Lei de Diretrizes Orçamentárias, a LDO, Lei Orçamentária Anual, a LOA, e o Plano Plurianual, o PPA”, explicou o vice-prefeito da capital, Léo Bezerra, que vem frequentando as plenárias, iniciadas mês passado.

O Governo do Estado foi o pioneiro deste instrumento de democracia participativa. Ele se tornou realidade como um compromisso assumido pela atual gestão. Na estrutura do Governo do Estado da Paraíba, o Orçamento Democrático está sob a coordenação da Secretaria de Estado do Planejamento, Orçamento, Gestão e Fi-

nanças, que tem à frente o secretário Gilmar Martins.

Em 2022, as plenárias do Orçamento Democrático voltaram a ser presenciais, após dois anos de versões remotas, on-line, este ano os dois formatos estão sendo utilizados, conforme lembrou o secretário Gilmar Martins.

“O governador João Azevêdo decidiu manter os dois formatos, tanto presencial como on-line. Será uma opção a mais para quem não puder estar presencialmente”, confirmou o secretário.

As Plenárias do Orçamento Democrático Estadual acontecem desde a semana passada, quando o Sertão foi sede dos eventos. Já nos últimos dias as cidades de Catolé do Rocha, Monteiro e Cuité foram as anfitriãs e acolheram todo o Governo para ouvir as demandas de suas populações.

Estrutura

Conselheiros eleitos

O Conselho do Orçamento Democrático Estadual é um espaço de participação popular destinado a discussões acerca da realidade local e das ações desenvolvidas pelo Governo do Estado nas Regiões Geo-orçamentárias e é composto por conselheiros/as regionais e conselheiros/as estaduais, democraticamente eleitos/as, em votação aberta, nas Assembleias Microrregionais e Regionais, respectivamente.

ELEIÇÕES 2022

Campanha esquentada no NE com ataques entre caciques

“Cínico”, “ladrão” e “tirano” são alguns adjetivos disparados em redes sociais

Felipe Frazão
Agência Estado

A menos de cinco meses da eleição, caciques tradicionais da política começaram a trocar hostilidades e acusações públicas de corrupção. Antigas rivalidades regionais se acirraram novamente, opondo políticos que foram chefes do Poder Legislativo e até um presidencial.

“Cínico”, “ladrão”, “tirano” e “venenos” são alguns dos adjetivos disparados em redes sociais e entrevistas. Por enquanto, o foco está no Nordeste. No Ceará, a briga da vez envolve o ex-presidente do Congresso, Eunício Oliveira (MDB), e Ciro Gomes, pré-candidato a presidente do PDT. Eles já dividiram o mesmo palanque no passado, mas têm um histórico de desavenças. Em Alagoas, o presidente da Câmara, Arthur Lira (Progressista) e o senador Renan Calheiros (MDB) trocam insultos.

Na contenda cearense, Eunício cobrou que Ciro explique o uso de um apartamento em Paris, na França, e imóveis no Rio e em São Paulo. Também afirma que o adversário pedetista costuma voar em um jatinho que estaria registrado em nome de um empresário, dono de uma siderúrgica no Estado.

“Ele (Ciro) diz que eu tenho um apartamento em Miami. Eu tenho, está declarado no Imposto de Renda. O que ele fica em Paris eu não sei quem paga. Como ele vive nababescamente, tem apartamento em Fortaleza, no Rio, em São Paulo? O avião que ando é meu, está declarado em nome da minha holding. Ele anda há cinco anos num

■ Antigas rivalidades regionais se acirraram novamente, opondo políticos que foram chefes do Legislativo e até um presidencial

jatinho que não sei de quem é e quem paga”, afirmou Eunício ao Estadão.

Os ataques foram uma resposta à acusação de Ciro, segundo quem o ex-senador foi beneficiado no governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT), presidencial do PT, com um contrato de R\$ 1 bilhão na Petrobras. “O Lula deu para ele (Eunício) um R\$ 1 bilhão, com B de bola, sem licitação da Petrobras para a empresa dele, Manchester. Virou um bilionário, sendo um cara de Lavras da Mangabeira que veio para Fortaleza com uma mão na frente e outra atrás. E agora é um bilionário com apartamento no estrangeiro”, declarou Ciro Gomes, a uma rádio.

Em um áudio divulgado em rede social, Eunício devolveu: “Cínico, mentiroso, na minha casa nunca entraram para saber se tinha dinheiro não. Na sua foram atrás, Ciro”.



No Ceará, uma briga política envolve Ciro e o ex-senador Eunício Oliveira

Foto: José Cruz/Agência Brasil

Briga

Na contenda cearense, Eunício cobrou que Ciro explique o uso de um apartamento em Paris, na França, e imóveis no Rio e em São Paulo

A rusga é mais antiga e também envolve bens. Eunício arrematou em leilão, no ano passado, um apartamento de R\$ 520 mil que pertencia a Ciro, mas que havia sido bloqueado para pagar indenização por ofensas ao ex-presi-

dente e senador Fernando Collor de Mello (PTB-AL). Collor venceu ação de danos morais depois que Ciro o chamou de “playboy safado” e “cheirador de cocaína”, numa entrevista à rádio Jangadeiro BandNews. Ciro afirma que Eunício comprou o apartamento apenas para “humilhá-lo” e que só denuncia casos em nome da “decência”.

A rivalidade hoje tem como pano de fundo não só a composição dos palanques no Ceará, mas a disputa presidencial. Eunício apoia a candidatura do ex-presidente Lula ao Palácio do Planalto. Segundo ele, Ciro não tem condição de ser um nome da terceira via, mas sim da “3ª Delegacia”. Ele afirma que Ciro precisa explicar como paga suas contas e custeia despesas pessoais, além da origem de seu patrimônio, porque “nunca trabalhou”, nem recebeu herança.

Lira e Calheiros travam embate em Alagoas

Em Alagoas, há outro embate escancarado, que envolve não só as eleições de 2022 como a disputa pelo governo-tampão no estado, cargo que ficou desocupado depois da saída de Renan Filho (MDB) do cargo de governador. O político renunciou há um mês para disputar uma vaga no Senado ao lado do pai, o ex-presidente do Senado, Renan Calheiros. Os Calheiros são adversários de Arthur Lira, aliado do presidente Jair Bolsonaro.

Quem esteve à frente do governo de Alagoas desde que Renan Filho saiu foi o presidente do Tribunal de Justiça, Klever Rêgo Loureiro. O ex-vice-governador Luciano Barbosa (MDB), já havia deixado o cargo em 2020, quando disputou e venceu a eleição para a prefeitura de Arapiraca.

O candidato de Lira para o mandato-tampão foi o senador Rodrigo Cunha (União Brasil). O clã Calheiros apoiou o deputado estadual Paulo Dantas (MDB), que venceu a eleição. Calheiros acusou o presidente da Câmara de ser um “golpista” e “tirano” no debate sobre a eleição indireta para governador em Alagoas. Afirma também que Cunha é um “senador que nada faz” e que “se vendeu ao Centrão”.

Isso porque o grupo político de Lira recorre à Justiça para adiar a eleição no estado.

“A independência dos poderes é sagrada. Quarteladas, afrontas aos poderes e desacato às decisões judiciais são condutas de tiranos em qualquer lugar”, escreveu Renan Calheiros, no Twitter.

Lira devolveu, chamando Renan de “venenoso” e disse que quem entende de golpe é o senador. “Em Alagoas, achaca e interfere nos poderes”, disparou o presidente da Câmara. “Sobre dar golpes, o senador Renan Calheiros entende bem. Foi assim que tentou conduzir o Congresso Nacional e, várias vezes, desrespeitou decisões judiciais.” No Twitter, Lira citou o poema “No Meio do Caminho” de Carlos Drummond de Andrade para dizer que a “pedra” no caminho de Renan sempre foi e será a lei.

Os embates deste ano reeditam bate-bocas notórios entre caciques políticos. Em 2000, o plenário do Senado parou para assistir o bate-boca entre o então presidente da Casa, senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) e Jader Barbalho (MDB-PA). Foi no dia 5 de abril daquele ano. Ambos eram da base de apoio do presidente Fernando Henrique Cardoso, mas se estra-

nharam por conta de disputas políticas. Jader seria presidente do Senado um ano depois.

Na época, ACM, como era conhecido o político baiano, tinha contra si um pedido de investigação no Conselho de Ética. Barbalho tirou proveito do episódio para cobrar que o presidente do Senado deixasse o cargo. Ao ouvir Jader discursar, ACM tentou interrompê-lo: “Os nossos motivos são diferentes: o seu caso é de desonestidade”, declarou. Jader devolveu com uma frase que entrou para os anais da Casa: “Não concedi aparte. Fique calado. Ouça calado aí. Fique caladinho aí”.

No final do longo discurso, o senador paraense ironizou: Tenho a impressão de que o grande baiano Dorival Caymmi se inspirou no senador Antônio Carlos Magalhães para fazer esta canção, com a qual eu encerro o meu discurso: João valentão é brigão para dar bofetão e nem pensa na vida. A todos, João intimida. Faz coisas que até Deus duvida. Mas a nós não mais”. ACM pediu a palavra para dar o troco: “De nada valeu a minha piedade cristã. Por piedade cristã, não mostrei os furtos, anunciados em todos os jornais não só da sua terra, como de todo o Brasil, do senador Jader Barba-

lho. Estão todos ali, como estão aqui”.

Na Paraíba, na década de 1990, as diferenças políticas foram resolvidas à bala. Em 1993, o então governador do Estado, Ronaldo Cunha Lima, deu três tiros no antecessor Tarcísio Buriti que havia feito declarações públicas levantando suspeitas sobre a conduta do filho do governador, Cássio Cunha Lima, na época com cargo no Governo Federal. O processo criminal chegou ao Supremo Tribunal Federal (STF) e Ronaldo Cunha Lima, em 2007, renunciou ao mandato de deputado federal para se livrar do julgamento na Corte.

“

Sobre dar golpes, o senador Calheiros entende bem. Em Alagoas, achaca e interfere nos poderes

Arthur Lira

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Quem quer ser imortal?

Sou sócio correspondente de uma academia de letras, dessas que pipocam nas pequenas cidades. Seguem os mesmos rituais da Academia Brasileira de Letras, com seus fardões, no caso, não tão ricos e deslumbrantes, as cerimônias de posse, os discursos jubilosos dos empossados, sem o chique chá das cinco, mas com licença para cada um levar sua garrafinha de uísque. Para compor o preclaro quadro de imortais, a academia convoca o padre da freguesia, homem santo conhecedor do latim, a professora veterana autora do hino da municipalidade, o poeta craque nas letras da antiguidade greco-latina e dos clássicos nacionais, o moço compositor de letras de músicas da banda “Calcinha desbotada”, o conterrâneo famoso por sua magnificência destacada na capital, o egrégio juiz aposentado, autor de sonetos neoclássicos melífluos e a matrona respeitável, criadora do livro de versos “Pedacos de min’alma resplandecente de amor”. Outras academias estão sendo formadas em outras aldeias, pretendendo ser “um centro produtor e divulgador da cultura, das artes, da história e da memória, e um lugar para a reflexão sofisticada e complexa, livre de preconceitos de qualquer natureza, em convivência respeitosa e fraterna”. Outra instituição do tipo recebeu a excêntrica denominação de Academia Cívico Militar Literária, Artística e Científica União da Média Burguesia.

Na Academia Brasileira de Letras, cada imortal recebe mensalmente um salário no valor de R\$ 3 mil mais algumas “comissões” por participarem das sessões. Quem vai ao chá da terça-feira ganha R\$ 800,00. Já as reuniões de quinta garantem aos membros um “cachê” de R\$ 1 mil. Nas academias interioranas, o imortal deve pagar sua anuidade para cobrir as despesas básicas da instituição, e o que sobrar sempre se investe na confraternização de fim de ano. A academia é humilde, mas o sonho é grande. Os egos infinitos e a meta é a perenidade junto com a celebridade. Para onde iremos quando morrer? Ninguém sabe. Se nem a vida concreta tem existência real, imagine a morte! O autor anônimo, o poeta esquecido quer ser imortal. Por módica quantia mensal, é possível sobreviver através dos tempos.

Para garantir minha vida perpétua na memória dos homens, criei minha própria academia. Essa artimanha me fez evitar a humilhação de ter que bajular os futuros confrades para ser eleito. É tradição nas academias o sujeito pedir votos, e para cabalar esses apoios, o candidato precisa beijar as mãos dos imortais. Monteiro Lobato vivia falando mal das academias, mas tentou entrar em 1926 na Academia Brasileira de Letras, confiante na sua carreira já consagrada de escritor. Deu com os burros n’água porque não implorou votos para a candidatura. Obteve apenas quatro votos. Depois, ele tentou novamente, mas dessa vez mandou cartas para todos os acadêmicos com “servo humilimo”. Fracassou novamente porque não teve a cortesia de ir de casa em casa, cumprimentar pessoalmente cada acadêmico. Para ser imortal, a criatura deve se rebaixar, aguentar a soberba dos velhinhos acadêmicos e demonstrar submissão. Na minha academia, baixei um decreto que resolve essa parada: antes de morrer conforme as regras naturais, o acadêmico indica seu sucessor. É a meritocracia misturada com relacionamento pessoal, evitando as tais eleições vexantes. Não se corre o risco de se escolher elementos grosseiros, de pouca instrução, sem noção formal da arte que diz representar. Fundando a primeira academia, Machado de Assis fez questão de ressaltar que a instituição deveria ser um lugar de “boas companhias”. E haja discriminação. Segregação dos chatos, maçantes e estúpidos.

Antes de expirar, talvez eu venha a criar uma Maçonaria própria. Conta a história que fui convidado para entrar numa Loja Maçônica. Passei na peneira, comprei o terno preto, mas na hora agá faltou recurso para a “joia” da iniciação e a festa. O quase maçom estava mais duro que diamante. Grandes profetas anunciaram há milhares de anos meu fracasso na tentativa de entrar numa “Respeitável Loja”, excetuando a loja do respeitável Inácio Ramos Cavalcante, a “Barateira”, que foi a miscelânea da cidade de Itabaiana, vendendo de chapéu Ramenzoni a rádio Phillips, estabelecimento nascido dos patacões de uma botija que o pai de Damião Ramos Cavalcante arrancou do quintal de dona Moça, em Pilar, segundo inconfidência do escritor José Augusto de Brito. (“Pilar” – Editora Ideia – Pg. 95). Para conhecer os “Segredos das Pirâmides” sem gastar muito, fundarei minha Maçonaria onde já entrarei como Mestre, pulando o grau de Aprendiz. Vai ter golpe.

Colunista colaborador

NOVAS REGRAS

Justiça Eleitoral completa 90 anos

Documentos históricos arquivados no Senado mostram que implantação do sistema estremeceu o mundo político

Ricardo Westin
Agência Senado

A Justiça Eleitoral completa 90 anos neste mês. Instalado num elegante edifício em estilo eclético — que existe até hoje — ao lado da Biblioteca Nacional, no centro do Rio de Janeiro, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) começou a funcionar em 20 de maio de 1932. Os Tribunais Regionais Eleitorais (TREs), nas capitais, e os juízes eleitorais, espalhados por todo o país, iniciariam seus trabalhos nas semanas seguintes.

Documentos históricos guardados no arquivo do Senado, em Brasília, mostram que a chegada da Justiça Eleitoral estremeceu o mundo político e pôs um ponto final em grande parte das fraudes que haviam corrompido as eleições ao longo de toda a Primeira República (1889-1930).

Em 1897, o senador Almeida Barreto (PB) contou aos parlamentares que havia tentado evitar as fraudes nas eleições em seu estado para o Senado e a Câmara dos Deputados, ocorridas poucos meses antes. Desejoso da vitória de seus correligionários, ele, no entanto, não teve sucesso:

“Quando cheguei à Paraíba, quase nas vésperas da eleição, mandamos emissários para aqueles lugares [onde as fraudes ocorreriam]. Sabendo disso, os nossos adversá-

Fraudes

Justiça pôs um ponto final em grande parte das fraudes que haviam corrompido as eleições ao longo de toda a Primeira República (1889-1930)

rrios prenderam um deles. O promotor público disse que o prendera porque julgava que era um negro fugido, como se nestes tempos em que já não há escravos pudesse haver negros fugidos! Só o soltaram no dia em que ele já não podia chegar ao destino, por ter ainda de andar sessenta e tantas léguas. Quando chegou, já estava a eleição forjada a bico de pena”.

De forma irônica, Barreto resumiu a forma como se deram as ilegalidades na Paraíba:

“Não há eleição melhor nem atas mais bem feitas do que aquelas que se fazem com todo o sossego, de portas fechadas, clandestinamente, na casa dos fazendeiros.

Dá-se o voto a quem se quer e assim se entra para Se-

Manipulação do pleito não era incomum à época

Antes da criação da Justiça Eleitoral, eram os próprios governantes, políticos e partidos que se encarregavam das eleições — justamente os maiores interessados no resultado. Isso abria espaço para que eles manipulassem o processo de acordo com as suas conveniências.

No alistamento, eles podiam conceder o título eleitoral aos aliados que não estivessem habilitados (que fossem analfabetos, por exemplo) e negá-lo aos adversários que cumprissem todos os requisitos. Na formação da mesa eleitoral, podiam convocar apenas os aliados para o lugar de mesário — posto-chave das eleições, por controlar o acesso dos eleitores, fazer a apuração dos votos e guardar a urna e a ata eleitoral.

O local escolhido para a votação podia ser a casa de algum cacique político local, de modo a afugentar os eleitores adversários. Para dificultar a vida da oposição, os coronéis acionavam seus capangas armados. Os prefeitos e governadores, por sua vez, recorriam à polícia para fazer o trabalho sujo.

Pelo fato de as eleições adulteradas terem dificultado ou até impedido a renovação do poder pelo Brasil afora, os historiadores qualificam a Primeira República não como uma democracia (governo do povo), mas sim como uma oligarquia (gover-

“

A sua família está muito bem arranjada aqui e na outra Casa [Câmara dos Deputados]

Senador Almeida Barreto

no de poucos). Naquele embate de 1897 a respeito das eleições na Paraíba, o senador Almeida Barreto atacou o colega e desafeto Abdon Milanez afirmando não apenas que ele não era Correo, mas também que ele fazia parte da oligarquia:

“O seu sobrinho entra aqui [no Senado]. A sua família está muito bem arranjada aqui e na outra Casa [Câmara dos Deputados], que não são só suas. Em outros estados há também famílias privilegiadas, que estão igualmente arranjadas. É sabido que por toda parte há a oligarquia, meia dúzia de famílias especuladoras que se uniram, estão tomando conta do país e hão de desgraçar esta República”.



Foto: TSE/Senado Federal

A primeira sede do Tribunal Superior Eleitoral, no Rio de Janeiro, na década de 1930

A fraude foi despudorada. Vejam-se as supostas assinalaturas do conhecido capitalista Sr. Jorge Honold sob o número 213; do illustre funcionário da Diretoria Geral de Estatística, Sr. Francisco Leão Alves Barbosa, sob n. 353; do Sr. Americo Diniz Carneiro, n. 246, pertencente à Agência Pestana; até nome de mulheres estão nesta acta: Corina, sob n. 299, e Dina, sob n. 311!

A fraude aqui foi mais do que desbragada. Não guardou a menor compostura.

Recurso ao Senado contra resultado de eleição em 1924: “Até nomes de mulheres”

Eleitorado era 5% da população

Na época, o eleitorado representava em torno de 5% da população brasileira. Não podiam votar as mulheres, os analfabetos (englobando uma parcela grande da população negra), os mendigos, os religiosos sob voto de obediência nem os soldados rasos. Era preciso ter pelo menos 21 anos de idade. Como o voto não era obrigatório, pouca gente comparecia às urnas. A abstenção chegou à casa dos 90% em determinadas votações.

“Se aqui no Brasil o eleitor tivesse certeza de que o seu voto fosse respeitado, naturalmente o nosso corpo eleitoral não seria tão minguaado, tão escasso e tão nulo”, teorizou em 1916 o senador Alfredo Ellis (SP).

Diante desse cenário pouco animador, o Congresso Nacional aprovou algumas reformas eleitorais no decorrer da Primeira República. Parte delas incluiu no processo os juízes, que passaram a cuidar do alistamento dos eleitores e presidir as mesas eleitorais. Em 1917, os senadores receberam uma carta de um juiz federal do Espírito Santo di-

zendo-se otimista diante de uma reforma recém-aprovada. Ele escreveu:

“A presença do magistrado dá solenidade ao ato, infundindo respeito e afastando o pavor dos recintos eleitorais. As habituais cenas de sangue e os indescritíveis rolos tendem a ser varridos da mente do eleitor pacato, honrado e tímido. Este irá à urna e esperará de lá voltar ileso. Não aguardará lá ver a lâmina do punhal ou a garrucha enferrujada dos arruaceiros. A presença do juiz muito concorrerá para que no recinto haja garantia, sossego e crença em ser apurado seu voto, ainda que seja ele dado a contrário da chapa do mandão regional”.

Nas discussões dessas reformas eleitorais, muitos senadores concordavam que a independência dos juízes seria importante para garantir a “verdade do voto”, mas alguns temiam que os magistrados, arrastados para o mundo da política, acabassem perdendo a isenção e se corrompendo.

“Onde se vê uma conveniência, uma terapêutica maravilhosa para os males

■ Era preciso ter, pelo menos, 21 anos de idade. Como o voto não era obrigatório, pouca gente comparecia às urnas

da decadência eleitoral, eu vejo uma inconveniência e um perigo”, discursou o senador Abdias Neves em 1916. “O fato é que o juiz é retirado das regiões serenas em que deve ficar para o terra-terra das competições estreitas, das ambições inconfessáveis, das injunções partidárias das quais nunca a lei e o direito saem vitoriosos. A verdade é que são os juízes chamados para o torvelinho das paixões políticas de que deviam viver afastados, onde precisavam de resistência heroica e rara enfiatura moral para não sofrerem a influência dos elementos deletérios em ação”.

nado. Não há nada melhor”.

Adversário de Barreto, o senador Abdon Milanez (PB) reagiu afirmando que era impossível que as atas tivessem sido falsificadas, já que ele próprio havia recebido os livros do governador da Paraíba, pelo Correio, e os repassado às autoridades competentes na capital da República. Quem venceu a disputa para o Senado foi justamente um sobrinho de Milanez. Barreto ficou furioso: “Isso é contra a lei! Vossa Excelência não é Correo! Se a lei manda que, depois de feita a apuração, a mesa lacre a ata e a remeta pelo Correio registrada, como é que Vossa Excelência e sua gente fazem esse serviço?”

“Dá-se o voto a quem se quer e assim se entra para Senado. Não há nada melhor”.

Adversário de Barreto, o senador Abdon Milanez (PB) reagiu afirmando que era impossível que as atas tivessem sido falsificadas, já que ele próprio havia recebido os livros do governador da Paraíba, pelo Correio, e os repassado às autoridades competentes na capital da República. Quem venceu a disputa para o Senado foi justamente um sobrinho de Milanez. Barreto ficou furioso.

Explicação mais clara

A cientista política Jacqueline Porto Zulini, professora do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), explica que o dirigente do país, apesar de ter criado uma visão romantizada acerca do nascimento da Justiça Eleitoral, não fez essa mudança drástica nas eleições por benevolência, buscando tão somente a moralização da política, mas sim de olho em seus próprios interesses políticos:

“Vargas mudou unilateralmente as regras do jogo eleitoral para ter uma vantagem informacional diante de seus adversários nas eleições de 1933. Para a continuidade do mandatário no poder e o seu fortalecimento político, era importante que ele elege-se o maior número possível de parlamentares na Constituinte.

Oportunidade de emprego

A TESS Indústria, seleciona Pessoas com Deficiência (PCD) os interessados deverão enviar o currículo para o site jobs. kenoby.com/tess.”

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA: EDITAL DE CONVOCAÇÃO

O presidente do Esportivo Futebol Clube, convoca os sócios para participarem da Assembleia Geral Ordinária no dia 20 de junho de 2022, às 19h, em 1ª convocação, ou às 19h30min em 2ª e última convocação, na sede provisória, Rua Sérgio Gomes Vieira, nº 55, bairro dos Ipês, João Pessoa-PB, a fim de deliberar sobre a seguinte Ordem do Dia: Prestação de contas; Alteração do estatuto social; Eleição da nova diretoria executiva e conselho fiscal.



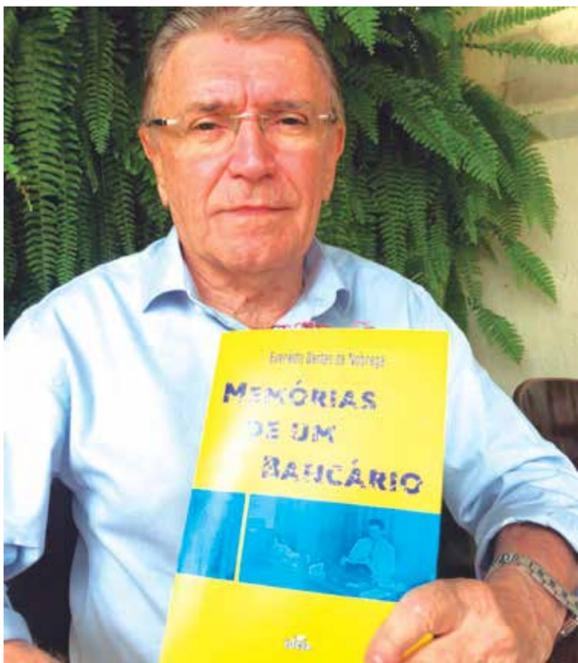
Na quarta-feira (18), a MM Viagens, empresa de turismo idealizada por Marluce Almeida e esta colunista, levou um grupo de amigas para participar de day use na Aruaná Pousada, empreendimento hoteleiro localizado em Conde, Litoral Sul de nosso estado. Confira alguns dos melhores momentos.



O Shopping Rural Tambaba, ponto turístico e gastronômico obrigatório para o turista que visita o município de Conde, foi visitado durante evento que realizamos no Litoral Sul paraibano. No famtour, registramos amigas queridas, como Nevinha Silva, a idealizadora do espaço.



Priscilla Durand, Vera Lúcia Alencar, Sidney Guerra, Manoel Raposo, Lúcia Cruz, Carol Marques, Oliveira de Panelas, Moema Arnaud, Gilvan Pinheiro, Áurea Virgínia Amorim e Fátima Dantas, são os aniversariantes da semana



Everaldo Dantas da Nóbrega, um grande amigo e escritor de valor, vai lançar seu novo livro, "Memórias de um Bancário", no próximo mês de agosto, na Fundação Casa de José Américo.



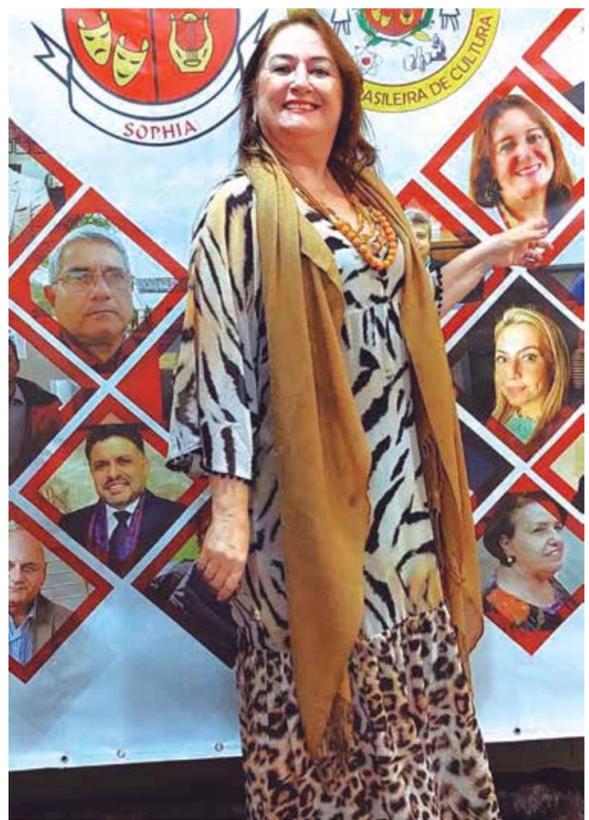
A 26ª edição da Multifeira Brasil Mostra Brasil foi lançada na tarde da última quarta-feira (18), durante almoço oferecido a jornalistas e representantes de entidades parceiras. O evento marcou a retomada dos trabalhos em torno do evento que já está sendo preparado para acontecer na capital paraibana, de 8 a 17 de julho, no Centro de Convenções. Na ocasião, o casal Wilson e Jucélia Martinez (entre os jornalistas Thereza Madalena e Sales Dantas) recepcionou convidados.



A Secretária Extraordinária de Políticas Públicas para Mulheres de João Pessoa, jornalista Nena Martins (foto), vai promover café junino para apresentar a campanha "Não, é Não", ação que objetiva chamar a atenção para o problema da importunação sexual nos transportes urbanos.



O Baile dos Artistas, evento liderado pelo jornalista Chico Noronha, volta a ser realizado em 2023, desta vez contando com parceiros, a exemplo de personalidades como Madeleine Braga, Juca Pontes, Jolissison Cunha e Roberto Maia.



A gestora de Turismo do Sebrae/PB, Regina Medeiros, recebeu a Comenda de Mérito do Turismo da Câmara Brasileira de Cultura, durante evento que aconteceu no Interludium Hotel, no Paraná.



No mês de junho, esta colunista vai promover Fantour a Vila do Artesão e a Vila Sítio São João, equipamentos culturais e turísticos de Campina Grande. O casal Carla Bezerra Cavalcanti e Soares já garantiu presença.



A artista baiana Raissa Xavier, filha do casal de paraibanos Marcos Medeiros e Rosilda Xavier, teve participação espetacular no remix da novela da Globo Pantanal.

IMOBILIÁRIA PARAÍBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
FONE: (83) 3204-0423 98708-8189
DOUTOR HERNIA

Selic

Fixado em 4 de maio de 2022

12,75%

Salário mínimo

R\$ 1.212

Dólar \$ Comercial

-0,87%

R\$ 4,874

Euro € Comercial

-1,19%

R\$ 5,145

Libra £ Esterlina

-0,55%

R\$ 6,089

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Abril 1,06

Março 1,62

Fevereiro/2022 1,01

Janeiro/2022 0,54

Dezembro/2021 0,73



Foto: Marcos Russo



ECONOMIA AZUL

Riqueza que vem do mar

Atividades de transporte marítimo, pesca e turismo incrementam o PIB estadual

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

Com 130 quilômetros de extensão, o Litoral da Paraíba é composto por belas praias. Mas, além da beleza natural, o ecossistema marinho proporciona o desenvolvimento da economia local com atividades de transporte marítimo, pesca e aquicultura, além do turismo, um segmento que envolve hotelaria, gastronomia e lazer náutico. Apesar de não haver um levantamento específico sobre a geração de riquezas considerando apenas as atividades ligadas ao mar, estima-se que seja da ordem de bilhões de reais.

Em estudo recente, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) detalhou a importância estratégica do Litoral para o Brasil. Conforme a pesquisa "PIB do Mar Brasileiro: Motivações Sociais, Econômicas e Ambientais para sua Mensuração e seu Monitoramento", pelas águas jurisdicionais brasileiras transitam mais de 90% de todo o comércio exterior. Além disso, a faixa litorânea do país abrange treze capitais e mais de 30 milhões de habitantes.

O estudo apresenta ainda o oceano como um agente econômico, que gera a chamada "economia azul". A análise inclui as atividades de mineração marinha, energias renováveis (energia limpa, como a eólica) e não renováveis offshore (petróleo e gás natural), e indústria naval. Considera também o setor imobiliário como uma das atividades e destaca a grande concentração de imóveis nas praias, áreas com o metro quadrado mais caro.

A pesquisa aponta que a economia do mar brasileira representou em torno de 20% do PIB do país, no período de 2015 a 2018. Apenas em 2018, a estimativa é de R\$ 1,363 trilhão de valor adicionado bruto (VAB), índice que mede a produção de riquezas. Se a economia azul do Brasil fosse um país, em 2018, seria a segunda maior economia da América do Sul. Conforme os pesquisadores, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) estimou que os oceanos representam a sétima maior economia do mundo e projeta que o impacto econômico pode dobrar até 2030.

Incentivo é importante

Para o economista e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Cássio da Nóbrega, os setores que compõem a economia do mar são relevantes. "Habitualmente, estamos acostumados a destacar o setor de serviços e a construção civil, como motores de nossa economia. Mas, é válido incentivar outras atividades, como as ligadas ao mar", afirma.

Cássio da Nóbrega ressalta que o Brasil é um país privilegiado por ter grande parte do seu território na costa. "Na região Nordeste não é diferente. O turismo é um ramo forte para a economia dos estados, incluindo a Paraíba. É uma atividade que contempla vários segmentos e possibilita a vinda de visitantes que podem ser investidores".

O professor comenta que os pequenos negócios também podem ser beneficiados. De acordo com ele, na Paraíba, mais de 90% das empresas instaladas são de pequeno porte e podem ser impactadas. "Podemos impulsionar a formalização na pesca e no artesanato, e temos potencial de incentivar o empreendedorismo no estado".

Turismo é principal atividade no estado

Na Paraíba as riquezas econômicas são geradas a partir do turismo. O segmento é o mais complexo da economia azul, envolvendo as atividades de hotelaria, infraestruturas de acesso, alimentação, recreação, artigos esportivos e marinas, por exemplo. Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o setor movimentou, em 2019 (dado mais recente), R\$1,8 bilhão, o que correspondeu a 3,1% do valor adicionado bruto.

Justamente pelo período de isolamento social vivido no Brasil e no mundo, em razão da pandemia da Co-

vid-19, o turismo tem uma capacidade de crescimento imediato, o que já está acontecendo na Paraíba. Para a presidente da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), Ruth Avelino, 2022 é um ano de recuperação das atividades. Ela ressalta que, em março, a ocupação hoteleira foi na faixa de 75%, tendo superado janeiro pela primeira vez, já que naquele mês ainda havia medidas restritivas por conta da pandemia.

Profissionalismo

De acordo com Avelino, nos últimos 30 anos, o turismo vem sendo de-

envolvido de uma forma mais profissional, garantido que o estado se torne uma referência gastronômica e conserve o diferencial de preservação do meio ambiente. "Nosso turismo foi crescendo de maneira sustentável", reforça.

Ainda segundo Ruth Avelino, das 13 capitais que estão na faixa litorânea do país, João Pessoa é a que tem mais piscinas naturais na zona urbana. "Aqui temos Seixas, Picãozinho e Caribessa. Esses pontos são destaques nas feiras de turismo que participamos. As pessoas ficam encantadas quando veem as imagens", conta.

Porto de Cabedelo assegura faturamento

O transporte marítimo é importante para a economia azul paraibana, movimentando bilhões de reais. De acordo com o assessor de Planejamento da Companhia Docas da Paraíba – que administra o Porto de Cabedelo, Bonifácio Martins, o terminal teve um faturamento de R\$ 12,782 milhões, em 2021, com 1,3 milhão de toneladas de cargas movimentadas. Segundo o IBGE, o setor de transporte, armazenagem e correio, na Paraíba, movimentou R\$ 1,619 bilhão, em 2019.

"Não temos como mensurar o valor das cargas movimentadas nas operações de comércio exterior, mas passa da casa dos bilhões de reais. São produtos que alimentam a cadeia produtiva da economia paraibana e até de outros estados, nos segmentos de indústrias cimenteira, ceramista, alimentícia, calçadista, têxtil, automotiva e informática", afirma Martins.

Ele destaca como principais produtos petcoke (usado como combustível sólido), ilmenita (minério usado na indústria de pigmentos), clínquer (matéria-prima para cimento), granito e combustíveis (gasolina, diesel e álcool). No Brasil, a pesquisa PIB do Mar Brasileiro mostra que a exportação pelo mar concentrou 98,6% da quantidade de produtos vendidos ao exterior e 88,9% dos valores movimentados.

Pesca e aquicultura

O valor adicionado bruto da atividade de produção florestal, pesca e aquicultura, na Paraíba, em 2019, foi de R\$ 412 milhões, conforme o IBGE. O estudo PIB do Mar Brasileiro evidencia que o Brasil já foi considerado o país com maior potencial para o desenvolvimento da pesca e da aquicultura, no mundo, ainda que, nem sempre a atividade esteja ligada di-

retamente ao mar. Atualmente, ocupa a 13ª posição na produção de peixes em cativeiro e a oitava posição na produção de peixes de água doce.

De acordo com o secretário de Desenvolvimento da Agropecuária, Pesca e Aquicultura (Sedap) da Paraíba, Rafael Lopes de Oliveira, a Paraíba tem se destacado na criação de camarão. No estado, há mais de 500 criadores do crustáceo, sobretudo, na região de Itabaiana. Segundo ele, o local reúne as condições necessárias para a produção. "Em 2019, passamos de 200 para 500 produtores a partir da concessão de isenção tributária e incentivo da comercialização da ração. Por causa disso, é comum encontrarmos nos supermercados camarão com preços inferiores aos das carnes", comenta. O estado também tem investido na produção de alevinos de tilápia, tambaqui, tabatinga e carpa.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

Mercado de trabalho formal dá sinais de desaceleração no 1º trimestre de 2022

Em 2021 a economia brasileira cresceu 4,6%. Para este ano as projeções econômicas apontam que o crescimento do PIB será próximo de 1%. Devido à atual conjuntura, com inflação elevada de 12,13% (últimos doze meses) e taxa de juros de 12,75% ao ano, espera-se que o nível da atividade econômica brasileira se afaste do resultado observado no ano passado.

No primeiro trimestre do ano o Brasil registrou abertura de 615.173 vagas com carteira assinada, com taxa de crescimento de 1,51%. O número veio abaixo do apurado no mesmo período do ano passado, onde o país havia gerado 805.161 mil novos postos de trabalho, com taxa de 2,12%. No Nordeste, no mesmo período em 2021, o emprego cresceu 1,03%. Este ano, o mercado de trabalho deu forte indicativo de desaceleração com taxa de 0,38%. Apesar da variação positiva, outras regiões como Centro-Oeste (2,72%), Sul (2,31%), Sudeste (1,37%) e Norte (1,31%), cresceram acima de 1%.

Muitos estados nordestinos fecharam postos de trabalho neste 1º trimestre, exceto Bahia (1,72%), Maranhão (1,10%), Ceará (0,75%) e Piauí (0,64%), que criaram vagas. A Paraíba foi um dos estados que reduziu o estoque de trabalhadores, com saldo negativo de 2.135. Os setores que mais fecharam postos de trabalho foram: Indústria (-4.052); Agropecuária (-2.819); e Comércio (-1.054). Por outro lado, a Construção (867) e o setor de Serviços (4.923) encerraram o período com saldo positivo.

João Pessoa, no ano passado, destacou-se como a capital brasileira onde o emprego mais cresceu. No resultado oficial das 27 capitais do Brasil, o emprego cresceu 9,67% em relação ao estoque de referência, 1º de janeiro de 2021, superando a média nacional que contabilizou 7,28%. A 2ª posição no ranking foi de Cuiabá (MT), com alta de 9,21%. Outras capitais como São Paulo (SP), com alta de 8,31% e que ficou na 9ª posição, Natal (RN) ocupou a 19ª posição, com alta de 6,30% e Recife (PE) ficou na 18ª posição, com alta de 6,31%.

No acumulado de 2021, João Pessoa abriu 15.369 postos de trabalho com carteira assinada, muito acima do computado em 2020, quando a cidade fechou o ano com a marca negativa de 4.870. Em 2022, de janeiro a março, João Pessoa mantém saldo positivo de 1.378 postos de trabalho, empurrado pela alta do setor de serviços que vem crescendo em virtude da reabertura econômica. Contudo, houve queda de 37,14% considerando o último saldo registrado no mesmo período em 2021.

Frente ao atual cenário macroeconômico fica evidente a necessidade de desenvolver uma agenda prioritária, de políticas públicas para geração de emprego e renda, por meio de ações de fomento e incentivo ao empreendedorismo, atratividade de investimentos, melhoria do ambiente de negócios, expansão do turismo local, qualificação da mão de obra e aumento da produtividade dos trabalhadores. Além disso, com a continuidade da vacinação e a menor taxa de hospitalizados, consideramos o maior desempenho do setor de serviços que, provavelmente, será o grande motor para criação de novos postos de trabalho em 2022.

MAIS LIDERANÇA

Mulheres buscam equidade de cargos em startups

em startups

Em 2021, apenas 20,8% das empresas contavam com um time mais feminino de colaboradores

Luiza Wolf
Especial para o Estádio

Basta olhar para as startups e constatar: as mulheres são minoria, especialmente em cargos executivos (C-level) e de liderança. Os números comprovam: de acordo com pesquisa da Associação Brasileira de Startups, em 2021, apenas 16,9% dos fundadores de startups eram mulheres. Os índices que analisam as equipes também não são muito animadores em relação à equidade de gênero. Apenas 20,8% das startups têm um número de mulheres mais expressivo no time - de 26% a 49% do total das equipes.

Para enfrentar esses números, CEOs mulheres usam a própria experiência e a empatia - um sentimento mais acolhedor - como combustível para a mudança e para conseguir nomear mais mulheres para cargos com poder de decisão.

Tatiana Pimenta, CEO da Vittude, startup de telemedicina, é uma dessas mulheres que usam seu passado profissional como incentivo. Formada em engenharia civil, trabalhou em quatro multinacionais, e só respondia a diretores homens. "Perdi as contas das vezes em que comecei a falar e fui interrompida por um homem. Eu não tinha lugar de fala", conta.

“**Muitas empresas chegam até a Gupy com a meta de ter 30% de mulheres em seu quadro de funcionários. Mas a questão é mais profunda do que isso: é preciso ter mulheres em todos os níveis, em todos os times**”

Mariana Dias

Ao fundar a Vittude em 2016, ao lado do sócio Everton Höpner, Tatiana decidiu que teria uma equipe heterogênea. "Quando você tem mais diversidade na empresa, você tem olhares diversos. E homens e mulheres têm visões diferentes de mundo. Isso é fato. Ao equilibrar o time, você traz riqueza de pensamento."

A Vittude é uma plataforma que se dedica a sessões de terapia on-line, tanto para pacientes quanto para empresas. Em 2020, com a pandemia, houve um enorme aumento de pacientes, e a empresa recebeu investimentos. No ano seguinte, tiveram um crescimento de 12 vezes em receita e começaram a contratar mais pessoas.

Com isso, vieram mais mulheres ao C-level. Hoje, ao lado de Tatiana e Everton, estão Maíra Gracini, diretora de receita (chief revenue officer), e Izabela Yumi, diretora financeira (chief financial officer), entre as seis vagas de executivas na Vittude. Há outras mulheres em cargos de liderança, em uma empresa que hoje tem em torno de 40 funcionários - trazendo, assim, a pluralidade de visões.

Além da Vittude, outras startups fazem o mesmo movimento, com lideranças femininas. É o caso de Nilo Saúde, Chiligum, Be Beleza Tech, Woof, AutoForce e da Gupy -

essa última atingiu o nível de 50% de mulheres no time, em todos os níveis de liderança.

Diversidade

Mariana Dias, cofundadora e CEO da plataforma de recrutamento e seleção Gupy, defende que a equidade de gênero traz mais inovação. Por meio de seu serviço de seleção, a startup incentiva a diversidade nos times de outras empresas. A própria Gupy foi fundada com um time executivo diverso: ao lado de Mariana, estão Bruna Guimarães, diretora de operações, Guilherme Dias, diretor de marketing e produto, e Robson Ventura, diretor de tecnologia.

Mariana também sentiu na pele a desigualdade de gênero desde o início de sua trajetória profissional. "Comecei a me perguntar se nós, mulheres, conseguimos ter uma carreira corporativa com a mesma competitividade que a dos homens. Foi aí que nasceu a ideia da Gupy." Além do C-level, composto por duas mulheres entre quatro pessoas, a Gupy tem 50% de mulheres em seu quadro, incluindo cargos de liderança nos setores de vendas, diversidade, jurídico, sucesso de cliente e marketing.

Isaiane Mendonça, cofundadora da startup AutoForce, também sen-

tiu essa desigualdade, talvez com maior intensidade por atuar em duas áreas muito dominadas por homens: tecnologia e setor automotivo. Fundada ao lado de Tiago Fernandes e Clênio Cunha, a empresa oferece tecnologias para impulsionar a venda de veículos. A plataforma foi desenvolvida por Isaiane, formada em ciência da computação. "No começo do projeto, os meus sócios queriam que eu continuasse sendo só web-designer", conta. "Pela frente, concordei com eles. Por trás, desenvolvi uma plataforma e a entreguei pronta. Acho que as mulheres são sempre subestimadas; é até uma questão cultural."

Isaiane concluiu que mulheres na liderança só trazem benefícios para a empresa. Tanto é assim que, hoje, a líder de pessoas da AutoForce (e braço direito dos fundadores) é Thaiani Godoy. Outras duas mulheres compõem a liderança da startup, representando 40% dos cargos de chefia.

Mariana Dias concorda que mulheres na liderança trazem mais inovação. "Muitas empresas chegam até a Gupy com a meta de ter 30% de mulheres em seu quadro de funcionários. Mas a questão é mais profunda do que isso: é preciso ter mulheres em todos os níveis, em todos os times", diz.

Desafio no mercado de trabalho é ainda maior para as mães

Shagaly Ferreira
Agência Estado

A permanência no mercado de trabalho se tornou incerto para Dani Junco, de 41 anos, quando ela descobriu que estava grávida, em 2015. Acostumada a atuar na área de marketing em multinacionais farmacêuticas, a dificuldade de prosseguir na carreira sendo mãe a fez conversar com quase 100 mulheres na mesma situação e perceber que sua dor era coletiva.

A conclusão foi que, de fato, o ambiente corporativo descartava com mais facilidade as mulheres com filhos. Mas sua experiência profissional poderia oferecer àque-

las mães duas soluções: promover recolocação em empregos formais ou orientar as que precisavam empreender para recomeçar.

Pensando nisso, Dani criou a B2Mamy, espaço de inovação e aceleração, sediado em São Paulo, com foco em formar mães e mulheres em geral para a autonomia financeira. Movimentando mais de R\$ 16 milhões desde 2016, cerca de 50 mil pessoas já participaram dos programas de capacitação da empresa. Para chegar a esse ponto, porém, a gestora precisou driblar o descrédito inicial de investidores que não apostavam na startup. "Me disseram que entre ser mãe e CEO, eu tinha de escolher uma coisa ou outra", lembra.

Empresa de impacto social, a Maternativa também nasceu da dor de suas fundadoras, Ana Castro e Camila Conti, que perderam os trabalhos durante a gravidez. O que era, há sete anos, um grupo de apoio numa comunidade no Facebook virou uma rede com 28 mil mães, de 60 países, focada no universo da maternidade e do trabalho. Vivian Abukater, de 42 anos, sócia-diretora do negócio, diz que a atuação da empresa abarca apoio para mães nas diversas modalidades de trabalho, formações para empresas e atividades em prol da divisão justa do trabalho doméstico.

Dentre as iniciativas, o site

Compre das Mães é destaque. A plataforma de produtos e serviços foi lançada em 2020 e reúne 3,5 mil mulheres cadastradas gratuitamente. Com mais de 3,5 milhões de acessos, o portal permite ao usuário localizar a mãe empreendedora mais próxima de sua residência. Já no mundo corporativo, o trabalho é lidar com os obstáculos para a retenção de mães nas corporações.

"Encontramos facilidade de entrar em grandes empresas, com políticas de diversidade e inclusão, mas a economia brasileira está pautada nas pequenas e médias. Nelas, ainda é preciso fazer um grande trabalho de conscientização", afirma Vivian.

Escolha

No universo corporativo brasileiro, as mulheres ainda são levadas a optar entre a maternidade e o crescimento profissional e desafiadas a exercer cargos de liderança com competência

OBSERVATÓRIO

Caatinga será monitorada na Paraíba

Através do laboratório, será possível consultar dados sobre carbono, consumo de água ou desmatamento na área

Márcia Dementshuk
Assessoria SECAET

Está em andamento na Paraíba a formação do Observatório da Caatinga (OCA), através do qual será possível consultar dados como a captura do carbono pela vegetação, sobre o consumo de água em uma plantação ou o desmatamento em uma área especificamente no bioma Caatinga. Pesquisadores estão aprimorando modelos climáticos que poderão ser aplicados na gestão e controle da distribuição de água para perímetros irrigados (utilizados para agricultura), por exemplo; ou acessar um conjunto de informações que poderá direcionar soluções para que a atividade agrícola tenha mais produtividade e menor custo. Será possível também quantificar a captura do carbono em uma área e entender, em termos financeiros, os benefícios de conservar a mata em pé e recuperar áreas degradadas.

O trabalho é complexo e envolve pessoas que tenham conhecimento em climatologia, em biologia, hidrologia, em processamento de dados, computação, modelagem de dados, tecnologias de monitoramento e um diferencial crucial: um olhar profundo para questões climáticas, sociais, econômicas e ambientais da Caatinga, com relação às pessoas que vivem nesse lugar.

Tais características reuniram pesquisadores como John Elton Cunha, professor do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, na Universidade Federal de Campina Grande e Aldrin Martin Perez-Marin, do Núcleo de Desertificação e Agroecologia em Terras Secas do Instituto Nacional do Semiárido, os coordenadores do projeto; o professor do Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Carlos Galvão (UFCCG), na parte de hidrologia; a professora Fernanda Valente, do Instituto Superior de Agronomia, em Portugal, uma das primei-

ras especialistas a orientar o projeto em termos de instrumentação; Rodolfo Nóbrega, especialista em modelagem ecossistêmica no Imperial College, na Inglaterra; David Melo, doutorando em Agronomia pela Universidade Federal da Paraíba, campus de Areia. Ulisses Alencar, doutorando em Engenharia Civil e Ambiental na UFCCG, na parte de processamento de imagens e de dados; e a mestrandia Sabrina Holanda Oliveira orientada pelo professor John.

Essa equipe já assina publicações de artigos científicos em periódicos internacionais de alto impacto como a *Remote sensing of Environment*, revista de maior impacto da área de sensoriamento remoto. São estas pesquisas que conferem sustentação científica ao Observatório da Caatinga. “É uma plataforma muito robusta para servir a comunidade do Semiárido. No estágio em que estamos buscamos soluções para que essas informações cheguem ao pequeno e médio produtor. Porque o grande agricultor tem condições de adquirir tecnologia, mas os pequenos, não”, preocupa-se John Cunha. A proposta é difundir essas informações tanto para os grandes quanto para os pequenos e médios produtores rurais. Contudo, sabe-se da vulnerabilidade dos pequenos e médios - que sofrerão um impacto muito grande se permanecerem à margem da transformação tecnológica -, ou seja, se não tiverem acesso à tecnologia.

“Pensamos que jovens estudantes da área rural poderão ter grande interesse em aprender a usar essas informações e aplicá-las para desenvolver a produtividade da propriedade da família. Também cogitamos trabalhar junto aos órgãos e instituições de apoio aos trabalhadores rurais e capacitar produtores em associações locais.

Em abordagem técnica, o Observatório da Caatinga

Essa equipe já assina publicações de artigos científicos em periódicos internacionais de alto impacto, como a *Remote sensing of Environment*



John Elton Cunha e David Melo com um sensor de solo próximo à torre localizada em área de preservação



Trinta e quatro sensores em uma torre de 15 metros e no solo, próximo a ela, captam as informações que alimentam o banco de dados

(OCA), no estado da Paraíba, é um laboratório de pesquisa da UFCCG/INSA cujo foco é o desenvolvimento de modelos computacionais, sistemas de detecção de mudanças ecossistêmicas e de coleta de dados para suporte de ações de conservação e produção na Caatinga.

Através do OCA realiza-se o monitoramento eficiente da irrigação, mensuram-se os impactos no clima regional decorrentes das mudanças na cobertura do solo

e faz-se o mapeamento dos processos de desertificação. “As ações do OCA têm preenchido várias lacunas de pesquisa nessa direção a partir do entendimento do ecossistema e sua relação com o clima, além da formulação de técnicas computacionais que nos permitem entender a dinâmica e resiliência da paisagem semiárida”, informa John Cunha.

“A quantificação dos serviços ambientais, especialmente a capacidade de

retenção de carbono e geração de água, é fundamental para quantificar os benefícios ambientais e econômicos de conservar a vegetação da Caatinga e recuperar áreas degradadas. Este conjunto de informações estará disponível a gestores ambientais e a diferentes perfis de agricultores, visando o aumento da produtividade, desenvolvimento de outras atividades econômicas e melhor aproveitamento dos recursos naturais”, explica o coordenador. As pesquisas contam com o apoio do Instituto Nacional do Semiárido, o INSA, e com financiamento pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com o Edital Universal e pelo Programa de Infraestrutura para Jovens Pesquisadores (Programa Primeiros Projetos - PPP), por meio da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba, a Fapesq, em parceria com o CNPq.

Umidade, temperatura e quantidade de água são verificadas

Trinta e quatro sensores em uma torre de 15 metros e próximo a ela, no solo, captam as informações que alimentam o banco de dados do Observatório da Caatinga. Essa torre está localizada em uma área de preservação do Instituto Nacional do Semiárido, em Campina Grande (PB). É um lugar apropriado, de acordo com os cientistas, para estabelecer os parâmetros de modelagens ambientais específicas para a Caatinga. Há outra torre com sensores a um quilômetro de distância e ainda câmeras que tiram fotos das folhas das plantas.

“A Caatinga não tem sido bem representada em modelagens climáticas globais”, ressalta John Cunha; isso se deve à ausência ou baixa ocorrência de publicações

científicas, com dados verificados. A área do INSA é uma área de referência, mas a área de estudo do OCA é toda a Caatinga. “Quantificar como a Caatinga está funcionando a nível regional poderá apresentar melhorias aos modelos de impactos globais”.

Cada equipamento na torre tem um componente importante nessa medição do clima da Caatinga e oferece respostas para os processos de modelagem globais e, muito importante, já estão certificados cientificamente. “No solo, estamos monitorando até 50cm abaixo da superfície. A cada 10cm mede-se umidade, temperatura do solo; com isso, podemos conhecer a quantidade de água que está sendo retida e a temperatura”.

“

Quantificar como a Caatinga está funcionando a nível regional poderá apresentar melhorias aos modelos de impactos globais

John Cunha

“No nível superficial temos os fluxos de calor no solo, monitoramos a atividade biofísica do solo, com a respiração do solo, a quantidade de carbono e água que está sendo ativada no solo. Conseguimos descobrir qual é a parcela viva do solo que está contribuindo com a parcela viva de carbono naquele local. Através das imagens acompanhamos a produção vegetal, o ciclo das folhas.”

“Ao longo da torre, sabemos o gradiente de temperatura. No nível mais alto, temos os sensores que fazem a contabilização desses fluxos de energia que chegam à superfície, medem a quantidade de sol que chega. Quantificamos essa radiação disponível para o ecossistema. E temos também, no último nível da torre, sensores

que medem carbono, água, temperatura e velocidade do ar em 10 milhas por segundo. Assim, conseguimos saber o deslocamento de cada partícula de água e carbono na atmosfera ao redor da torre.”

“Nós temos modelos de evapotranspiração que podem ser aplicados em qualquer lugar da Caatinga; melhoramos os modelos globais e já estão aplicados à plataforma”, esclarece John. A evapotranspiração é fonte de informação para vários processos ambientais.

“Estamos instrumentando esse local com um monitoramento detalhado para entender como funciona o ecossistema e poder remodelar em qualquer outro ponto”. Os equipamentos nas torres são o laboratório de campo, mas dentre os prin-

cipais estudos do OCA estão análises de imagens de satélites. As informações são validadas por meio dos sensores em campo. Com isso, o OCA identificou a captura, em média, entre 1,6 e 2 toneladas por hectare por ano de retenção de carbono, na Caatinga.

“A Caatinga é um ambiente muito mais difícil de modelar, se comparado, por exemplo, com a cana-de-açúcar, que é mais uniforme. Nesse espaço onde estão os sensores, do tamanho de 50m X 100m, tem 30 espécies vegetais diferentes. Numa plantação de cana-de-açúcar, por exemplo, tem apenas uma. Com o modelo funcionando bem em áreas complexas como a Caatinga, ao projetarmos para áreas mais simples temos muito mais facilidade de operar”.

SINAL DE ALERTA

Ameaça

das espécies invasoras

Introdução de animais exóticos no meio ambiente tem causado mudanças “sem precedentes” na natureza, alerta ONU

Leon Ferrari
Agência Estado

De beleza única, alternando listras vermelhas, marrons e brancas, e com barbatanas longas e fluidas, não é de se estranhar que o peixe-leão (lionfish) tenha se tornado tão popular entre aquaristas. O fato de 30 desses animais terem sido capturados no Ceará recentemente, bastante distante do Indo-Pacífico, de onde são originários, transforma toda essa beleza em sinal de alerta para um problema grave: as espécies exóticas invasoras. Elas afetam o equilíbrio ambiental, ameaçando a biodiversidade e colocando espécies nativas em risco de extinção, além de custarem bilhões anualmente devido a prejuízos agrícolas e à saúde humana, principalmente.

Segundo relatório da ONU, as invasões biológicas estão entre os cinco principais geradores de mudança dos ecossistemas nativos globalmente, que causaram alterações “sem precedentes” na natureza nos últimos 50 anos. Desde 1970, o número de espécies exóticas invasoras aumentou cerca de 70% - em 21 países com registros detalhados.

Intimamente ligadas à ação humana e à evolução dos meios de transporte, o relatório aponta que a taxa de introdução delas parece mais alta do que nunca e não mostra sinais de desaceleração. Estudiosos esperam um aumento da presença delas e de seus impactos nas próximas décadas - principalmente com as mudanças climáticas.

De forma acidental ou não, em 1985, o peixe-leão foi parar na costa da Flórida (EUA). Da década de 80 para cá, o que se viu foi uma explosão da presença desse predador em uma velocidade sem precedentes. Ele já se estabeleceu em águas costeiras do Atlântico de parte das Américas, do Mar do Caribe e do Golfo do México. Alimentando-se de mais de 50 espécies de peixes - inclusive, consegue ingerir 30 em meia hora -, o invasor afeta teias alimentares marinhas de ecossistemas nativos.

Em abril, um pescador passou várias semanas no hospital após pisar no animal e ter contato com o veneno dele, na Praia de Bitupitá, do município de Barroquinha, no litoral do extremo oeste do Ceará. Desde o final de fevereiro, as ocorrências de captura do peixe nessa região, que fica na divisa com o Piauí, já chegaram a 30, segundo Luís Ernesto Arruda, professor do Labomar (UFC) e cientista-chefe de Meio Ambiente do Estado (Sema/Funcap).

“Acho que é sim uma chegada do peixe-leão no nosso litoral”, diz Arruda. “É muito provável que ele esteja vindo do Caribe e conseguindo passar por baixo da pluma do Rio Amazonas.” A região não tem registro de aquarismo da espécie e os animais encontrados são juvenis - o que pode indicar que eles estão se reproduzindo por aqui.

Anteriormente, conforme a Base de Dados Nacional de Espécies Exóticas Invasoras, do Instituto Hórus de Desenvolvimento e Conservação Ambiental, aparições pontuais do animal foram registradas no Rio de Janeiro, em Pernambuco, no Pará e no Amapá. A mais antiga é de 2014.

Além de danos ambientais e à saúde humana, Arruda destaca que há preocupação com a atividade pesqueira, maior fonte do Produto Interno Bruto (PIB) do Estado, e turística. Por ora, em parceria com a Universidade Federal do Ceará, o governo faz análises genéticas, para determinar a espécie, e do estômago, para entender o comportamento dos animais.



Foto: Pixabay

O peixe-leão, originário do Indo-Pacífico, hoje afeta ecossistemas nativos no continente americano, estando presente, inclusive, no litoral brasileiro

Problema tem relação com a ação do homem

O peixe-leão, porém, é apenas uma entre várias espécies exóticas invasoras em solo e águas nacionais. De acordo com relatório do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), de 2019, há 363 delas no país. A Base Nacional do Instituto Hórus lista 480.

Sempre relacionado à ação humana, o processo de invasão biológica pode ser intencional, quando há o objetivo de inserir uma espécie fora de seu local natural de ocorrência, ou não. Para que ela se estabeleça e se torne invasora, porém, precisa vencer uma série de barreiras. Muitas não sobrevivem à chegada.

Outras conseguem interagir com o novo meio, mas não se reproduzem. Algumas dão um passo além e conseguem se reproduzir (espécies exóticas estabelecidas). Elas se tornaram invasoras quando, além de formar pequenas populações, começam a se dispersar e ameaçam o equilíbrio do ecossistema.

Para Sílvia Ziller, doutora em Conservação da Natureza com foco em invasões biológicas, e diretora executiva do Instituto Hórus, as invasoras precisam ter características ecológicas e biológicas que permitam facilidade na reprodução. “E, então, quando elas saem de casa, viram exóticas e começam a se adaptar, se reproduzir e a se propagar desproporcionalmente. Mesmo que isso leve muito tempo, passam a expulsar

as espécies nativas daquele local, ocupam esse espaço e causam mudanças biológicas importantes.”

Espécies ameaçadas

As espécies invasoras podem levar à homogeneização biótica, ameaçando a biodiversidade, com a possibilidade de extinção de espécies locais, e promovendo redução dos serviços ecossistêmicos. Além de apresentarem impactos à saúde e à atividade agrícola.

Por mais que o processo de invasão biológica seja complexo e possa levar anos, ele é mais veloz que a colonização natural. “O processo natural de colonização de novos lugares é extremamente lento. Lá em Galápagos, era uma espécie a cada 10 mil anos. Com a chegada das pessoas, isso vira 100, 200, 500 espécies por ano”, destaca Sílvia.

Essa relativa velocidade se deve à falta de controladores naturais, como doenças e predadores dessa espécie fora de seu local de ocorrência. “A espécie trazida escapa disso. Ela vem com uma vantagem competitiva e, por isso, ela é mais agressiva e destrutiva mesmo”, explica Sílvia.

Uma vez que a espécie se apresente altamente difundida, a erradicação é quase impossível - por isso a prevenção e a reação rápida são tão importantes. O controle populacional pode ser químico (com pesticidas, por exemplo), biológico (inserindo parasitas) ou físico (remoção manual e abate).

Custos são altos e danos podem ser irreversíveis

■ O ICMBio informou que, entre fauna e flora, há registro de 221 espécies invasoras no país

Os impactos das invasões custam caro e alguns danos são irreversíveis. Entre 1984 e 2019, elas custaram mais de US\$105 bilhões aos cofres brasileiros, conforme estudo de Rafael Dudgeon Zenni, pós-doutor em ecologia e biologia evolutiva do Departamento de Ecologia e Conservação da Universidade Federal de Lavras, e outros colegas, publicado na revista *Neobiota*.

Esse gasto, no entanto, é referente apenas a 16 espécies invasoras - menos de 10% das listadas pelo Ibama. “Se você pensar que toda espécie exótica invasora tem algum custo econômico, esse número potencialmente pode ser até dez vezes maior”, avalia Zenni.

O estudo indica que o país não gasta quase nada com prevenção. Os custos relatados para danos representam 98,9% (US\$104,3 bilhões) do total, enquanto apenas US\$1,19 bilhão foi investido em ações preventivas de manejo, controle ou erradicação (1,13%)

Em um cenário de intensificação do comércio, de viagens e do turismo, estudos indicam que as próximas décadas serão marcadas pela expansão das espécies invasoras e seus impactos. A relação entre as invasões e as mudanças climáticas é de sinergia. Uma se aproveita dos distúrbios criados pela outra.

Programas

Responsável pela gestão de unidades de conservação federais, o ICMBio informou que, entre fauna e flora, há registro de 221 espécies invasoras. O instituto disse que elabora “Planos de Prevenção, Controle, Erradicação e Monitoramento de EEL, que são planejamentos complementares aos Planos de Manejo das UC federais” - a equipe gestora da unidade define a prioridade de elaboração do planejamento específico.

Na cidade de São Paulo, a Secretaria do Verde e do Meio Ambiente (SVMA) lista 60 espécies invasoras - 30 de fauna e 30 de flora. A prefeitura desenvolve projeto para a retirada de palmeiras-australianas do Parque Trianon.

A reportagem entrou em contato com o Ministério do Meio Ambiente e o Ibama, mas não obteve resposta. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento disse não dispor de informações sobre quantidade de espécies invasoras e danos à agropecuária.

Foto: Samy Oliveira/Campinense



Foto: Guilherme Drovos/Botafogo



Jogadores de Campinense e Botafogo agora terão mais tempo para se concentrar no grande objetivo da temporada, que é o acesso à Série B

CAMPINENSE E BOTAFOGO

Caminho livre EM DIREÇÃO ao acesso

Clubes ainda terão mais 13 jogos a disputar na primeira fase do Campeonato Brasileiro da Série C para ficar entre os oito melhores

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Botafogo e Campinense voltam as atenções para a disputa do Campeonato Brasileiro da Série C. As duas equipes, agora, terão o caminho livre para buscar o tão sonhado acesso para a Série B, em 2023, já que até o fim da temporada disputam apenas o campeonato da terceira divisão do futebol nacional. As duas equipes ainda terão 13 jogos pela frente e a primeira fase termina no dia 14 de agosto. Nesta última rodada, o Campinense recebe o Volta Redonda e o Botafogo joga fora de seus domínios contra a Aparecidense.

Numa temporada recheada de várias partidas, em função da antecipação do calendário do futebol brasileiro, por conta da realização da Copa do Mundo no Qatar, no mês de novembro, as equipes já realizaram juntas 54 partidas, sendo 27 para cada. O Campinense foi quem mais disputou competições, incluindo a disputa da Série C, a Raposa também jogou a Copa do Brasil, o Campeonato Paraibano e a Copa do Nordeste. Com uma disputa a menos que o rubro-negro, o Botafogo não jogou pela Copa do Brasil, nesta temporada.

Nesta nova fórmula de disputa do Brasileirão da Série C, Belo e Raposa disputam com outras dezoito equipes, quatro vagas de acesso para a Série B da próxima temporada. Na primeira fase da competição, todas as equipes se enfrentam em turno único, sendo que as oito primeiras garantem vaga na segunda fase. Os dez melhores ranqueados do torneio jogarão

dez partidas em casa e nove fora, enquanto o restante fará dez partidas como visitante e nove como mandante.

A competição vem mostrando equilíbrio nas seis primeiras rodadas, tanto que a diferença entre o primeiro e o oitavo colocado era de apenas de três pontos antes do início da sétima rodada. O Botafogo é quem tem a

“

A nossa vitória, na última rodada, foi muito importante. Todo o planejamento foi montado para que pudéssemos também somar pontos jogando fora de casa.

Alexandre Cavalcanti

melhor campanha, o Belo chegou a 12 pontos após vencer o Vitória-BA, por 1 a 0, em Salvador-BA, na última rodada. O Belo tem quatro vitórias e duas derrotas. Já o Campinense aparece na zona intermediária da tabela, depois de empatar em 0 a 0, com o Ypiranga-RS, com apenas oito pontos. A Raposa tem duas vitórias, dois empates e duas derrotas.

Belo e Raposa voltam a disputar a competição juntos, após 19 anos. As equipes foram representantes do futebol da Pa-

raíba na edição de 2003 e chegaram ao quadrangular final com chances de conseguirem o acesso para a segunda divisão nacional de 2004. No entanto, alvinegros e rubro-negros acabaram perdendo as vagas para os paulistas Santo André e Ituano.

Traçando um novo caminho para conquista do acesso à segunda divisão do futebol brasileiro, Botafogo e Campinense fazem a 28ª partida cada na temporada, nesta quarta-feira (25), no Estádio Almeidão, em João Pessoa, a partir das 20h, em confronto válido pelo complemento da 7ª rodada do Brasileirão da Série C. A partida vai marcar o

“

Todos os nossos esforços, agora, estão voltados para a disputa do Campeonato Brasileiro da Série C. A competição tem se mostrado bastante equilibrada.

Rômulo Farias

quarto duelo do “Clássico Emoção”, em 2022.

“A nossa vitória, na última rodada, foi muito importante. Todo o planejamento foi montado para que pudéssemos também somar pontos jogando fora de casa. O objetivo, na competição, neste primeiro momento é conseguir a classificação para a segunda fase. Na próxima, encontraremos um adversário tradicional do futebol paraibano, que agora também cruza nosso caminho numa competição nacional, a expectativa é de poder

somar, para continuarmos na parte de cima da tabela de classificação”, pontuou Alexandre Cavalcanti, presidente do Botafogo.

Com o mesmo objetivo de conseguir o acesso para a Série B, o Campinense encara a partida como uma oportunidade de conseguir somar, jogando fora de casa, para colar no G8. Assim como fez na primeira partida da final do Campeonato Paraibano, vencendo o Belo por 2 a 1, a Raposa espera, novamente, aprontar contra o Botafogo, no Estádio Almeidão.

“Todos os nossos esforços, agora, estão voltados para a disputa do Campeonato Brasileiro da Série C. A competição tem se mostrado bastante equilibrada. Perdemos a chance de entrar no G8, qualquer ponto perdido pode custar caro para quem visa uma classificação à próxima fase. Atletas e comissão técnica estão cientes que nosso objetivo é de lutar pelo acesso, contra o Botafogo vamos, com força total, em busca da vitória”, comentou Rômulo Farias, diretor de futebol.

Na história de confrontos pela competição, Botafogo e Campinense irão se enfrentar pela 5ª vez. Os clubes já haviam se enfrentado nas edições de 1998 e 2003, sendo que o retrospecto do confronto aponta três vitórias para o alvinegro e uma vitória para os rubro-negros.

Jogos

Datas dos próximos confrontos na Série C

- 25/5 Botafogo x Campinense
- 28/5 Campinense x Vitória Volta Redonda x Botafogo-PB
- 4/6 Botafogo-PB x ABC
- 6/6 Remo x Campinense
- 11/6 Campinense x Manaus
- 12/6 Paysandu x Botafogo-PB
- 19/6 Botafogo-PB x Atlético-CE Confiança x Campinense
- 26/6 São José-RS x Campinense Botafogo-PB x Mirassol
- 3/7 Campinense x Botafogo-SP Brasil-RS x Botafogo-PB
- 10/7 Botafogo-PB x Floresta Figueirense x Campinense
- 17/7 Ypiranga-RS x Botafogo-PB Campinense x Ferroviário
- 24/7 Altos x Campinense Botafogo-PB x Remo
- 31/7 Campinense x Paysandu Manaus x Botafogo-PB
- 7/8 Botafogo-PB x Figueirense Floresta x Campinense
- 14/8 Campinense x Volta Redonda Aparecidense x Botafogo-PB

39

pontos ainda estarão em jogo até o final da primeira fase da competição, em agosto, para Botafogo e Campinense

REVELAÇÃO DO TÊNIS

Alcaraz é a nova aposta da Espanha

Tenista vem surpreendendo com vitórias sobre o número 1, Novak Djokovic, e até o compatriota Rafael Nadal

Felipe Rosa Mendes
Agência Estado

Ele é espanhol, gosta de saibro, mas não é o "novo Rafael Nadal". Carlos Alcaraz se tornou a grande sensação da temporada nos últimos meses graças aos títulos e à postura concentrada dentro de quadra. A poucos dias do início de Roland Garros, o tenista de apenas 19 anos traz, sim, características que lembram Nadal, mas, para alguns, tem potencial para se tornar ainda mais completo.

Alcaraz começou a despontar há dois anos, quando tinha os mesmos 17 anos com os quais Nadal irrompeu no circuito. As comparações entre os dois espanhóis foram inevitáveis. Ambos são torcedores do Real Madrid, são apegados as suas famílias e compartilham algo raro na nova geração: uma força mental acima da média.

Ele deu um exemplo disso há menos de duas semanas. Superou o próprio Nadal e o sérvio Novak Djokovic, número 1 do mundo, para se sagrar campeão do Masters de Madrid, diante da torcida. Seu desempenho foi tão sólido que o alemão Alexander Zverev, derrubado pelo espanhol na final, não economizou palavras: "Ele é o melhor jogador do mundo neste momento".

Alcaraz se tornou o mais jovem campeão de Madrid e o primeiro a vencer tanto Nadal quanto Djokovic num mesmo torneio sobre o saibro. Ele ainda virou o segundo mais novo a vencer dois títulos de Masters 1000, já que havia levantado o troféu em Miami, semanas antes - o primeiro é justamente Nadal, quando tinha 18 anos.

Os dois espanhóis já treinaram juntos, o que ajudou a aumentar o burburinho sobre o "sucessor" de Nadal. Eles compartilham os mesmos 1,85 metro de altura e a força física - Alcaraz apresentou forte evolução neste quesito nos últimos dois anos. Mas as comparações vão parando por aí. O jovem espanhol é destro, enquanto Nadal é canhoto. E traz características que lembram também Roger Federer, principalmente o maior poder de ataque e a habilidade de improvisar diante de situações inesperadas em quadra.

Alcaraz se destaca no saibro, mas não trata a terra batida como sua preferida. Sua boa performance em todas as superfícies são efeitos diretos do trabalho com Juan Carlos Ferrero. O espanhol, ex-número 1 do mundo e ex-rival de Gustavo Kuerten, treina



Foto: Reprodução/Instagram

O tenista espanhol Carlo Alcaraz ergue o troféu do Master de Madrid após derrotar o sérvio Novak Djokovic

o pupilo há quatro anos e estimula a versatilidade do jovem tenista.

O trabalho começou a dar frutos mais visíveis neste ano. Dos seus cinco títulos de nível ATP da carreira, quatro foram conquistados em 2021, sendo dois de Masters 1000, que só estão abaixo dos Grand Slam. Também venceu o Rio Open, em fevereiro. Ninguém levantou mais troféus no circuito do que ele neste ano até agora. E o sucesso se reflete no ranking: já figura no sexto lugar. Há um ano, era apenas o 114º. Dois anos atrás, aparecia na modesta 318ª colocação.

História

Alcaraz alterna sua vida entre os torneios e viagens nos dias de semana, os treinos na Academia de Ferrero e a companhia da família nos momentos de descanso na casa onde ainda é considerado um dos seus moradores - não há planos para morar sozinho. E o tênis o ajuda a se conectar com os familiares.

Seu pai, Carlos Alcaraz González, também foi tenista. Chegou a ser o 761º nas duplas, em 1991. O rebento mais famoso é o segundo mais velho entre quatro filhos, que moram juntos na pequena Múrcia, cidade de 24 mil habitantes localizada no sul da Espanha.

É na cidade da infância, quase um povoado, onde ele reabastece as energias e sonha alto. "No momento estou tentando assimilar tudo que está acontecendo", diz Alcaraz, após ser alvo de diversos elogios, incluindo Nadal.

"O que Carlos vem fazendo não me surpreende em nada", disse o compatriota. "Fico muito feliz por ele, todo mundo sabe o nível de tênis que ele pode alcançar. Estou satisfeito por saber que o meu país tenha encontrado outro jogador incrível no qual pode confiar por muitos anos", completou o recordista de títulos de Grand Slam, com 21 troféus.

Alcaraz admite que pensa grande, dando esperanças para quem sonha em ver novas figuras dominando o circuito masculino. "Neste ano, as pessoas estão pensando queerei um dos favoritos a vencer Roland Garros. Não trato isso como uma causa de tensão, mas como uma motivação. Estou ansioso por Paris, por lutar por um Grand Slam", avisou.

ROLAND GARROS

Brasil não terá representante na chave masculina

Agência Estado

Com a derrota dos irmãos Felipe e Carolina Meligeni no qualifying de Roland Garros, caíram na segunda rodada da fase classificatória em Paris, o Brasil fica sem um representante na chave masculina do Grand Slam francês pela primeira vez em 49 anos.

Com estas eliminações, o Brasil não terá um representante na chave principal masculina de simples em quase 50 anos. A última vez que isso aconteceu foi em 1973. No ano seguinte, o tenista que defendeu as cores brasileiras no saibro parisiense foi Thomaz Koch. Ele e diversos outros representaram o país na capital francesa nos anos que se seguiram, como Cássio Motta, Carlos Kirmayr, Givaldo Barbosa e Eduardo Oncins.

O auge da participação brasileira masculina foi com Gustavo Kuerten. O catarinense foi tricampeão de Roland Garros, conquistando os títulos de 1997, 2000 e 2001. Nos últimos anos, os principais representantes foram Thiago Monteiro e Thomaz Bellucci, que vem enfrentando di-



Foto: Reprodução/Instagram

Na chave feminina, a brasileira Beatriz Haddad vai entrar diretamente na competição principal do torneio

ficultades no circuito nas últimas temporadas.

No feminino, o Brasil será representado pela embalada Beatriz Haddad Maia. Com seu melhor ranking da carreira (49ª posição), ela entrou diretamente na chave principal. Carolina Meligeni foi quem chegou mais perto de se igualar à compatriota. Mas também foi eliminada no quali.

1973

Foi a última vez que o Brasil não teve um jogador na chave masculina do torneio de Roland Garros, o que se repete nesta temporada

FUTEBOL

Jogadores mais expostos à violência

Os casos de agressão praticadas por torcedores, sejam verbais ou físicas, vem aumentando nos últimos anos

Agência Estado

Basta fazer uma pesquisa no Google com as palavras-chave "agressão", "futebol" e "2022" para encontrar diversos casos de violência contra jogadores, treinadores e árbitros nestes primeiros meses do ano. Eles variam de agressões psicológicas a físicas e têm ocorrido em volume e velocidade maiores do que em outras temporadas.

O episódio esta semana em São Paulo nas proximidades do CT do Palmeiras, a Academia de Futebol, quando o lateral-esquerdo Jorge teve o carro danificado por uma pedrada e foi ameaçado de agressão, é apenas o caso mais recente. Consequência de um comportamento hostil por parte de indivíduos que se dizem "torcedores", mas que recorrem à violência quando consideram que o defensor do seu clube - jogador e treinador como principais alvos - não faz o que dele se espera.

Jorge foi abordado por dois homens próximo à entrada do CT, onde iria treinar. Vários profissionais já passaram por isso nos últimos meses. Um dos casos registrados foi a série de ameaças de morte a jogadores do Corinthians, como o goleiro Cássio (e sua família) e o atacante Willian, o que deixou todos preocupados no clube. Isso aconteceu no início do mês passado, quando o alvinegro passava por uma fase irregular dentro de campo.

Na ocasião, o Corinthians se manifestou contra o ato violento - todos os clubes repudiam quase que de imediato as agressões - e como protesto decidiu não publicar conteúdos nas redes sociais durante três dias. Nesse período, seus dirigentes, jogadores e treinador não deram declarações públicas. As ameaças foram feitas por um torcedor do clube.

Um dia antes da ação corinthiana, um grupo de torcedores da "Força Jovem", organizada do Vasco, havia pressionado jogadores e o técnico Zé Ricardo no Aeroporto do Galeão, no Rio. O motivo dos vândalos: descontentamento com os resultados do time.

As intimidações ganharam as redes e escancararam o quanto os atores do futebol estão expostos e vulneráveis diante dessa fúria - não havia seguranças do clube para proteger o elenco no aeroporto.

Números alarmantes

Nestes pouco mais de cinco meses de 2022, o futebol brasileiro re-

Grave

O goleiro Danilo Fernandes, do Bahia, precisou ser socorrido e passar por cirurgia porque ficou ferido por estilhaços de vidro após uma emboscada

gistou outros tantos casos de agressão, alguns com intensidade maior de violência. Em fevereiro, dois episódios tiveram consequências graves. O ônibus que transportava jogadores do Grêmio, antes de clássico com o Internacional, no Gaúcho, foi alvo de atentado, com atletas feridos. O ônibus do Bahia sofreu uma emboscada semelhante antes de jogo na Copa do Nordeste.

Como consequência desses ataques, o goleiro Danilo Fernandes, do Bahia, precisou ser socorrido e passar por cirurgia porque ficou ferido por estilhaços de vidro. Demorou a voltar a jogar, ou seja, a trabalhar. Villasanti, do Grêmio, sofreu um traumatismo craniano.

Talvez o caso mais absurdo até agora tenha ocorrido no mês passado e partido de um treinador, Rafael Soriano, à época na Desportiva Ferroviária. Seu alvo foi uma mulher. Ele deu uma cabeçada na bandeirinha Marcielly Netto, em jogo do Campeonato Capixaba. O técnico foi demitido e suspenso por 200 dias pela Justiça Esportiva capixaba.

Mas o que explica tanta violência, ameaças e falta de paciência no esporte mais popular do mundo, que deveria levar as pessoas torcerem e se divertirem? Para Zeca Marques, professor da Unesp e ex-árbitro de futebol, esses casos escancararam o momento pelo qual a sociedade brasileira passa, com altos índices de violência.

"O futebol é, de fato, o reflexo da nossa sociedade. As pessoas estão impacientes em todos os sentidos, porque essa pandemia deixou todo mundo com um pavio ainda mais curto. A violência sempre fez parte desse ambiente do futebol, com ca-



O técnico do Vasco, Zé Ricardo, sofreu ameaças e agressões verbais de torcedores no Aeroporto do Galeão

Foto: Rodrigo Coca/ Corinthians



O goleiro Cássio, do Corinthians, sofreu ameaças de morte, e o lateral Jorge, do Palmeiras, teve o carro apedrejado

Foto: César Greco/Palmeiras



sos emblemáticos anualmente, mas ela está se manifestando de uma forma diferente", diz Zeca Marques. "É incomum que uma torcida faça um atentado com bomba ao seu próprio time", observa.

O caso ao qual o professor se refere é o atentado de seguidores do Bahia. Segundo ele, "é inadmissível que tenha acontecido isso e não tenhamos alguém punido". O ataque ao ônibus ocorreu em 24 de fevereiro. No dia 25 de abril, a polícia prorrogou a investigação por mais 30 dias.

Marques acrescenta que, no Bra-

sil, o caráter punitivo é baixo e às vezes beneficia os infratores. "Há uma relação complexa entre os clubes e suas torcidas. Perceba que, em toda derrota de um time, a torcida está pronta para receber os jogadores no aeroporto. Os próprios clubes abrem portas para que a torcida cobre seus jogadores. Isso é papel dos dirigentes, não de uma torcida. As punições pequenas não impedem que as agressões parem, nem as ameaças veladas. Às vezes, até as perpetuam", destaca.

O professor da Unesp cita o caso da agressão ocorrida no Espíri-

to Santo como exemplo de que as punições são brandas. "A agressão do técnico à arbitra deveria ter uma punição exemplar. Existe um elemento machista na agressão. O Brasil é um país que ataca mulheres e minorias e isso chegou ao futebol", pontua.

Inicialmente, o treinador havia sido suspenso por 30 dias. Posteriormente, o prazo da punição foi estendido para 200 dias. Além disso, ele recebeu gancho de 12 jogos e multa de R\$ 1 212,00 pela invasão de campo e pelos xingamentos à arbitragem do jogo.

Psicólogos constataam e tentam explicar essa agressividade



Cabe aos profissionais da área estarem cada vez mais atentos para trabalhar o manejo das emoções em situações de estresse para tentar equilibrar o quadro e nos aproximar de uma situação mais ideal no mundo esportivo, onde vai prevalecer o respeito pelos rivais, e mostrar penalidades aos que cometem esses atos

Barbara Abreu

De acordo com a psicóloga Bárbara Abreu, a agressividade é uma emoção fundamental na condição humana, assim como o medo. O problema surge quando há uma inabilidade de manejar essa emoção de uma maneira mais assertiva, ou seja, sabendo a hora certa para utilizá-la. No ambiente do futebol, "há um recorte do comportamento humano em um espaço físico onde as emoções afloram mais do que no dia a dia".

"Desde Freud (Sigmund), o funcionamento dos indivíduos quando reunidos em bandos ou grupos tem sido tema de debate para psicólogos. A mudança de comportamento que se observa quando um indivíduo atua sozinho ou em turma normalmente é explicada pela potência do pertencimento. Sozinho, posso me sentir enfraquecido em exercer minhas vontades, desejos ou de me impor. Já em um grupo, me sinto fortalecido, amparado, encorajado a agir, imaginando que o grupo me dará o suporte necessário", explica Bárbara.

O ambiente esportivo e de alto rendimento gera vários fatores es-

tressantes, especialmente com cobrança excessiva por desempenho e resultados, além de pressões externas e internas. "Não podemos afirmar ainda uma origem única para o aumento da agressividade no futebol", diz a psicóloga. "Mas cabe aos profissionais da área estarem cada vez mais atentos para trabalhar o manejo das emoções em situações de estresse para tentar equilibrar o quadro e nos aproximar de uma situação mais ideal no mundo esportivo, onde vai prevalecer o respeito pelos rivais, e mostrar penalidades aos que cometem esses atos", acrescenta ela.

As punições, porém, são o grande calo do futebol brasileiro, segundo o professor Marques. Ele diz que medidas como torcida única mostram a "falência da segurança pública". A falta de fiscalização na internet é outro elemento preponderante, porque os "haters" acreditam que estão protegidos por estarem por trás de uma tela de PC.

"Haters" são pessoas que disseminam ódio na internet. O corinthiano Cássio, por exemplo, foi ameaçado pelas redes, com uma

imagem de uma camisa do time e de um revólver.

"Perder um mando de campo é insuficiente. Na final da Libertadores entre River Plate e Boca Juniors, em 2018, o jogo foi enviado para outro continente (foi disputado em Madri, na Espanha), mas até hoje não houve punição. Imagine como seria diferente se um desses times fosse excluído da Libertadores no ano seguinte? E temos esse pensamento do anonimato das redes, que potencializa violência psicológica. E não vai somente ao jogador, mas aos seus familiares também", adverte Marques.

No livro "Entre os vândalos: a multidão e a sedução da violência", de Bill Buford, o autor fala das suas experiências como um hooligan temporário, durante quatro anos, narrando os rituais de violência antes das partidas e como podem acabar em hospitais ou até mesmo em morte.

Sobre um confronto com a polícia, ele escreveu: "Esta fase da multidão - esta fase muito, muito feliz - durou aproximadamente quatro minutos. Durante esses minutos,

todos, eu inclusive, sentiram o prazer de pertencer, algo semelhante ao prazer de ser estimado ou amado. Havia também outra sensação de prazer, prazer derivado do poder, ainda que esse poder não tenha sido exercido, ainda que fosse apenas um poder em potencial: o poder de uma multidão que tomara conta de uma cidade"

Alerta

O crescimento das ameaças aos personagens principais do futebol deixa as autoridades em alerta. Em São Paulo, por exemplo, os responsáveis pelas ameaças ao goleiro Cássio foram identificados, tiveram de prestar depoimento e são alvo de investigação.

À Rádio Eldorado, o secretário de Segurança Pública do Estado, general João Camilo Pires de Campos, disse que as agressões a jogadores de futebol são uma preocupação das polícias em São Paulo e que somente um trabalho de inteligência é capaz de evitar que novos casos ocorram. "Estamos preocupados e atentos a isso", afirmou Campos.

Fotos: Reprodução/Instagram



O CSP deve utilizar vários jogadores que participaram da Copa do Brasil Sub-17 no jogo contra o Internacional, enquanto o Confiança, de Sapé, segue treinando para a disputa na Toca do Papão

SUB-20

Paraibano começa no dia 4 de junho

Federação divulga tabela da competição, que conta com 21 equipes nos grupos do Litoral, Agreste, Brejo e Sertão

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

O Campeonato Paraibano Sub-20 de 2022 tem data marcada para ser iniciado. A Federação Paraibana de Futebol (FPF) divulgou a tabela básica da primeira fase da competição, com data prevista para o início a partir do dia 4 de junho. No total, vinte e uma equipes de quatro regiões estarão lutando pela conquista do título estadual na categoria.

Todos os clubes estão divididos em quatro grupos regionais - Litoral (Auto Esporte, CSP, Femar, Serrano, Santos e Spartax); Agreste (Picuiense, Perilima, Queimadense, Sport Lagoa Seca e Treze); Brejo (Guarabira, Confiança, Internacional, São Paulo Crystal e Botafogo) e Sertão (Atlético de Cajazeiras, Esporte de Patos, Sabugy, Nacional e Sousa) sendo todos os grupos constituídos por cinco clubes, exceto o grupo do Litoral.

Campeão da temporada passada, o Confiança de Sapé defende o título e quer manter a hegemonia na disputa para garantir presença nas principais competições regionais e nacionais da categoria.

“Temos a experiência de já ter vencido a competição e representar o futebol paraibano em grandes competições nacionais, o que nos leva a ter um patamar maior em relação a outras equipes. Será um campeonato difícil, estamos criando um grupo para buscar o bicampeonato”, comentou Wilson Nascimento, presidente do clube da cidade de Sapé.

Sem disputar a Copa São Paulo de

Futebol Júnior, desde 2018, o Botafogo quer usar o Paraibano Sub-20 como trampolim, para voltar a jogar pela principal competição nacional da categoria, depois de quatro anos.

“Temos uma base boa para brigar pela competição e somos sabedores da qualidade dos adversários que iremos enfrentar. A nossa expectativa é de desenvolver um trabalho para que possamos conquistar espaços e recolocar o clube nas principais competições da categoria”, pontuou Luiz Chanceler, diretor das categorias de base do clube.

O CSP vem se consolidando como um dos clubes tradicionais e constantemente está representando o futebol da Paraíba nas principais competições regionais e nacionais da categoria. Revelador de jogadores de destaques das categorias de base no futebol paraibano, o Tigre figura como um dos favoritos à conquista do título. Mas, para o presidente do clube, Josivaldo Alves, existem na competição outras equipes com a capacidade de conquistar a taça de campeão.

“Esperamos fazer uma grande competição, mas sabendo que vamos disputar competição com grandes adversários. Somos tidos como uma das equipes favoritas e embora estando a frente de alguns concorrentes, há equipes com capacidades de vencer a competição. Vamos construir o nosso planejamento em busca de mais um título, com respeito a todos os adversários, pois a soberba é o primeiro princípio para o

fracasso no esporte e também na vida”, comentou Josivaldo Alves.

Bicampeão paraibano na categoria principal, o Sousa quer repetir o sucesso no sub-20. A equipe sertaneja acredita no trabalho do treinador Nildo Lima para conduzir a garotada alviverde na competição. O comandante é também um formador de jogadores nas categorias de base na região do Sertão, e chega com a missão de recolocar o “Dinossaurinho” nas principais competições regionais e nacionais da categoria. A última vez que o clube disputou uma competição da categoria, fora da Paraíba, foi em 2001, na Copa São Paulo de Futebol Júnior.

“A diretoria do Sousa acreditou em nosso projeto. Temos toda uma base montada para a disputa da competição e estamos dando sequência aos treinos e amistosos para chegarmos com um ritmo competitivo até a data da estreia. O nosso desejo é de que possamos, num prazo de três anos, recolocar o Sousa nas principais disputas das competições da categoria, em nível regional e nacional”, disse Nildo Lima.

Todos os 45 jogos da 1ª fase do Campeonato Paraibano Sub-20 estão previstos para serem concluídos até a segunda metade do mês de junho. Antes na qualidade de sub-19 e agora sub-20, a principal competição das categorias de base do futebol da Paraíba vai garantir, para os melhores clubes, vagas para a participação na Copa São Paulo de Futebol Júnior de 2023 e nas Copas do Brasil e do Nordeste deste ano.

Jogos de hoje

■ SÉRIE A

16h

Corinthians x São Paulo
Fortaleza x Fluminense

19h

Athletico-PR x Avaí

■ SÉRIE B

11h

Cruzeiro x Sampaio Corrêa

■ SÉRIE C

11h

Mirassol x Altos

16h

Manaus x São José-RS

17h

Vitória x Confiança

18h

Aparecidense x Floresta

19h

Paysandu x Volta Redonda

■ SÉRIE D

15h

Pérolas Negras x São Bernardo
Azuriz x Aimoré
Nova Venécia x Caldense

15h30

São Luiz x Próspera

16h

Santa Cruz x CSE
ASA x Jacuipense
Atlético-BA x Sergipe
Bahia de Feira x Inter de Limeira
Cianorte x Paraná
Ação-MT x Anápolis

16h30

Costa Rica-MS x Operário VG

17h

Moto Club x Fluminense-PI

NEO QUÍMICA ARENA

Corinthians x São Paulo é destaque de hoje no complemento da sétima rodada do Brasileirão

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

O “Clássico Majestoso” é o grande destaque dos jogos que complementam a 7ª rodada do Brasileirão da Série A, deste domingo (22). Corinthians e São Paulo se enfrentam, às 16h, na Neo Química Arena, em São Paulo-SP, pela briga direta na parte de cima da tabela de classificação.

No 15º encontro entre as equipes, na Neo Química Arena, o Timão vai defender um tabu contra o tricolor. Desde 2014, o Corinthians soma dez vitórias e cinco empates contra o rival, uma invencibilidade que já dura oito anos. Foi o terceiro encontro do clássico na temporada, nos dois confrontos anteriores pelo Paulistão, foram duas vitórias do São Paulo, no Morumbi.

Além do confronto pelo Clássico Majestoso, duas outras partidas completam a rodada. O Fortaleza-CE enfrenta o Fluminense-RJ, às 16h, no Castelão, Fortaleza-CE e o Atlético-PR recebe o Avaí-SC, na Arena da Baixada, às 19h.



Foto: Rubens Chiri/aseopaulofc.net

O São Paulo vem de uma grande vitória pela Copa Sul-Americana, na última quinta-feira

Paraibano voou antes de Santos Dumont

Junho marcará os 262 anos da morte de Marcos Barbosa, considerado o inventor da asa delta e protagonista do primeiro acidente aéreo do mundo

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@gmail.com

O monge pernambucano Domingos do Loreto Couto, que nasceu em Recife no ano de 1695 e morreu em 1762, ao escrever o livro 'Desagravos do Brasil e Glória de Pernambuco', em 1759, trouxe ao conhecimento público a história de um paraibano que não se tornaria ilustre, se seletos e reputados escritores – como Coriolano de Medeiros, Celso Mariz e Carlos Romero, por exemplo –, não lembrassem dele. Esse ilustre e desconhecido paraibano é Marcos Barbosa, natural de Mamanguape, cidade localizada a 51 quilômetros de João Pessoa, considerado o inventor da asa delta e o protagonista do primeiro acidente aéreo do mundo.

Nascido, provavelmente, em 1700, ao que parece morreu na mesma cidade onde nasceu, Mamanguape, em junho de 1760, com a sina de se tornar um esquecido se, vez por outra, um erudito não recordasse de seus feitos. Em junho deste ano será lembrado o 262º aniversário de sua morte. Era filho do comerciante Luiz Pereira Barbosa e da costureira e professora Luíza Gomes. Na época dessa proeza, Mamanguape era só um povoado. O menino criativo não teve escolas para ensinar-lhe artes tão distintas e engenhosas.

Em 1709, quando Marcos Barbosa tinha apenas 9 anos, o frade português Bartolomeu Lourenço de Gusmão requeria, na Europa, a patente de um aparelho que "andaria com gente pelo ar", denominado "passarola". Hoje, a engenhoca seria chamada aeróstato ou balão. Domingos Loreto, em seus escritos, anos mais tarde, tratava do invento de Marcos Barbosa usando o verbo no passado: "Se a invenção inovadora de Bartolomeu de Gusmão teve essa sorte, o que se pode imaginar de uma experiência idêntica registrada depois da "passarola" no litoral norte da Paraíba, a qual chamamos "de tentativa aeronáutica empírica", com poucas testemunhas presentes, entre os quais nativos da nação Potiguara?".

Loreto falava de uma espécie de planador criado por Marcos Barbosa, cuja forma se assemelhava a uma borboleta, com a qual o jovem voou da torre da Igreja de Mamanguape até o mar, onde caiu, protagonizando, talvez, o primeiro voo tripulado do mundo com um objeto mais pesado que o ar e, paralelamente, o primeiro acidente aéreo do planeta. Também teria alcançado a maior distância aérea da época, com autonomia de voo de 31 quilômetros se tivesse caído na praia mais próxima de Mamanguape, Baía da Traição. Nesse caso, seu voo teria duração de 40 minutos a uma hora, o que seria outro recorde tecnológico para a época.

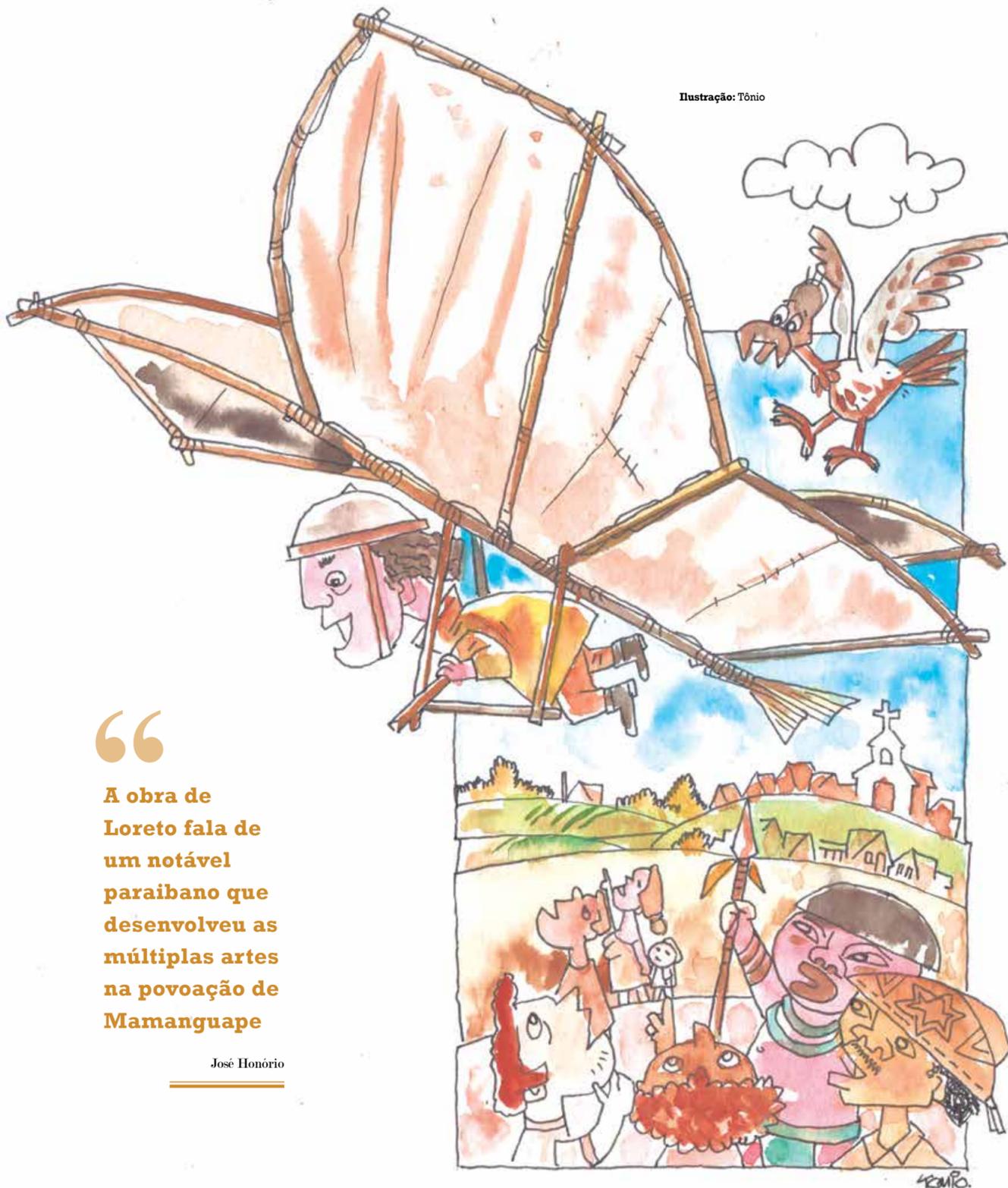
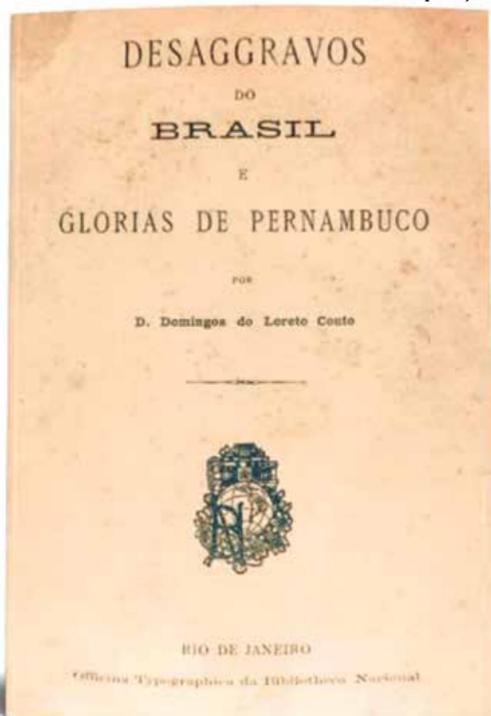


Ilustração: Tônio

“
A obra de Loreto fala de um notável paraibano que desenvolveu as múltiplas artes na povoação de Mamanguape

José Honório

Foto: Reprodução



Livro do monge pernambucano Domingos do Loreto Couto

Com poucas testemunhas presentes, o paraibano Marcos Barbosa criou uma espécie de planador, cuja forma se assemelhava a uma borboleta. Ele teria voado da torre da Igreja de Mamanguape até cair no mar

Era o voo do milhão contra o tostão

Os irmãos Wright, nascidos nos Estados Unidos, com recursos disponíveis dos melhores motores da época, só alcançaram proeza quase igual 144 anos depois de Marcos Barbosa, em 14 de dezembro de 1903, num discreto lugarejo do interior norte-americano, obtendo uma hora de autonomia de voo e atingindo distância de 259 metros.

O 14-Bis do brasileiro Santos Dumont, de Minas gerais, em 25 de setembro de 1906 só voou 10 minutos em torno da Torre Eiffel, em Paris. Dumont tinha pais ricos e o avô era um dos barões do café. Os Wright eram filhos de um bispo anglicano, de família abastada. Eles e Santos Dumont tiveram condições monetárias para financiar suas

invenções. O paraibano Marcos Barbosa era rapaz pobre, que usou material reciclável em sua asa delta pioneira, segundo observa alguns escritos. Esses voos históricos representaram a disputa do milhão contra o tostão.

No conceito do historiador José Honório, o manuscrito de Loreto 'Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco', datado de 1759, é obra indispensável para o conhecimento do Nordeste até o século 18 e se baseia em documentos e na tradição oral. Loreto batiza o capítulo de sua obra sobre Marcos Barbosa com o título 'Dos que pela sua rara habilidade sem ter mestres de quem aprendessem foram insígnies em algumas artes'.

E, depois, Honório dá no-

tícia de que "a obra de Loreto fala de um notável paraibano que, naquela época, desenvolveu as múltiplas artes do seu gênio na povoação de Mamanguape, então pertencente ao Termo de Monte-Mor, que antes se chamava Aldeia da Preguiça (hoje território de Vila Regina, em Rio Tinto, a 52 quilômetros de João Pessoa)".

Coriolano de Medeiros incluiu o livro de Loreto e a história de Marcos Barbosa em seu 'Dicionário Corográfico da Paraíba'. Em 1910, ele declarou que inteligências como as de Marcos Barbosa e de Loreto devem ser motivo de orgulho para o Brasil inteiro. Celso Mariz o lembrava em seus escritos e nos discursos históricos, com grande veemência.

Retumba Filho

Esquecido, mesmo com bons serviços prestados à Paraíba

Hilton Gonçalves
hiltongonvcarvalho@gmail.com

“Após a morte de Retumba, o mundo calou-se à sua volta e não restou dele retratos, parentes e, a não ser poucos escritos, não ficou lembrando ele nem mesmo um autógrafa”. José Joffily fala, assim, do jornalista Francisco Soares de Retumba Filho, o homem que fundou A Gazeta do Sertão junto com Irineu Joffily e que, de 1876 a 1890, se tornou o jornalista mais polêmico da província, ousando arriscar um razoável capital na implantação de um periódico, em Campina Grande, mesmo sabendo que, lá, ainda não havia leitores suficientes, tipógrafos e outras pessoas especializadas nessa arte de imprimir.

No artigo ‘História e Poder nas Páginas de um Jornal’, o historiador Luciano Mendonça de Lima destaca que “a trajetória de um jornal ajuda a iluminar a história do lugar que o viu nascer”. Mas assim não aconteceu com A Gazeta do Sertão, que tinha o subtítulo de “O Democrático”, fundado em Campina Grande a 1º de setembro de 1888 pelos jornalistas Francisco Soares da Silva Retumba Filho e seu amigo Irineu Joffily.

O jornal acabou empastelado, porque essa dupla, apesar de ser republicana e abolicionista, resolveu atacar os emergentes desse novo regime que, ao ver deles, “eram apenas a continuidade dos vícios e corrupções de ex-monarquistas, atrelados aos cargos estratégicos da República”.

Retumba Filho viu, impotente, o seu jornal ser empastelado pelos correligionários de Venâncio Neiva, também republicanos como ele. Isso aconteceu em 1890, anos após a fundação de A Gazeta do Sertão. Retumba Filho colocou o jornal para funcionar com o dinheiro de uma

indenização devida a seu pai e homônimo, o engenheiro português Francisco Soares da Silva Retumba, acusado pelo então presidente da Província, Américo Brasiliense, de não terminar a construção da ponte sobre o Rio Sanhauá, ligando o Distrito de Barreiras (a atual Bayeux) à capital, na época denominada Cidade da Parahyba do Norte (hoje, João Pessoa).

O PhD em História, formado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Josemir Camilo de Melo, em ‘Uma Biografia para Retumba’, destaca: “Retumba Filho e Irineu Joffily fundaram juntos A Gazeta do Sertão. Ao morrer Retumba Filho, precocemente em 1891 (os 34 anos), A Gazeta do Sertão o homenageou com um necrológico fraterno de página inteira e nunca mais tocou no nome dele, embora Irineu continuasse ativamente escrevendo artigos por mais outros longos 10 anos”.



Retumba Filho praticamente teve sua memória “apagada”; nem fotografias ficaram para a história

Ilustração: Tonio

Famoso, porém ignorado e abandonado

■ Viajando pelo interior, Retumba Filho constatou a falta de meios de comunicação e transporte entre as cidades

O historiador Josemir Camilo destaca: “É de se estranhar que um homem como Retumba Filho, que prestou relevantes serviços à sua terra, não se tenha dele quase nada de escrito. Apesar de ninguém saber a causa real da sua morte, suspeita-se de suicídio”. A família teria se calado para a igreja não negar-lhe sepultamento em um cemitério católico, como era costume na época.

De acordo com Josemir, “tem-se divulgado que o Retumba famoso da segunda metade do século 19 foi o Retumba Filho (Francisco Soares da Silva), que teria nascido na capital paraibana em 8 de agosto de 1856, e falecido, em Recife, em circunstâncias misteriosas, aos 34 anos, em 3 de dezembro de 1890”.

Segundo o site do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), Retumba era filho do engenheiro português Francisco Soares da Silva Retumba, construtor da Ponte do Sanhauá. O Retumba Filho, ao se tornar adulto, teria ido morar e estudar na Europa, formando-se, na França

(ou na Bélgica), em Engenharia de Minas.

Josemir deixa claro que José Joffily, no livro ‘Entre a Monarquia e a República’, diz que ele teria se formado em Liege (Bélgica), mas que José Joffily recebera uma carta de lá, desmentindo essa informação. Daí a dúvida se Retumba Filho era diplomado ou não. Voltando à Paraíba, Retumba Filho apresentou-se como engenheiro de minas. Foi convidado pelo presidente da Província a preparar um estudo sobre os recursos econômicos da Paraíba.

Retumba Filho viajou pelo interior e concluiu que a falta de meios de comunicação e transporte entre as cidades do interior era o que dificultava enormemente a exportação dos produtos agrícolas. Fez publicar essas informações em sua obra ‘Memória Sobre os Melhoramentos de que Precisa a Província’. Não era formado em Agronomia, mas partiu dele a sugestão de se criar, em Areia, no Brejo paraibano, na escola para estudos agrônômicos.

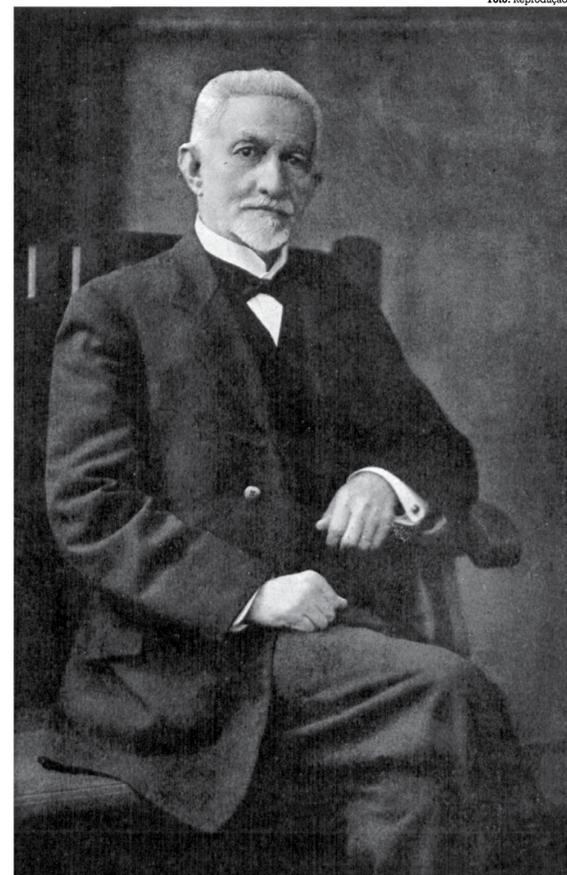


Foto: Reprodução

Venâncio Neiva e seus correligionários teriam contribuído para o empastelamento de jornal

Angélica Lúcio

Você faz comunicação estratégica ou está atolado em eventos e releases?

Estratégica da Embrapa e um dos principais nomes no Brasil na área da comunicação pública, afirma que gestão da comunicação é, essencialmente, administração. Para ele, não há como atuar em administração de organizações sem levar em conta o fator comunicação.

Infelizmente, como o próprio mestre afirma em livros, cursos e palestras (tive o prazer de ser sua aluna de modo on-line recentemente), há dirigentes que veem profissionais de comunicação como simples produtores de conteúdo, divulgadores ou organizadores de eventos. “Muitas vezes a equipe quer mostrar as grandes questões em que atua ou quer ter um papel mais central na gestão, mas a preocupação das lideranças é com postagens nas redes sociais, visibilidade na imprensa ou mesmo se a equipe do cerimonial vai acertar a sequência de falas, possuindo baixa informação e interesse sobre os grandes desafios da comunicação”, afirma Jorge Duarte.

Mas a culpa não é só das lideranças das organizações. É nossa também (sim, precisamos vestir essa carapuça). Para Jorge Duarte, a condição de reconhecimento do papel estratégico depende de o profissional de comunicação dar contribuição suficiente

para ser reconhecido nesse nível. “Na verdade, os profissionais da área precisam saber comunicar sobre comunicação se quiserem que ela seja compreendida e valorizada como merece”.

Ele defende, inclusive, que uma das principais tarefas dos comunicadores é “garantir que suas tarefas e responsabilidades sejam bem compreendidas e que os gestores saibam sua tarefa de comunicação como lideranças naturais que são”. Pois é, se sabemos “vender releases” para colegas da redação, também precisamos fazer isso com nossos gestores, porém de uma forma mais ampla, com ofertas que demonstrem todo o potencial da área.

No livro ‘Estratégia Aplicada à Comunicação’, Jorge Duarte aponta oito características da comunicação estratégica: 1. Alinhamento com os objetivos corporativos; 2. Influência no processo decisório; 3. Base em resultados; 4. Visão global, sistêmica e integrativa; 5. Protagonismo; 6. Orientação para o futuro; 7. Propósito definido; e 8. Estratégia.

Sobre estratégia, aliás, o autor sentencia: “Uma área de comunicação estratégica não fica a reboque da rotina, do improviso, das demandas ou de soluções criativas emergenciais, sendo apenas entrega soluções de

curto impacto, de manual, teria desativado o radar e perderia o foco e capacidade de dar soluções às questões mais importantes”.

Claro que o ideal é ter equipe para isso. Mas mesmo para quem vive (ou sofre?) a condição de “equipe”, é necessário reservar tempo para o planejamento em comunicação. Caso contrário, estaremos o tempo todo lutando contra a enorme demanda de releases, notas, cards, filmes... Seremos apenas hamsters correndo na rodinha. O tempo todo. O tempo todo. O tempo todo.

Tempo – as mensagens motivacionais nos lembram – é questão de prioridade. Se quisermos fazer comunicação com qualidade e que traga resultados, precisamos de gerenciamento (nosso ou do setor). Somente com o devido gerenciamento, teremos condições de dar conta da rotina, de conviver com questões fundamentais para a organização e de estar preparados para acompanhá-las nas novas formas de fazer comunicação. Para lidar com tudo isso sem surtar, não há pilula ou fórmula mágica: é necessário estratégia. E também, como propõe o mestre, ter uma missão. “Uma área de comunicação deve ter um propósito claro, definido, capaz de mobilizar, motivar e orientar o trabalho”. Pensem nisso!

Tocando em Frente

A Bossa-Nova – Parte 4

É evidente que a Bossa-Nova fez escola. Tanto é que surgiram muitos grupos e novos shows – podemos mesmo dizer – dela derivados ou que buscaram nela uma nova forma de fazer e tocar o samba ou o samba-canção.

Assim é que, além do já citado First Bossa Nova at Carnegie Hall, em 1962, tivemos por aqui um Festival de Samba Moderno, o Samba-Sessão e o Comando da Operação Bossa-Nova, além da formação de grupos, como os citados anteriormente, como Bossa Trio, Bossa Rio, Tamba Trio, Os Cariocas, Sambossa e, mais recentemente, o Quarteto em Cy e o MPB-4, que assimilavam e enfatizavam as ideias musicais da Bossa-Nova, tanto no fazer quanto no interpretar criações inspiradas no novo estilo/movimento.

Faremos, na sequência, um breve passeio pelo universo de compositores e/ou intérpretes cujos nomes estão hoje vinculados ao gênero.

Além de alguns já citados, a memória vai me fazendo recordar de alguns intérpretes, cujos perfis iremos traçando



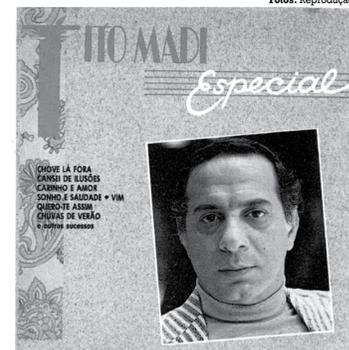
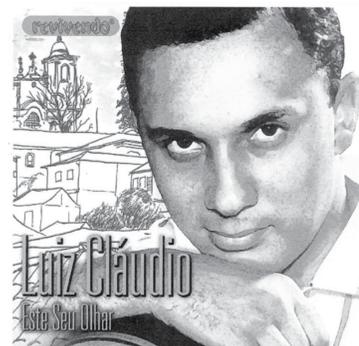
Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br



A maioria dos gestores não entende (ou não quer compreender mesmo) a importância da comunicação estratégica para as organizações. Muitos imaginam que comunicadores são meros cumpridores de ordens no estilo lanchonete fast food: de onde saem rapidinho eventos, releases, comunicados, posts para redes sociais, vídeos, fotos, campanhas.

As demandas são muitas e surgem a todo instante: sem critério de prioridade; sem condições de estrutura e de pessoal (quem aí faz parte de uma “equipe” levanta a mão); sem relevância para o propósito da instituição. Tudo isso, muitas vezes, ignorando-se quem estudou, continua se capacitando e está apto para tratar do assunto: os próprios comunicadores.

Jorge Duarte, gerente de Comunicação



Fotos: Reprodução

“você” (Tom Jobim e Dolores Duran), ‘Eu sei que vou te amar’ (Tom e Vinícius), ‘A noite do meu bem’ (Dolores Duran), ‘Menina Moça’ (Luiz Antônio). Há composições dele gravadas, entre outros, por Nora Ney, Rossana Toledo, Elizeth Cardoso, Maysa, Agostinho dos Santos e até por The Platters. O grupo norte-americano gravou ‘It’s Raining Outside’ (versão para ‘Chove lá fora’) e ‘Said River’ (versão para ‘Rio Triste’), com as devidas e necessárias adaptações ao estilo do grupo, feitas pelo mentor Buck Ram.

Luiz Cláudio (de Castro) – (MG, 1935 – SP, 2013) – Sobre ele o poeta Carlos Drummond de Andrade, seu contemporâneo, dizia que “quando (ele) compõe e canta, fala de temas brasileiros que comovem a todos nós, sendo a voz dele um complemento de sua força criadora; é todo sentimento e todo Brasil, um Brasil que começa em Curvelo (MG) e vai acabar no coração da gente”.

Embora meio esquecido pelos bossa-novistas, teve algumas de suas criações gravadas por Elizeth Cardoso, Dick Farney, Tito Madi e Nara Leão. No gênero Bossa-Nova, sua gravação mais conhecida é ‘Este seu olhar’ (Tom Jobim). Dentre suas interpretações, há alguns destaques: ‘Menina’ (Paulinho Nogueira), ‘Estrada Branca’ (Tom e Vinícius) e uma interpretação magistral para o ‘Rancho das Flores’ (tema musical de John Sebastian Bach, para a cantata ‘Jesus, Alegria dos Homens’, com letra de Vinícius).



Fotos: Divulgação



PRATO DO DIA

Polvo ao creme

Ingredientes

- 50g de polvo (já fervido na água e sal)
- 1 colher de sopa de cebola picada
- 1 colher de pimentão picado
- 1 colher de sopa de tomate picado
- 1 colher de chá de manjeriço picado
- 2 colheres de sopa de molho branco
- 2 colheres de sopa de molho de tomate
- 1 colher de sopa de vinho branco
- Sal, pimenta do reino e noz moscada



Modo de preparo

■ Refogue a cebola com meia colher de sopa de margarina, deixe esbranquecer, acrescente o pimentão e o tomate picado, coloque o polvo corrigindo com sal e pimenta do reino; acrescente o molho de tomate e em seguida o molho branco. Se o molho de tomate já tiver manjeriço não precisa colocar. E por final acrescente o vinho branco e sirva.

PITADAS
A GOSTO

Foi inaugurada na noite do último dia 12, em João Pessoa, a nova unidade da Imune Kids® Grupo Imunik Vacinas e Cuidados, uma clínica especializada em imunização, com atendimento totalmente diferenciado. O novo espaço fica no Shopping Pátio Altiplano, piso L2, um dos principais centros com atendimentos médicos e serviços na cidade.

Presente na Paraíba desde 2010, a Imune Kids® oferece os serviços de vacinação, administração de medicação, primeiro brinco, consultoria materno-infantil, retirada de pontos e curativos, além de atendimento home care – serviço de atendimento domiciliar em saúde.

A nova clínica conta com uma vasta cartela de vacinas, seguindo as recomendações da Sociedade Brasileira de Imunização (SBLi).

A Imune Kids® integra uma rede de clínicas com unidades em João Pessoa, Guarabira e Campina Grande. O grande diferencial é o conforto e acolhimento de uma empresa que se adequa ao perfil de seus clientes, além do atendimento home care, que alia o conforto do lar do cliente à estrutura da empresa e de profissionais preparados para imunizar toda a família.

Serviços oferecidos pela Imune Kids®: avaliação da caderneta; vacina sem dor; calendário vacinal; clube de vacinas; administração de medicamentos; telessaúde; chatbotimunikresponde; imune go; farmacovigilânciainteligente; e home care.

A Imune KidsAssistencia de Enfermagem e Vacinação Ltda. Está localizada no Shopping Pátio Altiplano, Piso L2, à Rua Poeta Targino Teixeira, 251, no Altiplano Cabo Branco, em João Pessoa. Contatos: no Instagram: @vacinasimunekids; no site: <https://www.imunekids.com.br/>; e no telefone (83) 3566-6177.

Walter
UlyssesChef de cozinha
| ColaboradorCozinha
internacional

Muito tem se falado de cozinha internacional, como também as pessoas têm me perguntado onde fazer um curso. No Brasil se fala muito em faculdades e cursos de cozinha internacional. Partindo das fronteiras, isso deixa de existir. Se torna uma lenda.

Na história da gastronomia, se fala que a diferença entre a cozinha caseira e a preparada por chefs profissionais já é de longa data. Estudiosos afirmam que, desde a origem dos restaurantes, a elaboração começou a se diferenciar. Os restaurantes modernos originaram-se na época da Revolução Francesa, no fim do século 18.

Após a revolução, muitos chefs que trabalhavam em mansões ficaram desempregados. Com isso, surgiu a necessidade de desenvolver uma gastronomia mais tecnicada, que valorizasse a elaboração do alimento no seu preparo e na sua forma de apresentar e servir. Essa era a demanda dos novos restaurantes, que a partir dali tomou o mundo com suas tendências.

O tema cozinha internacional foi criado por brasileiros, para que a gastronomia no Brasil se desenvolvesse. Foi a maior valorização do costume de sair para saborear um bom prato em um restaurante aconchegante e tido como de cozinha internacional.

Nesse contexto, despontou a cozinha internacional, que pode ser associada também à globalização, que oferece uma visão diferente do mundo. A economia globalizada, os intercâmbios culturais e culinários cada vez maiores, as divulgações das culturas de outros países, entre outros fatores, têm contribuído para que a sociedade possa experimentar alguns dos hábitos e costumes de outros povos.

Ou seja, nada mais é que um restaurante onde possa ter todos os sabores, carnes, frutos do mar, massas... de todo o mundo da forma gastronômica, tendo que ter um cardápio muito extenso e de muitas variedades, por vez um número maior de funcionários na cozinha.

Esse termo é usado em grandes hotéis no Brasil, onde se usa grandes baixelas e travessas em prata e talheres finos, para poder agregar valores aos turistas estrangeiros e podem vender seu produto de maneira que eles possam comer o que já existe em seu país.

Pois existe uma ilusão muito grande que o turista de outro país quando vem visitar o Brasil quer comer a comida local e não é bem assim!

O Brasil é um país imenso de diversidade gastronômica, que foge de todos os padrões do mundo e você pode ter seu restaurante criando seus próprios pratos, sem se basear em um tipo de cozinha, mas que, se seja internacional, seja criativa e diferente. Se não será mais um no meio de todos.

A gastronomia é feita para criar e reinventar o que já existe neste mundo globalizado de hoje.

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lymaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tv e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.



Foto: Pixabay

ABUSO PSICOLÓGICO

Distorção de fatos que levam à insanidade

Abusadores convencem suas vítimas a acharem que enlouqueceram ou estão equivocadas sobre um assunto

Juliana Cavalcanti
juliana.ferreiracavalcanti@gmail.com

O 'Manual de Boas Práticas para Promoção de Igualdade de Gênero', do Ministério Público do Trabalho (MPT), define o *gaslighting* como um dos tipos de abuso psicológico que leva a pessoa a achar que enlouqueceu ou está equivocada sobre um assunto, sendo que ela está originalmente certa. No contexto brasileiro, os estudos sobre o tema ainda são recentes e se concentram mais nos temas sobre gênero (violência contra a mulher) e política (feminismo e posição da mulher no contexto político).

Na Paraíba, a maioria das pesquisas sobre o *gaslighting* é da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com 23 ao todo. A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por sua vez, publicou três estudos e a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) tem dois trabalhos nessa área.

O *gaslighting* é formado por um conjunto de agressões nos quais as informações da realidade são alteradas, visando favorecer o abusador. De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (CFP), essa é uma forma de abuso psicológico em que o agressor distorce os fatos e omite situações para deixar a vítima em dúvida em relação a sua memória e sanidade. Ele é formado por três dimensões: isolamento da vítima de outras pessoas (amigos e familiares), controle sobre a vida da vítima (sobre o financeiro, sobre os filhos) e imposição do próprio pensamento (só prevalece a opinião e vontades do agressor, em detrimento do que a vítima acha ou quer).

"O *gaslighting* serve como uma ferramenta de manipulação para conseguir atingir todas essas dimensões, pois o agressor pode mentir e distorcer fatos para 'provar' à vítima que ele é sua única companhia e por isso ela não precisa de amigos ou até mesmo dos seus familiares, levando-a, assim, ao isolamento", define a doutora em psicologia pela University of

Kent (Inglaterra) e professora do Departamento de Psicologia da UFPB, Ana Raquel Torres.

Está presente geralmente em todas as relações no qual existe violência física e psicológica. É comum em relacionamentos abusivos onde ocorrem comportamentos rotineiros que fazem com que a vítima fique confusa e duvide de sua própria percepção.

O círculo profissional também pode ser atingido pelo *gaslighting*. Sobre isso, a pesquisadora afirma que, apesar de existir poucas evidências científicas nesse contexto, é possível inferir que, uma vez que o abuso psicológico não é algo restrito às relações amorosas e afetivas, ele também pode se fazer presente nas relações de trabalho. "Por se tratar de uma estratégia de dominação e que busca a submissão do outro, no contexto laboral, ele serve também para esses mesmos objetivos, geralmente ocorrendo por meio de abuso de poder de chefes ou até mesmo entre os próprios funcionários de uma empresa", pontua.

O *gaslighting*, nesse caso, é uma ferramenta ligada ao assédio moral e ao bullying que frequentemente visa a demissão da vítima e pode gerar sérios traumas, como estresse pós-traumático, ansiedade e depressão (isso ocorre também nos relacionamentos amorosos).

Para o psiquiatra e professor da UFPB, Rivando Rodrigues, o *gaslighting* se manifesta na mesma forma que ocorre em qualquer relacionamento com pessoas que gostem de manipular. Nesse caso, representa uma pressão exercida não de forma temporária, mas diária. Ele explica que os abusadores são indivíduos que conseguem manipular excessivamente, exercendo um poder sobre o outro tão intenso que a vítima pode não conseguir se afastar, porque fica frágil emocionalmente. E quanto antes ela se distanciar do abusador terá menos repercussões na vida dela.

Foto: Arquivo Pessoal



Por se tratar de uma estratégia de dominação e que busca a submissão do outro, no contexto laboral, ele serve também para esses mesmos objetivos, geralmente ocorrendo por meio de abuso de poder de chefes ou até mesmo entre os próprios funcionários de uma empresa

Ana Raquel Torres

Atos não dependem apenas da hierarquia

O meio ambiente do trabalho é o espaço onde as pessoas realizam suas atividades profissionais e seu equilíbrio depende de um local saudável e sem agentes que prejudiquem a segurança físico-psíquica dos funcionários. Porém, o *gaslighting* se manifesta nesse meio a partir de diversas formas de abuso, como insultos, agressões verbais, diminuições e deprecições.

Conforme a procuradora-chefe do Ministério Público do Trabalho na Paraíba (MPT-PB), Andressa Coutinho, o *gaslighting* nesse local, pressupõe uma relação de poder entre o abusador e a vítima, onde o abusador é geralmente uma pessoa hierarquicamente superior (gerente, supervisor etc.).

São frases e discursos que desacreditam a vítima como: "você está louca (o)!", "você não sabe de nada!", "você está errado!", "era uma brincadeira!", "você não tem senso de humor!", "você é sensível demais!", "você fez tal coisa e não lembra!", sem a pessoa ter feito. Essas frases ditas repetidamente acabam distorcendo a realidade e abalando o psicológico

da vítima, porque, quando esta tenta discordar, o manipulador não argumenta, mas sempre utiliza uma das afirmativas anteriores.

Embora a maioria dos casos seja praticada pelo superior hierárquico, nada impede que um colega de mesma hierarquia pratique esse tipo de manipulação. O colega de trabalho pode ter inveja porque a vítima estaria se destacando no cargo ou obteve algum crescimento profissional. Com isso, tenta diminuir, frustrar as conquistas do outro funcionário, tentando fazer com que esse duvide de sua capacidade ou acredite estar com algum problema mental.

A agressão acontece no sentido de fazer com que a vítima se sinta desacreditada, com a auto-estima destruída e ela muitas vezes chega a pedir demissão do emprego. "Isso desemboca em doenças psicossomáticas, psíquicas, doenças físicas, decorrentes da alta carga desse estresse emocional. É uma prática extremamente abusiva e umas das piores que podem existir dentro do meio ambiente de trabalho", acrescenta Andressa Coutinho.

Foto: Arquivo Pessoal



Isso desemboca em doenças psicossomáticas, psíquicas, doenças físicas, decorrentes da alta carga desse estresse emocional. É uma prática extremamente abusiva e umas das piores que podem existir dentro do meio ambiente de trabalho

Andressa Coutinho

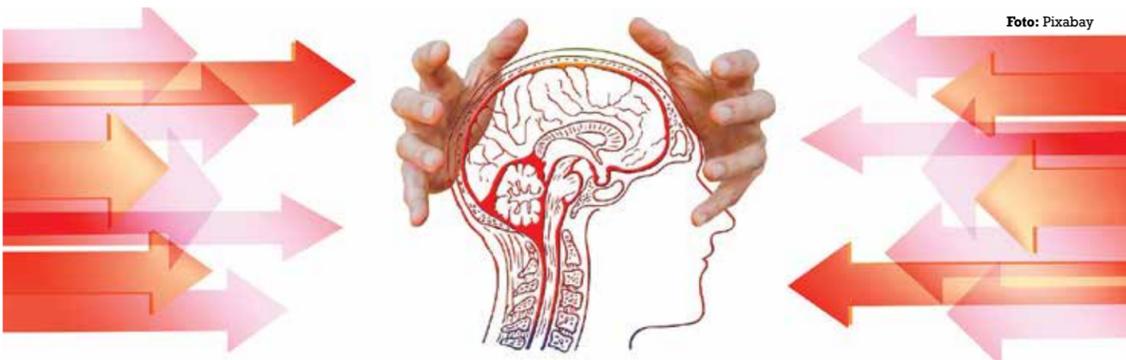


Foto: Pixabay

SEQUELAS EMOCIONAIS

Silencioso, repetitivo e destrutivo

Ações contínuas podem levar as pessoas à depressão, uso de substâncias, ansiedade e até mesmo ao suicídio

Juliana Cavalcanti
juliana.ferreiracavalcanti@gmail.com

O *gaslighting* é caracterizado por ações contínuas, silenciosas e repetitivas que podem evoluir para graves sequelas emocionais, como depressão, uso de substâncias, ansiedade, suicídio, transtornos alimentares ou o transtorno de personalidade dependente.

A vítima é desvalorizada e tem os sentimentos minimizados e, conforme a procuradora Andressa Coutinho, do Ministério Público do Trabalho (MPT), o abusador manipula o psicológico da pessoa para que ela acredite que ela não está no domínio de suas faculdades mentais. O psiquiatra Rivando Rodrigues observa que nem sempre os abusos promovem problemas psicológicos, embora o mais comum nas vítimas seja o transtorno de personalidade dependente, já que convive com o abusador e não consegue se afastar.

Identificar esse problema pode não ser tão simples já que o agressor manipula a realidade, provocando um desgaste do amor próprio e autoconfiança da vítima. Segundo a representante do MPT na Paraíba, uma pessoa que está sempre esgotada

mentalmente, com depressão, insegura, com dificuldades para se expressar ou sofrimento de algum tipo de transtorno de ansiedade generalizada, tristeza excessiva e outros problemas pode estar sendo abusada psicologicamente inclusive no ambiente de trabalho.

Se a pessoa já manifesta sintomas visíveis, provavelmente já deve estar sendo manipulada há um tempo considerável e precisará de acompanhamento psicológico e psiquiátrico, muitas vezes auxiliado por medicações. Recuperar uma pessoa desses maus tratos para que ela tenha de volta a sua capacidade e produtividade pode ser demorado e, de acordo com a procuradora, a pessoa vai precisar também de acolhimento no local de trabalho para que ela possa se sentir totalmente capaz, se afastando do abusador e não se deixando mais abalar por esse tipo de conduta.

As doenças são tratadas por um psiquiatra através de algumas medicações que não são voltadas apenas a melhorar a vida do indivíduo (sem sedação) associado a um processo psicoterapêutico. São tratamentos a longo prazo (cerca de um ano) dependendo da gravidade.



Foto: Pixabay

Casos de *gaslighting* podem ser difíceis de serem constatados

O *gaslighting* pode ser muito difícil de ser constatado, especialmente entre os casos mais graves nos quais a vítima pode nem ter consciência do abuso psicológico e os abusadores são mentirosos a maior parte do tempo. Difícilmente existe uma violência explícita e a vítima pode ter medo de perder o emprego, é submissa ou sente culpa pelas condutas do abusador.

Essa violência faz com que as opiniões da pessoa sejam tratadas como equivocadas, tornando difícil reconhecer, denunciar o abuso. Segundo a representante do MPT, todas as formas de assédio dentro das relações

de trabalho são delicadas para constituição de prova, porque necessitam de prova testemunhal, muitas vezes.

O *gaslighting* é uma espécie de assédio muito sutil, onde o agressor procura a vítima que ele percebe que tem maior fragilidade emocional. Com isso, se utiliza da sua posição hierarquicamente superior para manipular, desacreditar e deixá-la cada vez mais segregada e sensível, atingindo profundamente o psiquismo da vítima. É um padrão de comportamento que permite identificar o manipulador. "A forma de provar essa agressão tem que ser através de testemunhas, ou no caso

de haver alguma prova material, como por exemplo o envio de uma mensagem ou de um email, isso também constitui meio de prova", orienta a procuradora.

Segundo a psicóloga Ana Torres, apesar da lei Maria da Penha (de 2006) prever o abuso psicológico como um tipo de violência doméstica, ele não era passível de punição, pois só mediante provas de violência física que os agressores eram punidos. "Entretanto, isso mudou em 2021 com a homologação da Lei 14.188, que passou a considerar a violência psicológica contra a mulher passível de punição. Essa lei modifica tanto

a Lei Maria da Penha quanto o Código Penal Brasileiro (CPB). O agressor pode pegar uma pena de seis meses a dois anos de reclusão", acrescenta.

Denúncias

De acordo com a procuradora, o assédio moral com efeito *gaslighting* é considerado um crime e, por isso, o funcionário que se sentir desrespeitado e humilhado no trabalho deve acionar a Justiça do Trabalho, caso não seja possível tomar providências junto aos gestores ou ao setor de recursos humanos da empresa.

Em março de 2019, foi aprovado o Projeto de Lei

4742/2001, norma que tipificou o assédio moral no trabalho como crime, estabelecendo a pena de detenção de um a dois anos, além de multa. "O texto diz que se configura como assédio moral quem ofender reiteradamente a dignidade de alguém causando-lhe dano ou sofrimento físico ou mental por conta do exercício de emprego, cargo ou função", descreve Andressa Coutinho.

O mesmo tratamento ao assédio moral é realizado à prática de *gaslighting* e protegido por essa norma. Assim, esse abuso pode gerar sanções trabalhistas, cíveis e penais. Uma vez identifi-

cada a conduta, é necessário que seja feita uma denúncia ao MPT para que haja a instauração do inquérito civil e apuração da prática do *gaslighting* ou assédio moral e finalmente ocorra a punição do assediador (manipulador) e da empresa se for o caso.

A vítima pode buscar reparação trabalhista, cível e criminal no âmbito das justiças especializadas. A procuradora lembra que, mesmo que o agressor seja o maior causador do problema, a própria empresa também pode ser penalizada por permitir que haja esse tipo de conduta dentro do seu ambiente.

Vítimas mais frequentes

Por se tratar de uma dimensão do abuso psicológico, esse tipo de violência é mais frequente contra mulheres e crianças. "No âmbito dos relacionamentos afetivos, as mulheres são a maioria das vítimas, sendo as mais jovens, com idade entre 16 e 25 anos, as mais vulneráveis", afirma Ana Raquel.

A estudiosa ressalta que a literatura científica aponta que algumas condições podem favorecer a gravidade desse tipo de violência: pessoas com baixo nível de escolaridade, mulheres negras, baixa renda e outras. No entanto, essas condições não são determinantes do abuso psicológico e, ao mesmo tempo, pessoas com perfis diferentes também podem ser vítimas desse tipo de violência.

O machismo está entre as principais razões que fazem

com que as mulheres sejam as vítimas mais frequentes, já que elas são caracterizadas como histéricas, loucas e exageradas quando contestam as regras impostas pelos agressores. Para a procuradora, elas ainda continuam sendo as maiores vítimas de vários tipos de assédio moral e relacionamentos amorosos devido a discriminação histórica sofrida pelo sexo feminino.

Nas amizades

Segundo a pesquisadora Ana Raquel, assim como nas relações parentais, o *gaslighting* nas amizades está presente na forma de obtenção de controle sobre o outro, pois quem o pratica busca ter poder sobre a vítima. O propósito é manter a pessoa em situação de subserviência, desmotivando as denúncias e reforçando a lógica de



Foto: Pixabay

culpabilização. "É uma ferramenta de manipulação ou destruição da realidade, usado como sinônimo de 'enlouquecer' e é composto por comportamentos como mentira, comunicação confusa, silêncios hostis, reclamações, piadas, humilhações e a minimização dos efeitos nocivos do abuso psicológico contra a vítima", destaca.

Por não deixar marcas "visíveis", essa violência muitas vezes tende a ser minimizada ou vista como inofensiva. Mas controla

comportamentos, crenças e decisões, gerando consequências que podem durar a vida toda. São atos e situações voltadas a criar um desequilíbrio emocional.

O abuso psicológico e o *gaslighting* podem ocorrer mesmo após o fim dos relacionamentos e a doutora em psicologia acredita que o grande desafio das pesquisas é desenvolver estratégias de conscientização de que o abuso psicológico é uma forma de violência e pode ser punido legalmente.

A origem do termo

■ Após peça teatral e filmes, *gaslighting* é identificado com todo e qualquer abuso psicológico

O termo *gaslighting* tem origem no filme 'Gaslight' ('À Meia Luz'), de 1944. Na trama, o marido tenta convencer a mulher de que ela é louca, manipulando pequenos elementos de seu ambiente e insistindo que ela está errada ou que se lembra de coisas de maneira incorreta. O nome faz referência às lâmpadas alimentadas a gás (na época da história) e, em certos

momentos, piscavam. A mulher notava, mas o marido a fazia acreditar que seria imaginação dela, fazendo com que ela começasse a duvidar da própria sanidade.

Antes do filme, teve uma peça teatral chamada 'Gaslight', em 1938, e uma primeira adaptação para o cinema em 1940. Na história, o marido manipula a esposa psicologicamente, distorcendo fatos e mudando elementos do ambiente, para que ela se convença de que enlouqueceu.

A partir dessas obras, *gaslighting* passou a identificar todo e qualquer abuso que acontece por meio de manipulação psicológica da percepção da realidade. Essa definição foi adicionada ao Oxford English Dictionary em 2004.

MANIPULAÇÃO

Ameaça ao bem-estar emocional

Construção de relações em que há o *gaslighting* indica uma posição de passividade da vítima diante do agressor

Ítalo Arruda
 Especial para A União

Os sinais de abusos psicológicos e manipulação emocional, também classificados como *gaslighting*, no núcleo familiar ou em quaisquer outros espaços da convivência humana, como ambiente de trabalho, círculo de amizades e relacionamentos amorosos, dificilmente são percebidos pela vítima. Disfarçada e silenciosamente, os comportamentos abusivos reproduzidos nesses ambientes apresentam uma ameaça ao bem-estar emocional e psicossocial da vítima, que, de maneira inconsciente, é psicologicamente maltratada.

É o que afirma Ísis Simões Leão, mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), neuropsicóloga e psicóloga responsável técnica pelo Serviço-Escola de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (SEP/UFCCG). “Se alguém dá um tapa na cara de outra pessoa é óbvio que houve uma agressão. Mas o abuso psicológico acontece com palavras e ações, e há espaço para diversas interpretações, criando uma atmosfera de dúvida entre as atitudes do agressor ou agressora, e o sentimento da vítima”, explica.

A construção de relações em que há o *gaslighting* indica uma posição de passividade da vítima diante do agressor, e este posicionamento faz com que ela tenha dificuldades para reconhecer as atitudes violentas e sair da relação, já que o abuso é revestido por um comportamento dominador.

“Essa atmosfera dominadora, de relações com limites poucos claros, acaba confundindo a vítima a tal ponto que a figura do agressor tem um

poder difícil de ser contestado. Dessa forma, a pessoa é induzida a acreditar que o agressor ou a agressora tem razão e que ela é a culpada por possíveis divergências entre eles”, acrescenta Ísis.

Foi exatamente isso que aconteceu com a operadora de telemarketing Maria, de 27 anos, que, para manter a sua identidade preservada, adotou esse nome fictício. Ela conta que durante três anos namorou uma pessoa que, além de manipulá-la, a traía e a fazia pensar que estava “criando situações” e “imaginando coisas” que nunca existiram.

Segundo Maria, a partir do segundo ano do relacionamento, sua ex-companheira começou a adotar um comportamento abusivo, cujas atitudes não condiziam com aquela pessoa que conheceu antes de estabelecerem uma relação amorosa. Opiniões sobre que tipo de roupa, cabelo, modo de se vestir e até com quem a operadora de telemarketing deveria manter amizade foram algumas das situações de abuso às quais ela se submeteu.

“Mesmo que uma roupa ou determinada coisa fosse contrária a minha vontade, eu acabava cedendo aos pedidos dela só para não desagradá-la”, conta. O estopim do *gaslighting* no relacionamento de Maria, entretanto, se deu quando ela começou a desconfiar de uma traição da sua ex-namorada.

“Eu percebia e colocava diante dela os sinais [de traição], mas ela sempre negava e me dizia que eu estava imaginando coisas, fantasiando, delirando. Várias vezes ela me disse que o meu ciúme estava me deixando louca e abusiva, mas, na verdade, a abusiva era ela que me traía dentro da nossa casa”.

Essa é uma característica bastante comum nos casos de manipulação emocional: a pessoa que agride induz a vítima a questionar o seu próprio discernimento ou a sua capacidade de enxergar a realidade. É assim que pensa Victor Nóbrega, especialista em neuropsicologia pelo Centro Universitário de João Pessoa (Unipê), que desde 2018 tem se dedicado a atender adolescentes, adultos e casais em diversas demandas clínicas, entre elas, autoesti-



Foto: Pixabay

■ A vítima tem dificuldades de reconhecer as atitudes violentas e sair da relação, já que o abuso é revestido pelo comportamento dominador

ma e relações abusivas.

“Quem comete o abuso faz com que a vítima duvide de sua própria sanidade, tornando-a presa mais fácil para manipulação e outras violências. Geralmente, vem acompanhado de outros atos de abuso como forma de diminuir ainda mais a autoestima da vítima”, pontua Nóbrega, ao lembrar que, quanto maisabalada, mais manipulável se torna a vítima.

Ainda segundo o especialista, os constantes abusos acabam interferindo no comportamento da pessoa exposta a tal situação, que, além de deixar de lado algumas atividades e amizades, acaba se isolando, aumentando, com isso, as chances de desenvolver ansiedade e outros possíveis transtornos.

Psicoterapia como alternativa ao tratamento das vítimas de abuso

Os abusos psicológicos, geralmente, se camuflam entre uma forma de tolgher a vítima travestida de zelo e atitudes de cuidado encobertas por repressão. Conforme explica a mestre em Psicologia Ísis Leão, é preciso considerar que as relações são complexas e multifacetadas. E, no caso de *gaslighting*, a vítima é submetida a uma posição de passividade, e, em alguns casos, de dependência, diante do abusador ou da abusadora.

“É esse posicionamento que a faz ter dificuldades para sair da relação e até mesmo para identificar as atitudes violentas. Mais que isso, o estabelecimento desse tipo de relação se revela como um sintoma da vítima que acaba enclausurada, sem conseguir inventar saídas e repetindo esse tipo de relação”, frisa.

Durante os três anos de relacionamento, a operadora de telemarketing quis, por diversas vezes, sair da relação, mas a condição de dependência afetiva e emocional,

segundo ela, lhe impossibilitava de uma separação. “Eu pensava que, se a deixasse, nunca mais ia encontrar outra pessoa para amar e me sentir amada, me sentir querida, desejada por alguém”, diz.

Para reverter a situação, Ísis enfatiza que é imprescindível criar uma “rede de apoio” e acolhimento à vítima. “Culturalmente temos uma tendência a nos calarmos diante do abuso psicológico. Alguns atos abusivos são socialmente aceitos e até incentivados. Dessa forma, apoiar a vítima, sem julgamentos, é fundamental”, alerta.

Além do apoio de familiares e amigos, um acompanhamento psicoterápico é necessário para ajudar no processo de recuperação da vítima de *gaslighting*. O foco da psicoterapia, segundo Victor Nóbrega, é reestruturar a autoestima da vítima, ajudando-a a lidar melhor com a situação e criando estratégias de proteção.

“Ela precisa entender que qualquer relação, seja com pai, mãe, cônjuge, filhos ou amigos, precisa de limites saudáveis. O processo psicote-

rapêutico também vai agir nesse sentido de conscientização”, afirma o psicólogo, ressaltando que, durante o acompanhamento, é comum a intervenção de outros profissionais, como assistentes sociais, médicos e advogados, uma vez que a situação também pode envolver medidas de proteção judicial.

Foto: Arquivo Pessoal



Quem comete o abuso faz com que a vítima duvide de sua própria sanidade, tornando-a presa mais fácil para manipulação e outras violências. Geralmente, vem acompanhado de outros atos de abuso como forma de diminuir ainda mais a autoestima da vítima

Victor Nóbrega

Foto: Arquivo Pessoal



O abuso psicológico acontece com palavras e ações, e há espaço para diversas interpretações, criando uma atmosfera de dúvida entre as atitudes do agressor ou agressora, e o sentimento da vítima

Ísis Simões Leão



Foto: Pixabay

GASLIGHTING

Confusão mental: o começo de tudo

Muitas relações são marcadas por traços de violência psicológica que atingem pessoas de todas as idades

Ítalo Arruda
Especial para A União

As relações estabelecidas entre parentes e cônjuges são complexas e, algumas vezes, marcadas por traços de violências que estão além da agressão física, como a violência psicológica, por exemplo, que pode atingir pessoas de todas as idades e condições socioeconômicas, independentemente do gênero. As estatísticas, entretanto, comprovam que as mulheres compõem a maioria das vítimas dos casos de *gaslighting* no ambiente familiar.

Em 2020, a Paraíba registrou 2.470 denúncias com relação a algum tipo de violência psicológica contra a mulher, de acordo com dados da Secretaria de Estado da Segurança e Defesa Social (Sedes). Esse número, contudo, pode ser ainda maior, tendo em vista que muitas vítimas não chegam a prestar queixa ou oficializar a denúncia contra o abuso sofrido, aumentando, com isso, as subnotificações.

Como se trata de uma violência “camuflada” – já que na maioria dos casos de *gaslighting* a vítima não consegue reconhecer os sinais de abuso –, a formalização da denúncia se torna mais difícil. Além disso, a pessoa que comete o abuso tende a se comportar de tal forma que a vítima se confunda e duvide das ações manipuladoras. “Afinal, como eu poderia ser abusado ou abusada por alguém que me ama?”, questiona o psicólogo clínico Victor Nóbrega, que tem atuação em terapia cognitivo-comportamental e especialização em neuropsicologia pelo Centro Universitário de João Pessoa (Unipê).

Ele ressalta que esse processo de “confusão mental” começa de forma sutil, com pequenas omissões e mentiras, do agressor para a vítima, que vão evoluindo para atitudes mais graves e sérias da agressão psicológica, como insultos, ameaça, alienação, humilhação entre outros fatores que colocam em xeque a autoestima e autoconfiança da vítima, que, por sua vez, tende a cair numa “rede de autodepreciação”, desacreditando de si e das próprias situações de abuso.

Outra questão que merece atenção é que, geralmente, a manipulação emocional acompanha outros tipos de violência doméstica, como a patrimonial (quando há subtração, retenção, destruição total ou parcial de bens e objetos da vítima) e a moral (quando existe calúnia e difamação, por exemplo).

Legislação

Segundo o artigo 147-A do Código Penal Brasileiro (CPB), “perseguir alguém, reiteradamente e por qualquer meio, ameaçando-lhe a integridade física ou psicológica, restringindo-lhe a capacidade de locomoção ou, de qualquer forma, invadindo ou perturbando sua esfera de liberdade ou privacidade” é crime, com pena de reclusão de seis meses a dois anos, além de multa. Se o crime for cometido contra criança, adolescen-

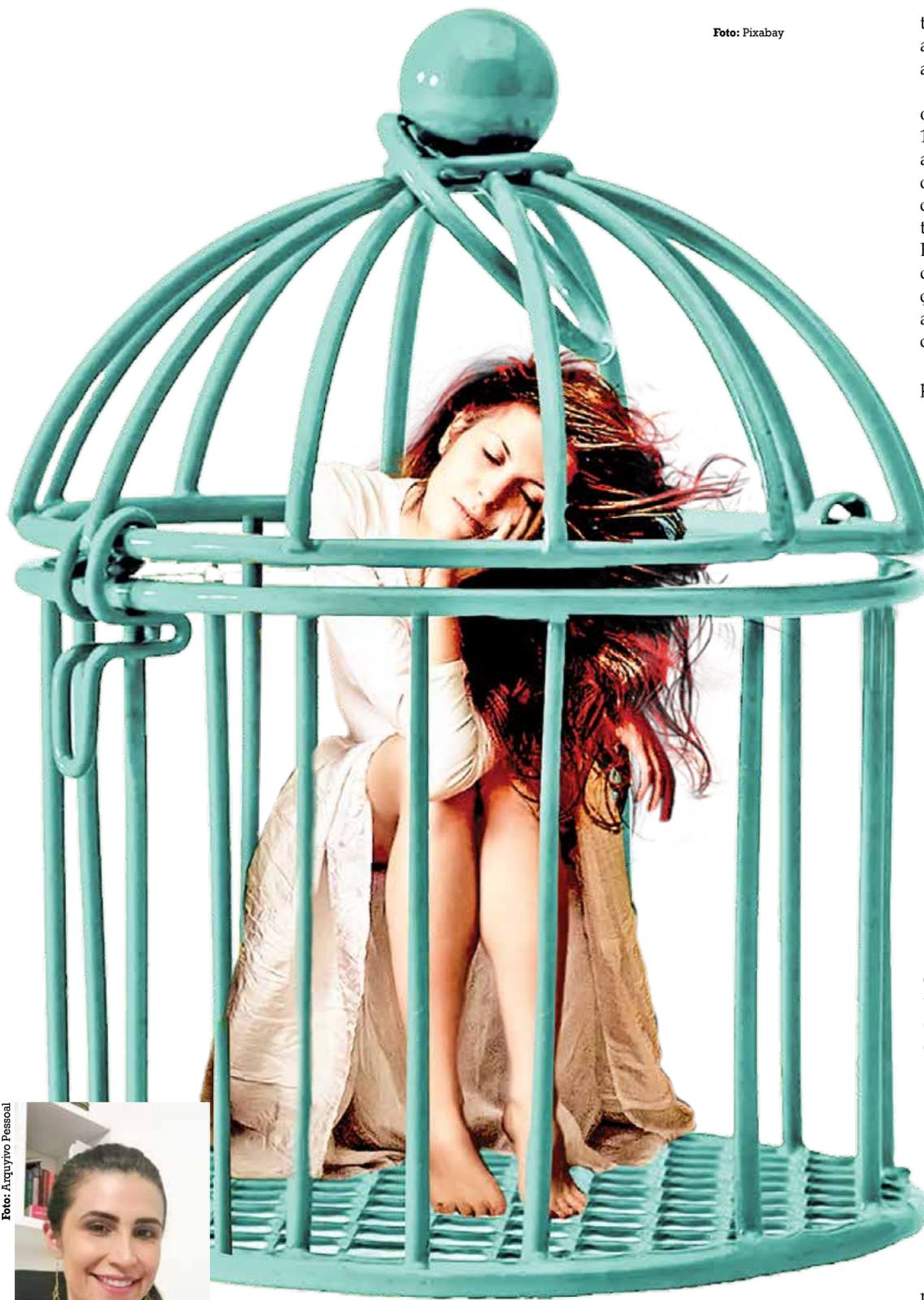


Foto: Pixabay

Foto: Arquivo Pessoal



Esse é um dos problemas que temos quando utilizamos a lei penal como política criminal para resolver algo tão complexo e estrutural. A prova é extremamente difícil e a lei acaba sendo dotada de uma carga puramente simbólica, que retroalimenta o ciclo de violência, sobretudo contra a mulher, em razão da sua pouca efetividade

Monaliza Montenegro

Lei penal é insuficiente para o problema

Assim como o advogada Sheyner Asfora, a coordenadora do Núcleo de Defesa da Mulher da Defensoria Pública do Estado da Paraíba (DPE), Monaliza Montenegro, acredita que as vítimas devem recorrer à Justiça para denunciar a violência sofrida, solicitar uma medida protetiva e buscar orientações com relação ao suporte e monitoramento dessa proteção que lhe é garantida.

Contudo, no pensamento da defensora, a lei penal é insuficiente para solucionar os problemas causados por

esse tipo de violência, principalmente quando exige da vítima provas e evidências de que ela foi psicologicamente violentada.

“Esse é um dos problemas que temos quando utilizamos a lei penal como política criminal para resolver algo tão complexo e estrutural. A prova é extremamente difícil e a lei acaba sendo dotada de uma carga puramente simbólica, que retroalimenta o ciclo de violência, sobretudo contra a mulher, em razão da sua pouca efetividade”, analisa.

Além da punição, Mon-

tinetro também pensa que é fundamental ampliar as políticas públicas e fomentar a implementação de projetos e redes de acolhimento, com o objetivo de minimizar as consequências advindas do *gaslighting*.

“O cuidado com a saúde mental é essencial para que

se rompa com o ciclo de violência no qual a vítima está inserida. Para além da punição ao abusador, o Estado precisa investir em políticas públicas de acolhimento, acompanhamento e assistência psicológica a quem sofre tal agressão”, conclui a defensora.

Sinais de um suposto abuso

Geralmente, os abusadores:

- falseiam a realidade, negando a verdade dos fatos;
- utilizam de estratégias para confundir a vítima, como excesso de cuidado e preocupação, por exemplo;
- fazem com que a vítima se afaste de amigos ou determinadas pessoas, sob a justificativa de que certas companhias não lhes fazem bem;
- ameaçam a vítima; e
- se contradizem e não cumprem

acordos, mas costumam cobrar isso da vítima.

E a pessoa abusada tende a:

- pedir desculpas constantemente mesmo sem motivos aparentes;
- se afastar das pessoas com quem mantém algum tipo de vínculo;
- se sentir insegura, triste e insatisfeita; e
- defender ou justificar o comportamento abusivo do agressor ou da agressora.



Ilustração: Pixabay